



Universidade Federal  
de Campina Grande

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS (MESTRADO)**  
**UFCG**

**BÁRBARA BRUNA DA TRINDADE GOMES**

**JUVENTUDES PRECARIZADAS NO CAPITALISMO DE PLATAFORMA  
E SEU POTENCIAL EXPLOSIVO**

Campina Grande – Paraíba

2023

**BÁRBARA BRUNA DA TRINDADE GOMES**

**JUVENTUDES PRECARIZADAS NO CAPITALISMO DE PLATAFORMA  
E SEU POTENCIAL EXPLOSIVO**

Dissertação Apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, pertencente a linha de pesquisa Desenvolvimento, Ruralidades e políticas públicas em cumprimento às exigências para obter o Título de Mestre em ciências sociais.

Orientador: Prof. Dr. Gonzalo Adrian Rojas

Campina Grande – Paraíba

2023

G633j      Gomes, Bárbara Bruna da Trindade.  
              Juventudes precarizadas no capitalismo de plataforma e seu potencial explosivo / Bárbara Bruna da Trindade Gomes. – Campina Grande, 2023.  
              121 f. : il. color.

              Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.  
              "Orientação: Prof. Dr. Gonzalo Adrian Rojas".  
              Referências.

              1. Capitalismo. 2. Desenvolvimento Tecnológico. 3. Plataformas Digitais. 4. Entregadores por Aplicativo. 5. Breque dos Apps. 6. Capitalismo de Plataforma. I. Rojas, Gonzalo Adrian. II. Título.

CDU 330.342.14(043)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
POS-GRADUACAO EM CIENCIAS SOCIAIS  
Rua Aprigio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

## FOLHA DE ASSINATURA PARA TESES E DISSERTAÇÕES

**BÁRBARA BRUNA DA TRINDADE  
GOMES**

JUVENTUDES PRECARIZADAS NO  
CAPITALISMO DE PLATAFORMA E SEU  
POTENCIAL EXPLOSIVO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Ciências Sociais como pré-  
requisito para obtenção do título de  
Mestre em Ciências Sociais.

Aprovada em: 07/03/2023

Prof. Dr. Gonzalo Ádrian Rojas - PPGCS/UFPG  
Orientador

Profa. Dra. Roseli de Fátima Corteletti - PPGCS/UFPG  
Examinadora Interna

Profa. Dra. Laudicéia Araújo Santana - IFPB  
Examinadora Externa



Documento assinado eletronicamente por **GONZALO ADRIAN ROJAS, COORDENADOR(A)**, em 07/03/2023, às 16:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **ROSELI DE FATIMA CORTELETTI, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 07/03/2023, às 16:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Laudicéia Araújo Santana, Usuário Externo**, em 24/03/2023, às 12:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **3165145** e o código CRC **BEF10647**.

---



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
POS-GRADUACAO EM CIENCIAS SOCIAIS  
Rua Aprigio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

## REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

### ATA DA DEFESA PARA CONCESSÃO DO GRAU DE MESTRE EM CIÊNCIAS SOCIAIS, REALIZADA EM 07 DE MARÇO DE 2023

**CANDIDATA: Bárbara Bruna da Trindade Gomes.** COMISSÃO EXAMINADORA: Gonzalo Ádrian Rojas, Doutor, PPGCS/UFCG, Presidente da Comissão e Orientador; Roseli de Fátima Corteletti, Doutora, PPGCS/UFCG, Examinadora Interna; Laudicéia Araújo Santana, Doutora, IFPB, Examinadora Externa. **TÍTULO DA DISSERTAÇÃO:** "*Juventudes Precarizadas no Capitalismo de Plataforma e seu Potencial Explosivo*". **ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:** Sociologia. **HORA DE INÍCIO:** 14:30h **LOCAL:** Sala Virtual (Google Meet). Em sessão pública, após exposição de cerca de 45 minutos, a candidata foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo demonstrado suficiência de conhecimento e capacidade de sistematização no tema de sua dissertação, obtendo conceito APROVADA. Face à aprovação, declara o presidente da Comissão achar-se a examinada legalmente habilitada a receber o Grau de Mestre em Ciências Sociais, cabendo a Universidade Federal de Campina Grande, como de direito, providenciar a expedição do Diploma, a que a mesma faz jus. Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata, que é assinada por mim, RINALDO RODRIGUES DA SILVA, e os membros da Comissão Examinadora. Campina Grande, 07 de março de 2023.

#### **Recomendações:**

RINALDO RODRIGUES DA SILVA

Secretário Acadêmico

GONZALO ÁDRIAN ROJAS, Doutor, PPGCS/UFCG

Presidente da Comissão e Orientador

ROSELI DE FÁTIMA CORTELETTI, Doutora, PPGCS/UFCG

Examinadora Interna

LAUDICÉIA ARAÚJO SANTANA, Doutora, IFPB

Examinadora Externa

BÁRBARA BRUNA DA TRINDADE GOMES

Candidata

## 2 - APROVAÇÃO

2.1. Segue a presente Ata de Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata **BÁRBARA BRUNA DA TRINDADE GOMES**, assinada eletronicamente pela Comissão Examinadora acima identificada.

2.2. No caso de examinadores externos que não possuam credenciamento de usuário externo ativo no SEI, para igual assinatura eletrônica, os examinadores internos signatários certificam que os examinadores externos acima identificados participaram da defesa da dissertação e tomaram conhecimento do teor deste documento.



Documento assinado eletronicamente por **Laudicéia Araújo Santana, Usuário Externo**, em 07/03/2023, às 16:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **GONZALO ADRIAN ROJAS, COORDENADOR(A)**, em 07/03/2023, às 16:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **ROSELI DE FATIMA CORTELETTI, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 07/03/2023, às 16:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **BÁRBARA BRUNA DA TRINDADE GOMES, Usuário Externo**, em 07/03/2023, às 17:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **RINALDO RODRIGUES DA SILVA, SECRETÁRIO (A)**, em 07/03/2023, às 17:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **3164907** e o código CRC **59F05089**.

## RESUMO

O desenvolvimento tecnológico constituído, sobretudo, pela nanotecnologia, robótica e tecnologia da informação, tem promovido transformações significativas no mundo e nas relações de trabalho. Especificamente no Brasil, essas transformações foram acentuadas a partir dos anos 90, com a implantação das políticas neoliberais do governo Collor, generalizando a precarização e a flexibilização do trabalho através do incentivo de contratações informais e desregulamentadas. Hoje, os novos contornos, organização e gestão que vem se configurando no mercado de trabalho, estão se tornando mais reconhecíveis através do trabalho mediado pelas plataformas digitais. Nos últimos anos, o cenário das cidades brasileiras passou a contar com a figura dos entregadores por aplicativo, notadamente a partir de 2020 houve uma maior proliferação da categoria, em virtude da pandemia do vírus COVID19, uma vez que, com a impossibilidade da livre circulação de pessoas, o serviço de *delivery* passou a ser a alternativa mais utilizada como forma de continuidade de parcela do comércio. Nesse sentido, a presente dissertação buscou identificar a situação das juventudes precarizadas que prestam serviço por demanda de aplicativo, analisando as peculiaridades dessa fração de trabalhadores, bem como seu potencial explosivo para resistir e reivindicar. Verificou-se a partir da análise e estudos dos dados que esses jovens em sua maioria são pretos, pobres e com baixa escolaridade. Além disso, foi constatado que apesar de fragilizada, essas juventudes fazem parte da fração da classe trabalhadora que tem um potencial de transformação quando se pensa em lutar por melhores condições de trabalho, basta olhar as manifestações ao redor do mundo e no Brasil, como exemplo o Breque dos *apps*. Contudo, apesar de lutarem por melhores condições, ainda não existe um consenso quando se trata de ter vínculos empregatícios e um trabalho regulamentado, nos moldes da CLT.

**Palavras-Chave:** Desenvolvimento Tecnológico; Plataformas Digitais; Entregadores Por Aplicativo; Breque dos *apps*.

## ABSTRACT

Technological development, consisting mainly of nanotechnology, robotics and information technology, has promoted significant changes in the world and in labor relations. Specifically in Brazil, these transformations were accentuated from the 1990s onwards, with the implementation of the Collor government's neoliberal policies, generalizing measures of a liberal nature for hiring workers in ways that were below what was established by the CLT. Today, the new contours, organization and management that have been taking shape in the labor market are becoming more recognizable through work mediated by digital platforms. In recent years, the scenario of Brazilian cities has come to rely on the figure of couriers by app, notably from 2020 there has been a greater proliferation of the category, due to the COVID19 virus pandemic, since, with the impossibility of free movement of people, the delivery service has become the most used alternative as a way of continuing a portion of trade. In this sense, this dissertation proposes to analyze the situation of precarious youths who provide services by application demand, seeking to understand the peculiarities of this fraction of workers, as well as their explosive potential to resist and claim. It was verified from the analysis and studies of the data that these young people are mostly black, poor and with low education. In addition, it was found that despite being fragile, these youths are part of the fraction of the working class that has a potential for transformation when thinking about fighting for better conditions, just look at the demonstrations around the world and in Brazil, as an example of the Breque of apps. However, despite fighting for better conditions, there is still no consensus when it comes to having links with the CLT.

**Keywords:** *Technological Development; Digital Platforms; Couriers By Application; Apps Break.*

## **LISTA DE SIGLAS**

**AEA** - Aliança dos Entregadores de Aplicativo

**ALMA** - Associação Liga dos Motoristas de Aplicativo

**AMPA** - Apoio aos Motoristas Por Aplicativos

**AMASP** - Associação dos Motoristas de Aplicativo de São Paulo

**AMPABA** - Associação dos motoristas particulares e de aplicativos do estado da Bahia

**CCQ** - Circuitos de controle de qualidade

**CGT** - Confederação Geral dos Trabalhadores

**CLT** - Consolidação das Leis Trabalhistas

**COVID** - Corona Virus Disease

**CUT** - Central Única dos Trabalhadores

**EPI** - Equipamentos de Proteção Individual

**EUA** - Estados Unidos da América

**FASINPAT**- Fábrica Sin Patrones

**FGV** - Fundação Getúlio Vargas

**FHC** - Fernando Henrique Cardoso

**FIT-U** - Frente de Izquierda y de los Trabajadores Unidad

**GAET** - Grupo de Altos Estudos sobre o Trabalho

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IPEA** - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

**IWGB** - Independent Workers Union Of Great Britain

**MDB**- Movimento Democrático Brasileiro

**MST** - Movimento Sem Terra

**OIT** - Organização Internacional do Trabalho

**PAC** - Programa de Aceleração do Crescimento

**PNAD** - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

**PPA** - Plano Plurianual

**PPGCS** -Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais

**PSDB** - Partido da Social Democracia Brasileira

**PSOL** - Partido Socialismo e Liberdade

**PT** - Partido dos Trabalhadores

**PTS** - Partido de Trabajadores Socialistas

**SEBRAE** - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

**UFBA** - Universidade Federal da Bahia

**UFCG**- Universidade Federal de Campina Grande

**UFPB**- Universidade Federal da Paraíba

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Ideologia Neoliberal.....	54
--	----

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Imagem de <i>bikeboy</i> que viralizou nas redes sociais.....	81
--	----

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Número de pessoas com e sem carteira assinada e de trabalhadores por conta própria.....	65
<b>Tabela 2:</b> Número de desalentados, desocupados e a taxa de subutilização da mão de obra.....	66
<b>Tabela 3:</b> Faixa de Hora Trabalhada e Rendimento Mensal.....	84

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1:</b> Imagem da Escola de Samba Beija Flor de Nilópolis Repudiando a Precarização do Trabalho.....	72
<b>Imagem 2:</b> Praça de Alimentação de um Shopping Deserta Durante a Quarentena.....	97
<b>Imagem 3:</b> Ticoloko Recomendando que os Entregadores Sigam as Recomendações do Ministério da Saúde.....	98
<b>Imagem 4:</b> Greve dos Entregadores de Aplicativos no Rio de Janeiro.....	101

## LISTA DE GRÁFICO

<b>Gráfico 1:</b> Principal Vantagem de Fazer Entregas Usando Bicicleta e Aplicativos.....	81
--	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO 1 – FASES DO CAPITALISMO E TRANSFORMAÇÕES NAS RELAÇÕES DE TRABALHO.....</b>	<b>25</b>
1.1 O Trabalho e Seus Significados.....	25
1.1.2 Pressupostos Marxistas Acerca da Categoria Trabalho.....	28
1.2 O Desenvolvimento Capitalista e a Organização do Processo de Trabalho.....	30
1.3 Formas de Resistência da Classe Trabalhadora.....	38
<b>CAPÍTULO 2 – ALGUNS ASPECTOS SOBRE IDEOLOGIA NEOLIBERAL, SEU IMPACTO NO BRASIL E A UBERIZAÇÃO.....</b>	<b>47</b>
2.1 Origem do Termo Ideologia.....	47
2.1.1 A Ideologia no Pensamento de Marx e Engels.....	48
2.1.2 O Conceito de Ideologia Para Gramsci.....	50
2.2 A Ideologia Neoliberal, o Espírito do Capitalismo e o Neoliberalismo no Brasil.....	52
2.3 Informalidade e Trabalho Flexível.....	59
2.4 Uberização e Precarização do Trabalho.....	67
2.5 Empreendedorismo e Juventudes.....	73
<b>CAPÍTULO 3 - CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREGADORES SOB DEMANDA DE APLICATIVO .....</b>	<b>77</b>
3.1 Perfil dos Trabalhadores Sob Demanda de Aplicativos: idade, gênero, escolaridade, raça.....	77
3.2 Condições de trabalho dos Entregadores sob demanda.....	83
3.3 Formas de Resistência e Ações coletivas na Atualidade.....	87
3.3.1 O Breque dos Apps no Brasil e Seus Desdobramentos.....	91

3.3.2 Narrativas nas Redes: O Breque Nas Mídias Sociais - Youtube Instagram.....	96
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>105</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>109</b>
<b>REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS.....</b>	<b>120</b>
<b>ANEXO A .....</b>	<b>121</b>

## INTRODUÇÃO

Em um contexto de crescente economia digital no marco do capitalismo e avanços tecnológicos cada vez maiores, a empresa de tecnologia Uber surge como pioneira de uma nova configuração e controle de trabalho. A lógica do funcionamento da Uber estabelece uma forma singular de subordinação do trabalhador ao capital, na qual através de aplicativos, uma empresa oferece sua plataforma digital como forma de intermediação entre meios de produção, força de trabalho e o mercado consumidor. Essa lógica se expandiu para muitas outras empresas que fazem uso da mesma forma de prestação de serviço, como por exemplo: *Uber Eats*, *Ifood*, *Rappi*, só para mencionar alguns.

O avanço das tecnologias da informação, da robótica e o uso dos aplicativos de transporte e serviços, promove o agravamento da precarização do trabalho, a informalidade e a perda dos direitos trabalhistas, configurando o processo de uberização do trabalho nome decorrente da palavra Uber, mas que se tornou sinônimo de precarização do trabalho. Uma característica marcante desse tipo de trabalho, é a invisibilidade do trabalhador. Embora as grandes plataformas digitais façam uso de um discurso poderoso e atrativo, classificando os trabalhadores como autônomos e empreendedores de si mesmos.

Esse desenvolvimento de aplicativos para gerar lucro, aprofundando o controle dos trabalhadores, encontra total sentido na lógica neoliberal, no sentido de que além da hegemonia do capital financeiro sobre as demais frações do capital e contra a classe trabalhadora (ANDERSON,1995) há uma ideologia baseada na meritocracia, individualismo e competitividade crescentes. Se aprofunda uma visão onde os trabalhadores são vistos como competidores. Nesse tipo de trabalho uberizado/plataformizado a noção de empreendedorismo, como ideologia dominante, vem sendo difundida de maneira massiva, sobretudo pela mídia e por agências como Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), como uma forma de viabilizar a transição das juventudes para a vida adulta e para o mercado de trabalho de uma forma precarizada, mas que aparece como natural e não como produto de relações sociais.

Os discursos propagados pelas grandes plataformas digitais utilizam a ideia de autonomia e empreendedorismo como propaganda atrativa, presente, sobretudo, na possibilidade de jornadas de trabalho mais flexíveis e sem padrão, rompendo com a estrutura bilateral do contrato de trabalho formal. Na realidade, essa difusão da noção de

liberdade no trabalho, esvazia o conteúdo laboral da atividade que os trabalhadores desempenham e ainda exime as plataformas de qualquer responsabilidade trabalhista, aplicando formas de flexibilização e precarização das relações de trabalho, utilizando as recentes tecnologias como cerne desse processo, em outras palavras, as plataformas digitais são usadas para reconfigurar a exploração do trabalho.

O aumento da flexibilidade laboral possibilitado pelas novas tecnologias da informação permitiu grandes mudanças na organização da produção, juntamente a isso a generalização do conceito de empreendedorismo têm impactado de maneira decisiva a classe trabalhadora, sobretudo os jovens, uma vez que essa nova morfologia do mercado de trabalho tenta construir um ‘cidadão’ de novo tipo, dotado de espírito empreendedor, confiante e capaz de assumir riscos moderados.

A empresa Uber foi fundada em 2009 por Garrett Camp e Travis Kalanick, a princípio, a proposta do Uber era ser um serviço semelhante a um táxi de luxo, proporcionando carros como Mercedes e Escalade na cidade de São Francisco na Califórnia. O aplicativo foi lançado em 2010 para Android e iPhone. No Brasil, a atividade da Uber segundo Cannas (2019), teve início na cidade do Rio de Janeiro em 2014, partindo em sequência para São Paulo, Belo Horizonte e Brasília(DF).

As primeiras operações da companhia nessas cidades foram pensadas para ocorrer paralelamente à realização da Copa do Mundo de futebol no país que aconteceu em 2014. Mas, a partir de 2017, sobretudo, após a contrarreforma trabalhista<sup>1</sup> sancionada pelo presidente da época, Michel Temer do antigo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), atual Movimento Democrático Brasileiro (MDB), esse tipo de serviço uberizado, informal e terceirizado se intensifica. Não à toa em 2018, a empresa Uber proliferou-se por outras cidades do país passando a ter escritórios de funcionamento em Belo Horizonte (MG), Campina Grande (PB), Campo Grande (MS), Cuiabá (MT), Porto Alegre (RS), Porto Velho (RO), Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP).

Partindo desses pressupostos, a presente pesquisa que se insere no marco de PRAXIS - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Estado e Luta de Classes na América Latina da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG. Como uma forma de dar continuidade a pesquisas realizadas nesse grupo, busca analisar as juventudes precarizadas no capitalismo de plataforma, compreendendo juventude a partir de uma

---

<sup>1</sup> (BRASIL, 2017). Lei nº 13.467 de 13 de julho de 2017. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm). Acessado em: 2 de janeiro de 2023.

ótica de heterogeneidade, isto é, existem várias juventudes no Brasil e no mundo e a forma como as metamorfoses de cunho econômico, social e cultural lhes afetam são diferentes. Sobre isso, Dayrell (2005, p.27) nos diz que

Há diferentes modos de ser jovem, resultantes de circunstâncias como a classe e a origem social, bem como a partir de interações sociais e simbólicas que interferem na trajetória social dos(as) indivíduos(as). Ou seja, experiências distintas são construídas por indivíduos de origens sociais, classes sociais, interações sociais e processos de socialização diversos.

O objetivo geral dessa dissertação é analisar as condições de trabalho dos jovens entregadores por demanda de aplicativo, bem como seu potencial explosivo. O estudo será feito a partir de um recorte de gênero, observando os jovens do sexo masculino.

Já os objetivos específicos são: apresentar de forma geral o desenvolvimento das fases do capitalismo e seus impactos nas relações de trabalho; avaliar as mudanças provocadas no mercado de trabalho brasileiro, a partir da reestruturação produtiva e neoliberalismo e mapear o perfil dos jovens entregadores ciclistas e motociclistas, com base em dados secundários, obtidos pela pesquisa “Pesquisa do Perfil dos Entregadores Ciclistas de Aplicativo”, levando em consideração as seguintes variáveis: idade, gênero, raça e escolaridade.

A mencionada “Pesquisa do Perfil dos Entregadores Ciclistas de Aplicativo” foi realizada pela Associação Brasileira do Setor de bicicleta em 2019, é o primeiro grande levantamento quantitativo com rigor metodológico feito sobre o tema em São Paulo, no atual contexto. Sabemos que o seu conteúdo não responde todas as questões referentes ao tema, contudo ela se configura como um importante registro histórico do momento, e que servirá de marco de comparação em um contexto dinâmico de mudanças. A pesquisa da Aliança Bike será uma das principais fontes de dados secundários utilizados nessa dissertação.

O eixo estruturante do estudo fundamenta-se na seguinte questão: Quais são as condições de trabalho e de que forma resistem os jovens entregadores que prestam serviço sob demanda através de aplicativos de entrega?

Será discutido ao longo da pesquisa o entendimento que foi dado no decorrer da história, de forma sintética, às questões pertinentes a categoria trabalho fazendo um mergulho aos diferentes momentos da história, evidenciando que este pertence, por um lado, à esfera da reflexão teórica e, por outro à realidade empírica. Além disso, será feito

um levantamento geral da literatura, através de autores que estão discutindo as tendências atuais das relações de trabalho, mais especificamente sobre trabalho plataformizado/uberizado, flexível e informal, que aparecem associados a ideia de empreendedorismo.

Com o intuito de analisar a disseminação das ideias neoliberais que protagonizaram e impulsionaram diversas reformas econômicas, sociais e políticas, amparados na concepção de Estado mínimo, sendo mínimo do ponto de vista dos trabalhadores e máximo do ponto de vista os capitalistas, fortalecendo uma sociedade individualista e competitiva e sua relação com a formação de um mercado de trabalho composto majoritariamente por trabalhadores informais e terceirizados, com baixas remunerações, em situação cada vez mais precária, devido à ausência de regulação do trabalho e de direitos sociais. Categorias teóricas, como: crise orgânica e conjuntural, e sua diferenciação em Antônio Gramsci, bem como modo de produção, formação econômica social, ideologia em Karl Marx, dentre outras, também serão utilizadas.

Procurando atingir os objetivos da presente pesquisa, quanto aos procedimentos técnicos, esse estudo será feito baseando-se em pesquisas bibliográficas utilizando-se de material já publicado, para Andrade (2010, p. 25)

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas.

Por sua vez, a pesquisa bibliográfica, para Fonseca (2002, p. 32), é realizada

A partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher

informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta

O estudo bibliográfico será realizado tendo como principal base na procura dos materiais, os sites a seguir:

1. Biblioteca digital brasileira de teses e dissertações<sup>2</sup>;
2. Periódicos da Capes<sup>3</sup>;
3. Repositório da UFCG<sup>4</sup>;
4. Repositório da UFPB<sup>5</sup>

A revisão da literatura focou em textos que discutissem o empreendedorismo, uberização, juventudes e ideologia. A leitura crítica dos materiais se apoiará fundamentalmente nas ideias do revolucionário socialista alemão Karl Marx, sobre mais valia e a exploração do trabalhador pelo sistema de produção capitalista presente em sua obra mais famosa “O capital - publicado pela primeira vez em 1867: crítica da economia política” (2013, 1985), “Manuscritos econômicos e Filosóficos” (2002, 2010) e “Contribuição à crítica da economia política” (2008). Também será utilizado as análises do filósofo marxista Antônio Gramsci, como seus escritos os “Cadernos do cárcere”.

De Ricardo Luiz Coltro Antunes, com seu livro “Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil” (2019), dos quatro volumes até agora publicados, em particular o IV que foca no trabalho digital e também “O privilégio da servidão” (2018), com a análise de Antunes sobre o fordismo e o taylorismo, dentre outras obras deste autor.

Além dos já mencionados, se utilizará como referência, trabalhos sobre “Uberização e juventude periférica” (2020), “Trabalho e uberização em tempos de pandemia” (2021), de Ludmila Costhek Abílio, pesquisadora da Unicamp, foi uma das primeiras intelectuais a falar de uberização no Brasil. Também serão utilizadas contribuições de outros autores acerca dos assuntos que nortearão a presente pesquisa. O método utilizado terá uma perspectiva teórico crítica que se aproxima de uma análise materialista histórica.

A pesquisa não ficará só na abordagem bibliográfica, uma vez que, muitas informações estão para além de livros e artigos, exemplos: postagens no *Instagram* e

---

<sup>2</sup> <https://bdtd.ibict.br/vufind/>

<sup>3</sup> <https://www.periodicos.capes.gov.br/>

<sup>4</sup> <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/community-list>

<sup>5</sup> [https://repositorio.ufpb.br/?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/?locale=pt_BR)

vídeos no *YouTube*, onde os entregadores divulgaram as pautas mobilizadas com o uso da *hashtag* #ApoioBrequeDosApps, compreender como foram conduzidas as mobilizações do “Breque dos Apps” e de que forma a paralisação repercutiu é de suma importância.

Por fim, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dados, da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), dentre outros, serão analisados por meio de dados, tabelas/quadros simples.

Sendo assim, somado a essa introdução e as referências, o presente trabalho encontra-se estruturado com três capítulos e finalizado com as considerações finais. No primeiro capítulo analisaremos as fases de desenvolvimento do capitalismo e as mudanças nas relações de trabalho, onde discutimos os significados da categoria trabalho; os pressupostos marxistas acerca dessa categoria; a organização do processo de trabalho e por último as formas históricas de resistências da classe trabalhadora.

No segundo capítulo, abordaremos os conceitos de ideologia para Marx, Engels e Gramsci; posteriormente discutiremos sobre a ideologia neoliberal, o espírito do capitalismo e como se deu a implementação do neoliberalismo no Brasil, após esse apanhado teórico, ainda no segundo capítulo analisaremos questões sobre informalidade; uberização do trabalho; empreendedorismo e juventudes.

No terceiro e último capítulo, embora já apresente alguns dados, ainda está em construção. O mesmo busca caracterizar os jovens entregadores por demanda de aplicativo, analisando variáveis como idade, gênero, escolaridade, raça. Além disso, discute-se sobre as condições de trabalho desses entregadores ao avaliar suas jornadas de trabalho e seus rendimentos. Por fim, o terceiro capítulo tem a incumbência de dissecar sobre as formas de resistências dessa fração de trabalhadores, analisando as paralisações realizadas, suas pautas de reivindicações e se houve avanços e conquistas.

Analisar essa nova morfologia do mercado de trabalho é um terreno analítico relevante a ser explorado, uma vez que, nos possibilitará entender as transformações trazidas pelo desenvolvimento de aplicativos de controle do labor. Esse desenvolvimento de aplicativos para garantir mais lucro para as empresas com um controle maior dos trabalhadores, encontra total sentido na lógica neoliberal, no sentido de que há uma meritocracia, individualismo e competitividade crescentes, que garantem uma super exploração do capital.

Os trabalhadores passam a ser vistos como competidores e não mais como classe.

A razão neoliberal acaba minando, de certo modo, a consciência e solidariedade de classes. E como já dizia a filósofa contemporânea Silvia Federici, toda manobra arranjada pelo capitalismo para uma crise, cria uma massa de trabalhadores explorados e um novo processo de acumulação, que envolve a precarização da mão de obra. Isso não significa que não existam resistências e nem articulações, já que de forma permanente as classes dominantes através do Estado e da repressão tentam na medida que se unificam dividir a classe trabalhadora e fragmentar a consciência de classe.

Por isso insistimos em que estas mudanças não podem ocultar o papel das juventudes nos processos políticos frente a estes ataques e seu potencial explosivo, como vivenciamos por exemplo nas jornadas no Brasil no 2013 contra o aumento das tarifas e pela péssima qualidade do transporte público, as mobilizações no Chile contra toda a herança pinochetista e na Colômbia contra a extrema direita nos últimos anos, o que nos permite encontrar elementos de um potencial explosivo e de resistência nessa mesma juventude.

Ademais, a pesquisa também justifica-se pela relevância de elucidar sobre a ausência sequer de regulamentação legislativa específica, o que aprofunda a precarização da classe trabalhadora e coloca-se como uma discussão proeminente para definir as formas de trabalho inauguradas pelo uso das novas tecnologias, diagnosticando as principais consequências trazidas pelas mudanças atuais no mundo do trabalho para a classe trabalhadora, sobretudo, os jovens brasileiros.

## **CAPÍTULO 1: FASES DO CAPITALISMO E TRANSFORMAÇÕES NAS RELAÇÕES DE TRABALHO**

### **1.1 O Trabalho e Seus Significados**

Nesta seção serão analisadas de forma geral as principais concepções formais da categoria trabalho: a clássica, a capitalista tradicional, a gerencialista, a centralidade expressiva e a de centralidade externa, levando em consideração colocações feitas por Borges (1999). Posteriormente, serão apresentados os fundamentos da categoria trabalho a partir da visão crítica marxista.

O conceito de trabalho é antigo e evoluiu com o passar do tempo, é uma categoria histórica, que por sua vez, é resultado de um processo de criação histórica, em que seu desenvolvimento e propagação são concomitantes à evolução dos modos de produção, das formas e conhecimento humano e da evolução da sociedade. Para Ferreira (2014), a palavra trabalho tem sua origem do latim “*tripaliare*”, cujo significado é submeter alguém à tortura através do “*tripalium*”, instrumento designado a este fim; a partir de então, pode-se ver a relação do trabalho com a noção de sofrimento, fadiga e dor.

A primeira concepção, a clássica, segundo Borges (1999), tem sua origem na filosofia e no regime de trabalho escravista, era atribuída ao trabalho características como inferior, duro e desgastante e competia aos escravos realiza-lo, sob o comando de um senhor, que detinha o direito sobre a vida do escravo.

De acordo com Anthony (1977), por sua vez na Idade Média, as contradições da concepção de trabalho, sobretudo com a influência da Igreja Católica, refletiam um movimento de transição que buscava a superação da visão clássica construindo uma relação específica entre senhores feudais e vassalos ou servos.

Oscilava-se entre exaltar o trabalho e tomá-lo como punição ou instrumento de consternação do pecado. O fim da escravidão e posteriormente do feudalismo constituiu a condição crucial para esgotar tal concepção.

Quando o “livre contrato” se tornou realidade depois do processo de acumulação primitiva do capital como apresenta Karl Marx no capítulo XXIV de O Capital e o trabalho assalariado predominou, trazendo a necessidade de convencer o empregado a trabalhar, consolida-se a concepção capitalista tradicional, onde se exalta o trabalho, atribuindo-lhe alta centralidade (BORGES, 1999)

A visão capitalista tradicional, surge junto com o mencionado processo de acumulação originária, a formação dos Estados Nacionais e se constitui uma economia de mercado concorrencial<sup>6</sup>, recebendo apoio da reforma protestante sendo as críticas de Lutero ao coração do feudalismo a Igreja Católica de Roma importantíssimas.

Não é possível passar de Martin Lutero a Segunda Guerra Mundial, sem sequer mencionar a revolução Inglesa, a Revolução Francesa e a consolidação da burguesia como classe, a Primeira Guerra Mundial como guerra Inter imperialista, a Segunda Guerra mundial e posteriormente o surgimento de uma psicologia industrial<sup>7</sup>. Nesta concepção, o trabalho é descrito como mercadoria, mas como valor de troca, porque valor de uso já tinha elegido como principal valor do trabalho sua viabilidade para o sucesso econômico, defendendo um trabalho disciplinado, padronizado e sistemático (desde as origens do capitalismo isto é assim). A principal diferença entre esta concepção e a clássica, é a exaltação atribuída ao trabalho e no regime de trabalho no qual se fundamenta (ANTHONY, 1977).

A concepção gerencialista surge na etapa oligopolista do capitalismo<sup>8</sup>, buscando conter as insatisfações de massa, as quais têm no sindicalismo uma forma de institucionalização, possui influência da corrente Keynesiana-Fordista na economia, das relações humanas na administração e pelos estudos que marcaram o aparecimento da psicologia organizacional<sup>9</sup>(BORGES, 1999). A psicologia organizacional é uma influência ideológica, o keynesianismo e o fordismo tem relação com as mudanças no processo de trabalho na fase imperialista do capitalismo, oligopólica mas que sofre o impacto da luta de classes produto do triunfo da revolução russa e a derrota da revolução na Europa e culmina com a construção de um estado em vários países de Europa conhecido como Estado de Bem-estar social.

---

<sup>6</sup> A caracterização desse estágio como concorrencial explica-se em função das possibilidades de negócios que se abriam aos pequenos e médios capitalistas: na escala em que as dimensões das empresas não demandavam grandes massas de capitais para a sua constituição, a “livre iniciativa” tinha algumas chances de se consolidar em meio a uma concorrência desenfreada e generalizada (CARVALHO,2013).

<sup>7</sup> Teve sua origem após a Segunda Guerra Mundial, momento em que o trabalho tomou uma nova dimensão. Isto é, os trabalhadores não só buscavam a estabilidade econômica com seus salários, mas também criar um ambiente de felicidade. Busca um modo de vincular cada trabalhador com seu cargo mais adequado e de suas principais competências (ALENCAR, 2017).

<sup>8</sup> Fase do desenvolvimento capitalista, predominante na Europa Ocidental durante o pós-Segunda Guerra Mundial até o processo de crise e transição que se inicia no final da década de 1960 e vai até o final dos anos 1970. Caracterizada pela vigência do regime de acumulação conjugado, chamado de “fordismo” (VIANNA, 2014).

<sup>9</sup> Historicamente, então, a psicologia organizacional se constituiu como uma ampliação do objeto de estudo da psicologia industrial. O caráter instrumental da psicologia organizacional contribuiu para a supervalorização das teorias comportamentais na psicologia (SILVA E TOLFO, 2014).

Fala-se em gerencialismo como sinônimo da lógica burguesa e de modelo gerencial genérico, baseado em premissas economicistas estabelecidas no seio da globalização e de reformas liberalizantes, e que estaria para a gestão como a tirania está para a monarquia.

A aceleração, precarização das relações de trabalho e primazia dos aspectos econômicos são também ideias muito associadas a essa concepção e às práticas decorrentes de seu exercício. Salimon e Siqueira (2013), atentam para os valores gerencialistas que são, muitas vezes, tidos como antidemocráticos, que se contrastam com a liberdade individual e a autonomia, inteiramente voltados para o fortalecimento do papel, poder e prestígio dos gerentes, uma vez que predominava uma forte hierarquia no chão da fábrica, entre quem planejava o trabalho e quem o executava.

Dessa forma, para Lima (1980), o gerencialismo antes mesmo de ser uma concepção distinta sobre o trabalho, é o movimento criador de uma nova concepção, a partir do capitalismo tradicional, que segundo Borges “tenta pela estabilidade no emprego, dos programas assistenciais e/ou de benefícios e da promoção das relações interpessoais, amenizar as consequências indesejáveis do capitalismo tradicional que a crítica já era sábia em apontar” (BORGES, 1999, p. 85). Na realidade é expressão do estado de bem-estar social, o Estado garantindo um acordo entre patrões e sindicatos através de negociações coletivas em uma mediação como se não fosse um Estado de classe.

Com o passar do tempo a crise geral do capitalismo que estes denominam a crise do petróleo, uma crise do modelo de acumulação de capital criou-se contradições nas relações de organização trabalho, sobretudo, com a superação gradual e histórica do modelo taylorista/fordista de produção, com a globalização dos mercados e surgimento de novas tecnologias. O modelo de acumulação baseado no capital produtivo é substituído pelo modelo neoliberal e a hegemonia do capital financeiro no processo de acumulação.

O próprio neoliberalismo tem diferentes etapas de um triunfalismo nos anos noventa, hoje temos um neoliberalismo senil onde atualmente, num cenário de desemprego e de emprego precário, as classes dominantes através de novas tecnologias demandam o envolvimento do trabalhador com o conteúdo do próprio trabalho, possibilitando a aplicação de diversas técnicas diferentes de organização do trabalho. Para aqueles que estão empregados no chamado núcleo moderno, tem-se uma tarefa enriquecida no conteúdo, fazem mais coisas são menos rotineiras as tarefas, entretanto

em piores condições de trabalho com mais exploração na forma de ampliação da mais-valia tornando as contradições muito mais acentuadas.

Tais contradições vêm criando caminhos para o surgimento de novas concepções do trabalho. Sendo assim, como principais características da centralidade expressiva, temos que esta descreve o trabalho:

Na multiprocessualidade e instrumentalidade, no caráter expressivo e rico em conteúdo para alguns, empobrecido para a maioria, discriminante em vista do núcleo moderno da economia e da periferia, sistematizado, instável, de elevada tecnologia nos setores do núcleo moderno, e convivendo com vários estilos de estrutura e de gestão organizacional. Na descrição do trabalho endossa a descrição marxista para uma parte da economia (BORGES, 1999, p. 86).

Por último, a concepção da centralidade externa, que surgiu concomitantemente à concepção anterior. Busca fundamentos também nas críticas desenvolvidas pela economia radical, todavia conjugando com influências neoliberais. Descreve o trabalho de forma muito próxima a anterior, diferenciando-se no que diz respeito aos valores.

Defende um trabalho leve baseado na alta tecnologia e na redução da jornada de trabalho, um igualitarismo baseado na socialização de aspectos positivos e negativos do trabalho e ainda toma como principal valor o prazer fora do trabalho, através do consumo ou de atividades de lazer (BORGES, 1999).

Esta concepção é alvo de discussões e críticas, entre as quais a de Antunes (1995), considerando-a dualista, uma vez que, supõe uma vida de prazer fora do trabalho, mas também um trabalho empobrecido de significado. Ademais, no tópico seguinte, será discutido os apontamentos de Marx e Engels sobre a categoria trabalho.

### **1.1.2 Pressupostos Marxista Acerca da Categoria trabalho**

Na obra “A origem da família, da propriedade privada e do Estado”, lançado em 1884, Engels (2004), ao tratar desta categoria afirma que o trabalho é a condição principal de toda a vida humana, posto que o autor considera o trabalho não apenas fonte de toda a riqueza, mas, sobretudo, o que possibilita o desenvolvimento do próprio homem. Karl Marx, por sua vez, define o trabalho, especificamente no capítulo V do livro primeiro de O capital como sendo:

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e

controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 1985, p. 149).

Conforme Marx, o trabalho é a base da sociabilidade humana, isto é, o fundamento do ser social, no entanto, no modo de produção capitalista sua função é produzir mais-valia, atendendo as necessidades de reprodução e acumulação do capital, em detrimento da reprodução social, ou seja, o capital retira do trabalho a sua função específica que é a de produzir objetos úteis à vida social e torna este trabalho produtor de valor. Dessa forma, na visão marxista o trabalho possui uma dupla determinação: o trabalho concreto ou produtivo, designado a atender as necessidades humanas, e trabalho abstrato, em que predomina o valor de troca, destinado à acumulação e reprodução de capital.

É o trabalho abstrato que rege a sociedade capitalista, nesse sentido a exploração do trabalho não se dá só enquanto produção da riqueza material (trabalho concreto), mas também como expõe Lessa (2009), nas posições teleológicas secundárias.

A diferença primordial entre esses dois tipos de trabalho; consiste na finalidade de sua troca por dinheiro, ou seja, “A diferença entre o trabalho produtivo e o improdutivo consiste apenas em que, em si, o trabalho é trocado por dinheiro como dinheiro e em dinheiro como capital” (MARX, 1985, p. 119)

Partindo dessa premissa, Marx consegue o que seus antecessores não conseguiram: mostrar que a essência do capitalismo está em produzir mais-valia. Em síntese, o que acontece para que haja produção de mais-valia e, portanto, lucro ao capitalista é que ao comprar a força de trabalho do trabalhador, o capitalista a compra pelo seu valor de troca, correspondendo ao tempo de trabalho socialmente necessário que foi utilizado na produção dos meios de subsistência indispensáveis ao seu portador.

Contudo, o que será utilizado por esse capitalista é o valor de uso dessa força de trabalho, visto que como qualquer outra mercadoria que foi comprada; poderá ser utilizada como seu “dono” quiser e, neste caso, em tempo de trabalho superior ao tempo de trabalho necessário para reproduzi-la. É exatamente desse tempo de trabalho excedente que o capitalista consegue extrair mais-valia.

A partir do exposto, percebe-se que o conceito da categoria trabalho é muito antigo e evoluiu com o passar do tempo, já que em determinadas épocas da história, em

diferentes modos de produção, os valores logicamente eram outros. O seu desenvolvimento demanda o desenvolvimento simultâneo das relações sociais, por exemplo, o modo antigo de produção baseou-se na mão de obra escravista; o feudalismo, no trabalho dos servos; numa relação social dominantes senhor feudal-servo o capitalista, pela sua vez no trabalho do empregado assalariado numa relação social dominante burguesia-proletariado.

O trabalho na sociedade capitalista pode ser percebido enquanto instrumento fundamental que viabiliza a sociabilidade dos indivíduos, mas antes de mais nada configura-se como garantidor da sobrevivência humana nessa e em qualquer outra sociedade (LUNA; NETO, 2018), a particularidade é que o capitalismo, diferente de outros modos de produção não precisa só se reproduzir, mas também garantir a acumulação de capital se reproduzindo de forma ampliada precisando realizar a mais valia da força de trabalho utilizada pelo assalariado para sua própria reprodução.

Nesse sentido, após esse aparato teórico sobre a categoria trabalho, no próximo tópico será debatido sobre as fases de desenvolvimento do modo de produção capitalista e como se deu a organização do trabalho em cada uma dessas fases.

## **1.2 O Desenvolvimento Capitalista e a Organização do Processo de Trabalho**

A análise da organização do processo de trabalho separada do paralelismo com as fases de desenvolvimento do modo de produção capitalista toma-se insustentável, à medida que deixa de levar em consideração aspectos fundamentais que influenciam de maneira direta no conteúdo, forma e direcionamento que esse processo assume com o passar do tempo. A importância de falar sobre as mudanças que vêm ocorrendo ao longo dos séculos no mundo do trabalho é que tais mudanças afetam as relações sociais no interior do próprio modo de produção em termos econômicos, na relação do capital e trabalho, além dos avanços e também recuos que a classe trabalhadora percorre desde a sua constituição e pela luta de classes.

O capitalismo pressupõe a generalização da produção para a troca, mas antes dessa generalização, houve processos de expropriação do trabalho, formação do trabalho livre, para que os trabalhadores sejam livres duas vezes: dos meios de produção, de toda propriedade; e livres juridicamente para vender sua força de trabalho. Esse processo implica no fenômeno da alienação do trabalho, ou seja, a separação do real produtor, do resultado do trabalho, o que dá a aparência de que as mercadorias se relacionam entre si,

como relações entre coisas, onde na essência temos de fato relações sociais de produção.

No capítulo XXIV- A Assim Chamada Acumulação Primitiva, de sua obra “O capital” publicada em 1867, Marx (2013), expõe o quão violenta foi a expropriação dos produtores da terra e de seus instrumentos de trabalho e a legislação sanguinária contra estes e como por sua vez, passam a ser possuidores de uma única mercadoria, sua força de trabalho. O proletariado converte-se em trabalhador assalariado.

O surgimento do trabalho assalariado, isoladamente não explica a proletarização da massa de trabalhadores, Platão na República já fala de salário no século V A.C, mas nos encontramos numa formação econômico social onde a relação social dominante é a escravidão. Outras características viabilizaram o desenrolar do processo que caminhou em direção ao modo de produção<sup>10</sup> capitalista. Segundo Teixeira e Souza (1985), essas características do capitalismo são reflexos da crise do regime feudal, um modo de produção centrado no campo que em virtude de sua estrutura social, permitiu o surgimento de pequenos produtores e os que constituirão uma nova classe social a partir das cidades, os burgos, a burguesia que para poder continuar se desenvolvendo precisou destruir a ordem social feudal.

Para Oliveira (1977), a expropriação e a proletarização dos produtores diretos caracterizam-se como momento essencial do surgimento do regime de produção capitalista, assim o produtor direto transformado em trabalhador livre, deixa de produzir para si próprio e passa a produzir para o proprietário dos meios de produção.

Em consonância, Teixeira e Souza (1985), expõem que o desenvolvimento do capital comercial associado à existência de pequenos produtores independentes, representando a primeira fase do sistema econômico capitalista, a fase comercial. Após a expropriação dos seus meios de produção na base da violência, é produzida uma massa de trabalhadores juridicamente "livres", ocasionando uma polarização, tendo de um lado os possuidores dos meios de produção e de outro os proletários.

Nesse cenário, pode-se considerar o surgimento da manufatura, como forma avançada de organização da produção em relação ao trabalho artesanal, tendo como principais características fabricação de grande quantidade de produtos de forma padronizada e em série; diferenciação das ferramentas e coletivização do processo de

---

<sup>10</sup> Florestan Fernandes, coloca em sua tradução do livro de Marx que: “Na terminologia marxista, "modo de produção" implica todo um complexo sociocultural extremamente típico e variável; compreende as noções de forma social e de conteúdo material em sua correspondência efetiva. Contra Adam Smith e Ricardo, Karl Marx emprega um conceito sintético, contrapondo-o, como uma "reprodução da realidade", ao primitivo conceito analítico.” (Fernandes, 2008, p. 34).

trabalho, exigindo um trabalhador mais especializado, o que tornou-se um entrave da manufatura, uma vez que, havia uma limitação do número disponível de trabalhadores especializados.

Outro aspecto que pode ser visto como entrave dentro do sistema de fabricação manufatureiro é que ele não promovia uma regulação organizada dos salários, soma-se a isso o fato de que é o trabalhador quem impõe o ritmo de trabalho, dificultando o aumento de sua produtividade. No entanto, apesar desses fatores limitantes, os donos dos meios de produção, por meio do prolongamento da jornada de trabalho, conseguem ainda extrair dos trabalhadores a mais-valia absoluta<sup>11</sup>.

Nessa perspectiva, como que esses obstáculos, pela ótica do capital, são superados? E mais, como que essa nova classe operária é enquadrada nos moldes do capitalismo? Para Teixeira e Souza (1985), de forma geral os obstáculos são superados usando a força, contando com o respaldo do Estado, um Estado de classe que segundo Marx define em sua obra “O manifesto Comunista” (1848), defende os interesses gerais da burguesia e elabora uma legislação que regula os salários, a disciplina e a jornada de trabalho (MARX, 2008). Com o apoio da legislação, os trabalhadores são de vez submetidos ao capital, e as características da manufatura, superados os limites citados, vão possibilitar o surgimento da indústria mecanizada e, portanto, da segunda fase do capitalismo, a fase industrial.

A revolução industrial é o marco que melhor simboliza o surgimento da indústria mecanizada, nela a ferramenta anteriormente empunhada pelo homem, adapta-se à máquina, assim a habilidade manual deixa de ser uma necessidade, o trabalhador especializado, nos padrões anteriores, deixa de ser importante, sua função nessa etapa passa a ser a de acompanhar as operações executadas pelas máquinas. A divisão do trabalho, que se dava em função das características humanas, passa a basear-se nas características das máquinas, aumentando cada vez mais a dependência do trabalho em relação ao capital.

Segundo Santana (2021), na fase industrial do capitalismo, a exploração do trabalho passou a ser massificada, sem regras nem direitos que protegessem os

---

<sup>11</sup> Prolongamento do dia de trabalho para além do ponto em que o operário tinha apenas produzido um equivalente do valor da sua força de trabalho e a apropriação deste sobre o trabalho pelo capital. Existem dois tipos de mais-valia. Ao passo que as inovações se difundem de forma mais ou menos uniforme entre os ofertantes de um determinado setor econômico, busca-se novos avanços que permitam um tipo particular de valorização do valor, essa categoria é denominada como mais-valia extraordinária. Já a absoluta surge com a intensificação do trabalho pelo aumento de horas na jornada laboral (MARX, 1985).

trabalhadores. Dessa forma, não existiam descanso e nem jornada de trabalho definidos e nem proteção trabalhista, mas apesar disso, os trabalhadores submetiam-se a tais condições em troca de um salário insuficiente para a sua própria subsistência e da sua família.

Já para Cannas (2019), foram profundas as implicações geradas pela indústria, mas a ausência de regulação das novas atividades surgidas em decorrência da inserção da máquina no processo produtivo, pode ser apontada como uma das mais nocivas para os trabalhadores daquele período.

Sobre isso, Marx (2013), expõe que a inserção da máquina no processo de produção e a sua gradual expansão produzia miséria crônica na camada de operários, a máquina operava em massa e de modo agudo, sua generalização, a maquinaria, sendo inclusive o que melhor caracteriza a revolução industrial, atua ainda como um exímio concorrente do operário assalariado, a ponto de sempre o torna-lo supérfluo, além de ser uma antagonista da força humana, que capacitava o capitalista a reprimir as reivindicações dos operários que ameaçavam de crise o embrionário sistema fabril.

Um conhecido movimento dos trabalhadores que se uniram e revoltaram-se contra as máquinas no início da Revolução Industrial foi o Ludismo. A ação dos ludistas consistia em invadir a indústria têxtil e promover a destruição das máquinas que não era possível usar no trabalho doméstico, pois a intenção era retomar a autonomia do trabalho.

Portanto, a maquinaria vai viabilizar a superação das habilidades manuais do homem, conseqüentemente transferindo o controle e disciplina da produção das mãos dos operários para as mãos dos capitalistas, levando a uma redução no tempo do trabalho e aumento da produtividade. Além disso, com a generalização das máquinas é possível extrair não só a mais-valia absoluta, mas também a mais-valia relativa, isto é, associa-se ao aumento da jornada de trabalho, já que não há leis que a regule, o aumento da produtividade e a queda dos salários, resultando em aumento de trabalho não pago.

À medida que o capital se expande e se valoriza, ele assume novas características e nascem outras formas de organização da produção do trabalho, mas isso tem relação com as mudanças também no capitalismo com passagem de um capitalismo de livre concorrência ao capitalismo monopólico imperialista, abrindo uma fase de crises, guerras e revoluções e com as conseqüentes mudanças nas formas de acumulação de capital como apresenta Lenin (2011) em sua obra “Imperialismo, fase superior do capitalismo” publicada em 1917. A partir de então, inicia-se um terceiro momento do sistema

econômico capitalista, mais conhecido como capitalismo financeiro que ascendeu após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) com o desenvolvimento de um complexo setor financeiro atuante em nível global.

Nesse sentido, no século XX surgem o **taylorismo**, **fordismo** e o **toyotismo**, como modelos de organização, que são desenvolvidos para otimizar a produtividade das indústrias e se relacionam com diferentes formas de acumulação de capital. Para que se tenha a compreensão da transição de um período para o outro, é necessário expor algumas características gerais de cada modelo.

O primeiro deles a ser posto em prática, foi o taylorismo. Criado pelo engenheiro mecânico Frederick Winslow Taylor<sup>12</sup>, o taylorismo propunha uma produção baseada na “gerência ou administração científica”, que dentre outras características aprofundava a separação entre trabalho manual e trabalho intelectual dentro das fábricas.

No capítulo XIV, de O Capital, Marx mostra o processo em que o trabalhador deixa de ter o controle da sua atividade e nota a divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual:

Na medida em que o processo de trabalho é puramente individual, o mesmo trabalhador reúne todas as funções que mais tarde se separam. Na apropriação individual de objetos naturais para seus fins de vida, ele controla a si mesmo. Mais tarde ele será controlado. O homem isolado não pode atuar sobre a Natureza sem atuação de seus próprios músculos, sob o controle de seu próprio cérebro. Como no sistema natural cabeça e mão estão interligados, o processo de trabalho une o trabalho intelectual com o trabalho manual. Mais tarde separam-se até se oporem como inimigos (MARX, 1985, p. 105).

Diante desta nova configuração que o trabalho assume, à luz de Luna e Neto (2018), a separação entre o trabalho manual e o intelectual ocorre; pois o trabalhador que antes tinha o controle de seu trabalho, agora passa a ser controlado por outros.

Para Harvey (2012), o modelo taylorista, tinha como objetivo acabar com desperdício e a ociosidade dos operários, assim criou a divisão de tarefas para cada operário, onde cada um deles teria que seguir o ritmo das máquinas que operavam. Essa divisão técnica social implica na compartimentalização e distribuição dos processos

---

<sup>12</sup> Frederick Winslow Taylor (1856-1915), nasceu em Germantown, Filadélfia, Pensilvânia, EUA, se formou em engenharia mecânica, trabalhou como técnico em mecânica e operário. Apresentou destaque internacional por ser um dos precursores do estudo de tempos e movimentos para a racionalização do processo produtivo na indústria.

produtivos em níveis cada vez mais elevados, gerando, no caso do taylorismo, uma maior especialização.

O fordismo, por sua vez, criado por Henry Ford<sup>13</sup>, foi aplicado nas indústrias automobilísticas, buscando atender o aumento da produção em massa. Seguiu na mesma lógica de especialização dos trabalhadores aplicada no taylorismo, mas no fordismo, conforme argumenta Harvey (2012), havia o reconhecimento que a produção em massa significava consumo em massa. Dessa forma, não deveria ser mudado apenas a organização da produção, mas sim um novo sistema de reprodução da força de trabalho, totalmente dependente do capital.

No geral, o trabalho na era taylorista/fordista que vigorou por quase todo século XX, caracterizou-se pela exploração intensa do trabalhador, tido como apêndice da máquina, onde o operário sofria com o trabalho repetitivo e parcelar, massificado, mal pago e intenso. Esse tipo de trabalho é peça fundamental para o aumento do lucro capitalista. Quanto maior a exploração e menor a remuneração, maior a exploração da mais-valia. O fordismo tenta controlar o trabalhador dentro da fábrica mais também fora implicando um conjunto de pautas morais necessárias para ser um trabalhador fordista.

Com os avanços tecnológicos e a reestruturação produtiva do capitalismo buscando combater a crise do capital dos anos 1970, as formas de produção no século XX, marcadas pelo fordismo e o taylorismo, aos poucos vão sendo readaptadas ou substituídas, principalmente a nível das grandes empresas, substituindo os modelos rígidos de divisão do trabalho para uma forma flexibilizada de produção, através da chamada reestruturação produtiva.

Nesse contexto, nasce o toyotismo. O Toyotismo foi criado no Japão logo após a segunda Guerra Mundial, no ano de 1947, pelos engenheiros Taiich *Ohno*, Shingeo Shingo e Eiji Toyoda, um novo modelo fundamentado em um discurso voltado para a valorização do trabalho em equipe, da qualidade no trabalho, com a produção mais dinâmica e enxuta, caracterizada pela flexibilização das relações de trabalho e da produção. Para Meszáros (1995), tais características estão inerentes à busca desenfreada do lucro pelo sistema de metabolismo social do capital, configurando-se desse modo, como ontologicamente incontrolável.

---

<sup>13</sup>Henry Ford (1863-1947), nasceu em Springwells Township, Michigan. Foi um empreendedor e engenheiro mecânico estadunidense, fundador da Ford Motor Company. Foi o primeiro a implantar a linha de montagem em série na fabricação de automóveis.

Diferentemente do taylorismo/fordismo, no toyotismo o trabalhador executa várias funções ao mesmo tempo e com isso o capitalismo ganha economia de escala humana, ou seja, o trabalhador meramente executor não era mais lucrativamente interessante para o capital frente ao trabalhador multifuncional e participativo, na concepção de David Harvey (2012), foi esse o escopo do surgimento do toyotismo e da era da acumulação flexível no ocidente.

A fase do toyotismo, por ser um modelo de trabalho flexível que incorpora terceirização e subcontratação da força de trabalho, fragmenta a classe trabalhadora e o resultado é o enfraquecimento da resistência dos trabalhadores e do poder dos sindicatos, conseqüentemente elevando os desníveis sociais e a miséria no mundo, em razão da forte concentração de renda, características principais, próprias deste novo modelo de produção e acumulação de capital flexível, sob a hegemonia da fração capital financeiro no neoliberalismo.

É importante também destacar outra profunda diferença entre estes dois modelos de gestão: o taylorismo/fordismo, com concepção linear da produção, sendo a gerência científica responsável por elaborar e o trabalhador manual executar a atividade; o toyotismo, que percebeu, contudo, que o saber intelectual do trabalho era maior do que o utilizado, sendo assim, precisava deixar que o saber intelectual do trabalho progredisse e fosse também ele apropriado pelo capital. O trabalhador passa a ser envolvido ideologicamente e passa a sentir-se um colaborador. Sobre isso, Antunes (2000, p 206) assim se expressa:

É, em minha formulação, aquele momento em que o dispêndio de energia, para lembrar Marx, torna-se dispêndio de energia intelectual, que o capital toyotizado incentiva para dele também se apropriar, numa dimensão muito mais profunda do que o taylorismo e o fordismo fizeram. Somente por isso é que o capital deixa, durante um período da semana (em geral uma ou duas horas), os trabalhadores aparentemente “sem trabalhar”, discutindo nos Círculos de Controle da Qualidade. Porque são nesses momentos que as ideias de quem realiza a produção florescem – indo além dos padrões dados pela Gerência Científica –, e o capital toyotizado sabe se apropriar intensamente dessa dimensão intelectual do trabalho que emerge no chão da fábrica e que o taylorismo/fordismo desprezava.

É necessário frisar as alterações que ocorreram nos meios de produção no interior do próprio modo de produção capitalista em cada formação econômico-social específica para se perceber que o capitalismo se adapta à realidade de cada tempo, com o objetivo e

a necessidade que lhe são inerentes, de continuar conferindo a sua reprodução e hegemonia.

O sistema capitalista demonstrou ao longo dos séculos que possui uma grande capacidade de se manter hegemônico, em alguns momentos fazendo concessões; em outros, realizando mudanças no interior do modo de produção sem mudar o modo de produção; e, em outros, fazendo uso de ameaças ou guerras, com o intuito de eliminar oponentes ou formas diferentes de pensar, objetivando sempre uma maior acumulação de capital.

Segundo Hobold (2002), tal capacidade advém principalmente do próprio domínio que o capital exerce sobre a grande massa de trabalhadores, mas também de sua flexibilidade diante de situações adversas.

As questões sociais, políticas e econômicas estiveram presentes nas várias experiências vivenciadas pelos povos de todo o mundo. Diferentes projetos de sociedade estiveram e ainda estão em disputa, cada um com o discurso de proporcionar o bem-estar social a todos.

As duas grandes guerras mundiais, o grande impacto no desenvolvimento tecnológico, a ascensão e queda de regimes ditos socialistas, o elevado crescimento da pobreza e da miséria, a globalização, dentre outros, foram fatores históricos relevantes que ocorreram ao longo do século XX e fortaleceram ainda mais o capitalismo. Com suas ideias fortalecidas, o capital dita as regras e passa a impor mudanças de forma que, aos poucos, nada mais seja obstáculo a voraz necessidade de acumular. Mas também existe luta de classes.

O capitalismo contemporâneo sustenta-se na tríade: reestruturação produtiva, financeirização e a ideologia neoliberal. Nesse período se consolida uma grande ofensiva do capital sobre o trabalho. Como resultado disso temos retiradas de direitos trabalhistas sem precedentes; aumento do desemprego; da informalidade e da precarização do trabalho. Essas metamorfoses afetam de maneira considerável a composição da classe trabalhadora, bem como as suas lutas e formas de consciência, ampliando sua heterogenização e fragmentação.

Dessa maneira, esse cenário, possibilitou o surgimento de uma nova forma de organização do trabalho que é uma tendência do século XXI, a chamada uberização do trabalho. Essa nova forma de organização do labor está cada dia mais inerente a nossa realidade, usam de forma ideológica os termos “associado”, “colaborador” para referir-

se aos trabalhadores, como uma forma de ocultar a apropriação da subjetividade desses trabalhadores pelo capital. Esse tema vem ocupando os debates na sociologia, na economia e na psicologia, o qual é eixo central de nossa análise que será melhor explicada nos capítulos seguintes. Especificamente no próximo tópico, nos propomos a elucidar acerca das históricas formas de resistências dos trabalhadores no mundo e no Brasil, que em diversos momentos da história se mostraram protagonistas e fortes ao lutarem por melhores condições de trabalho.

### **1.3 Formas de Resistência da Classe Trabalhadora**

Esse tópico se propõe a mencionar sobre a classe trabalhadora e suas lutas de resistência. A princípio realizando um debate conceitual acerca da classe trabalhadora e, em seguida refletindo sobre as lutas e movimentos sociais.

Na concepção marxista, as categorias são históricas, portanto, expressam as relações sociais de seu tempo. Marx mostra que elas são “abstrações de relações sociais” (1982, p. 551) e sendo assim, encontram-se em movimento juntamente com as relações sociais que a constituem.

No que tange à classe social, Marx e Engels ao longo de suas obras, apontaram as contradições entre as duas classes fundamentais do capitalismo: a classe trabalhadora e a burguesia. Segundo Marx tais classes possuem duas dimensões: objetiva – sua condição material e seu local na produção material, e subjetiva - sua consciência e ação política.

A luta de classes, as classes sociais e a consciência de classe precisam ser entendidas de forma articuladas entre si, segundo Vendramini e Tiriba (2014), bem como as dimensões objetiva e subjetiva também não podem ser trabalhadas separadamente quando buscamos entender a luta social. Thompson assinala

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nascem – ou entram involuntariamente. A consciência de classe é a maneira como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais (THOMPSON, 1987, p. 10)

Tomando como referência os estudos de Marx e Engels, Mattos (2019), indaga

sobre a validade da categoria classe social buscando explicar a particularidade da classe trabalhadora e da luta de classes na atualidade. Responde esse questionamento de forma categórica, para o autor a classe trabalhadora é composta por todos aqueles que vendem sua força de trabalho para sobreviver, sobretudo, na forma de assalariamento, sendo assim Mattos, 2019, p.90.

Tendo referência em Marx, não é apenas no operariado fabril que devemos procurar a classe trabalhadora e, portanto, o sujeito potencial da transformação revolucionária da sociedade. O proletariado é muito mais amplo e envolve os trabalhadores produtivos, improdutivos, empregados e desempregados, formais e informais, mais ou menos precários (embora a proletarização envolva sempre precarização em algum grau), assalariados regulares ou não.

Nesse sentido, não existe homogeneidade quando se trata de classe trabalhadora, pelo contrário, essa categoria é extremamente variada, diversa, dividida com base na habilidade, ocupação, raça, gênero. No entanto, mesmo com toda essa diversidade, existe um ponto em comum que compõe essa categoria, a exploração da força de trabalho.

Segundo Miliband (1999), o modo como as pessoas sentem a exploração e suas particularidades são adaptadas não apenas pelas diferenças, mas também pela posição social que ocupam no mundo do trabalho, ou seja, pela classe à qual pertencem.

As lutas sociais estão intimamente relacionadas com a experiência de classe e com as formas de consciência, nesse sentido evidenciando a dimensão subjetiva da classe trabalhadora, que não decorrem, na visão marxista, de forma imediata das condições objetivas da produção da existência. Dessa maneira, de acordo com Dalmagro e Bahniuk (2019), as classes não se definem apenas por seu lugar na produção, mas principalmente por sua consciência e ação política no processo de fazer-se classe e reconhecer-se como tal em luta. Para Marx & Engels (2009), a consciência social alienada é fruto de relações de produção inversas, onde o produto do trabalho, comandado pelo capital, domina os homens, minando seu lugar de sujeito produtor da história.

Ao debater a formação da classe operária inglesa, Thompson (1981 e 1987) esclarece que esta não surge automaticamente do trabalho, antes de tudo, a classe operária inglesa se produz na luta para enfrentar a exploração. Nessa direção Maria da Glória Gohn (1997), afirma que na Europa, os movimentos sociais dos séculos XVIII e XIX tem uma característica comum, o aspecto revolucionário tanto nas práticas quanto em suas ideologias.

No período da revolução industrial e francesa inicialmente esses movimentos sociais batalhavam por melhores condições de trabalho no âmbito fabril da época. Eram movimentos de operários, dentre os vários que ocorreram nessa época temos o Ludismo e Cartismo.

Iniciada entre os anos de 1811 e 1812 o Ludismo foi um Movimento Social Operário que surgiu na Inglaterra. Os Ludistas eram contra o avanço das tecnologias na indústria inglesa, essa evolução tecnológica foi vivida durante os anos da revolução industrial, substituindo o trabalho braçal humano, pelo trabalho mecânico tecnológico. Os integrantes do ludismo ficaram conhecidos como os destruidores de máquinas, uma vez que, eles praticavam a invasão de fábricas e indústrias e faziam a destruição de seus maquinários (MENDES, OLIVEIRA 2021). Para Coggiola (2010, p.11) reitera que esse Movimento Social Operário sofreu uma represália do estado ao afirmar que:

O movimento de "destruidores de máquinas", que se desenvolveu a partir de meados do século XVIII, com tal força e extensão que levou o Parlamento britânico a sancionar em 1769 uma lei que punia a destruição de fábricas e máquinas com a pena de morte. Muitos trabalhadores foram executados, o que não impediu que o movimento ganhasse enorme amplitude entre 1811 e 1817.

O Movimento Ludista sofreu diversas represálias do Estado repressor Inglês. Um dos líderes do movimento foi Ned Ludd, ficou conhecido por destruir a oficina têxtil que trabalhava. Os Ludistas lutavam pela não substituição do trabalho manual por máquinas, mas também por melhores condições de trabalho, visto que os ambientes destinados ao labor eram insalubres, com péssima iluminação e abafados. É importante ressaltar que segundo Mendes e Oliveira (2021), o Ludismo não ficou restrito apenas a Inglaterra, teve movimentos semelhantes em países como : Suíça, Bélgica, Renânia (atual região oeste da Alemanha) e na Silésia (atual região da Polônia e Alemanha).

O outro movimento social dessa época foi o Cartismo - carta do povo. Os operários também defendiam e lutavam por melhores condições de trabalho, como reduções da jornada de trabalho. A grande diferença entre o cartismo e o Ludismo, era o fato que eles não invadiam as fábricas para quebrar os maquinários. Entretanto, segundo Coggiola (2010), os cartistas praticavam o piquete de greve, que era um tipo de bloqueio do acesso ao local de trabalho. Esses piquetes objetivavam incentivar mais trabalhadores a aderirem a greve. O Movimento Cartista buscava uma representatividade dos trabalhadores na

política. Coggiola (2010, p.21) afirma que a ação dos cartistas foi muito eficiente, uma vez que

Eles conseguiram mudanças efetivas, tais como a primeira lei de proteção ao trabalho infantil (1833), a lei de imprensa (1836), a reforma do Código Penal (1837), a regulamentação do trabalho feminino infantil, a lei de supressão dos direitos sobre os cereais (esta, em aliança com os liberais e a burguesia industrial), a lei permitindo as associações políticas.

Muitas vitórias fizeram parte da história do Movimento Social Cartista, além das supracitadas, a mais importante foi a redução da jornada de trabalho para dez horas, nessa época as jornadas de trabalho na maioria das vezes eram entre quatorze e dezessete horas diárias. É importante ressaltar que tanto o Ludismo, como o Cartismo possuem influências teóricas marxistas. Karl Marx, que viveu no período Ludista, propagava que se deve ir contra a cultura burguesa, pois o que o proletariado produz o pertence.

Quando falamos em revoluções da classe trabalhadora, não podemos deixar de mencionar as revoluções de 1848, chamadas também de Primavera dos Povos, um processo revolucionário de quase um ano que atingiu os principais países Europeus e pela primeira vez a classe trabalhadora se apresentou de forma independente da burguesia numa luta, como colocam Marx e Engels em o manifesto do partido comunista. Lançando a proposta de uma revolução da classe trabalhadora, o manifesto se preocupou em apontar as falhas do Estado Liberal. Visto como simples representante do interesse da sociedade burguesa, essa forma de governo deveria ser combatida para que assim, as diferenças sociais fossem verdadeiramente combatidas.

Na mesma direção, citamos a primeira tentativa de revolução proletária da história, a histórica comuna de Paris. A análise de Marx sobre a comuna se destaca não só por ter sido feito na época do próprio acontecimento, mas pelo vínculo com sua teoria da revolução proletária e sua concepção de comunismo. Marx aconselhou o proletariado francês a procurar, através de meios legais, reforçar as suas organizações de classe, pondo de parte quaisquer veleidades revolucionárias imediatas, sobre isso

A classe operária francesa depara [...] com circunstâncias extremamente difíceis. Qualquer tentativa para derrubar o novo governo, com o inimigo quase às portas de Paris, seria uma loucura desesperada. [...] Que calma e resolutamente [os operários] aproveitem as liberdades republicanas para proceder metodicamente à sua própria organização de classe (MARX, 1963, p 39).

O aspecto inovador na experiência da Comuna consistiu no fato de que, diante da impossibilidade de se avançar uma revolução localizada geograficamente nos bairros populares, se ampliou e aprofundou o seu carácter social.

Ainda no tocante as revoluções, é importante falar sobre a Revolução Russa de 1917, dirigida por Vladimir Lênin e Leon Trotsky. Foi o primeiro Estado operário socialista que iniciou uma transição ao comunismo até a contrarrevolução de Stálin. A revolução de 1917 foi a concretização de uma série de revoltas pelas quais a Rússia passava desde 1905, como consequência houve o fim da monarquia e a tomada de poder pelos socialistas.

Outrossim, como parte importante das revoluções da classe trabalhadora ainda podemos citar a resistência operária ao taylorismo, em que os trabalhadores passaram a desenvolver lutas surdas contra o novo sistema de dominação que lhes foi imposto. Fizeram manifestações contra o trabalho desqualificado, o tempo cronometrado e o salário diferenciado. Organizaram greves reivindicando isonomia salarial, jornada de 8 horas, aumento de salário, reconhecimento dos comitês de trabalhadores nas empresas e do sindicato.

Em consonância, também citamos as lutas de classes na Europa e dos países coloniais, a terceira revolução chinesa (1949) de Mao Tsé-Tung, o grande líder do Partido Comunista Chinês e proclamou a República Popular da China e por último, mas não menos importante, a Revolução Cubana (1959), liderada por Fidel Castro e Ernesto Che Guevara. A Revolução Cubana foi um evento que teve impacto não apenas em Cuba, mas em toda a América Latina.

No Brasil, por exemplo, os últimos anos da década de 1970 viram o surgimento de um novo movimento sindical dos operários brasileiros, influenciando na abertura democrática e na história do Brasil das décadas posteriores. O Novo Sindicalismo afluído nos anos de 1978 a 1980 resultou na criação do Partido dos Trabalhadores (PT) em 1981, da Central Única dos Trabalhadores (CUT) em 1983, do Movimento Sem Terra –MST em 1984 e da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), em 1986 (DELMAGRO E BAHNIUK, 2019).

O histórico movimento grevista no ABC paulista, que foi o auge do Novo Sindicalismo, teve seu início em 1978 nas fábricas de caminhões da Saab-Scania, em São

Bernardo do Campo, São Paulo, quando aproximadamente dois mil metalúrgicos pararam de trabalhar e reivindicaram 20% de aumento salarial. Esse movimento propagou-se para outras empresas, como a Ford, Mercedes-Benz e Volkswagen.

Em 1979, uma nova onda grevista surgiu nas cidades paulistas de Osasco e Guarulhos, dessa vez contava com além dos metalúrgicos, com outras categorias de profissionais à exemplo de professores, bancários, funcionários públicos, jornalistas, operários da construção civil, entre outros.

Já no ano de 1980, de acordo com Santana (2018), uma nova greve ocorreu em São Bernardo do Campo, teve duração de 41 dias e mobilizou cerca de 300 mil metalúrgicos. Não havia no Brasil uma greve dessa proporção desde 1968 e tampouco haviam sido organizadas à revelia das antigas direções sindicais. Como era de costume, os velhos dirigentes dos sindicatos sempre negociavam com os governos, no entanto, esses dirigentes foram superados por novas lideranças, destacando-se aqui a figura de Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e um dos principais líderes do futuro PT.

O lema do sindicato era “tá chegando a hora da onça beber água”. Os trabalhadores(as) se organizavam para os embates futuros, coligando a experiência das duas greves anteriores, no entanto, o regime militar e seus representantes não ficaram parados e logo buscaram impedir a movimentação de trabalhadores(as). Sobre isso Antunes indica (1988, p. 64):

Era o início da contraofensiva ditatorial, cujo objetivo era atingir a espinha dorsal do novo sindicalismo, num primeiro momento através de medidas persuasivas e, posteriormente, através de violenta repressão. Foi exatamente nesta contextualização política que foi implementada a “nova política salarial” de novembro de 1979, que objetivava principalmente conter e mesmo fazer refluir o movimento reivindicatório grevista.

Apesar de deflagradas no mundo do trabalho e exigindo pontos diretamente relativos a essa esfera, as greves dos anos de 1978, 1979 e 1980 traziam muito mais do que isso. Inseridas no contexto de ditadura, ainda em distensão e transicional, as greves abordavam em cheio a lógica de ação do regime para o mundo do trabalho (SANTANA, 2018).

Já partir da década de 1990, o Brasil começa a sentir os profundos impactos da fase de reestruturação produtiva sobre a organização da classe trabalhadora e seus instrumentos. O modelo toyotista, já explicado anteriormente, surge como característica central da fase de reestruturação e se constituiu de acordo com Maria Cristina Sagário e Mário Costa Júnior (2010) como uma resposta às intensas mobilizações dos trabalhadores, gerando objetiva e subjetivamente a construção do ideário do sindicalismo colaborativo, do sindicalismo de empresa, do sindicalismo participacionista; em detrimento do sindicalismo classista e combativo

Os impactos subjetivos na vida dos trabalhadores diante a estruturação do modelo toyotista foram perceptíveis. Além de uma significativa reestruturação na esfera produtiva, o toyotismo se desenvolveu paralelamente a uma crise mundial de acumulação de capital e à implementação global do modelo econômico liberal. Essas confluências geraram uma enorme taxa de desemprego e miserabilidade nos países que adotaram o receituário neoliberal, constituindo no imaginário da classe trabalhadora o sentimento de medo de perder o emprego, incentivando os trabalhadores a aceitarem as condições de trabalho caracterizadas por uma intensa precarização diante, por exemplo, de uma ofensiva política de retirada de direitos sociais e trabalhistas, acompanhada de um ritmo de trabalho exaustivo e estressante (SAGÁRIO E JÚNIOR, 2010, p. 5).

Para Antunes (2018) o período do PT no governo federal transformou o sindicalismo de confronto das principais centrais sindicais, como exemplo a CUT, em um sindicalismo negocial, por meio da composição de postos no governo, das regras de financiamento das centrais, dentre outros fatores. Todavia, no decorrer desses governos, existiram diversas greves, muitas das quais à revelia de gestões sindicais.

O sindicalismo no Brasil e no mundo sofre devido à sua regulação pelo Estado e por suas limitações corporativas, restritos, em sua maioria, aos trabalhadores formais. Além disso, com o ideário neoliberal sendo praticado, várias restrições têm sido impostas às organizações dos trabalhadores como forma de miná-las, desse modo, as resistências da classe trabalhadora poderão perder espaço, ou ter suas atuações radicalizadas (DALMAGRO E BAHNIUK, 2019).

Isto não significa que não existam experiências de autonomia operária ou de fábricas controladas pelos seus trabalhadores como a Fábrica Sin Patrones (FASINPAT) ou Madycarf, na Argentina por exemplo. No entanto, com o desenvolvimento e ampliação da sociedade capitalista, o capitalismo tornou-se hegemônico em todo mundo carregando

consigo os conflitos, impactando na organização dos trabalhadores. A Contrarreforma trabalhista de 2017 é um bom exemplo, ajudou a colocar em crise o sindicalismo e regulamentou a precarização do trabalho, regulamentando o teletrabalho e o trabalho intermitente.

Temas como jornada de trabalho, férias, salário, contribuição sindical, entre outros, sofreram mudanças promovidas pela contrarreforma trabalhista. Em relação a alteração da carga horária, esta fica compreendida como o período em que o trabalhador está disponível para a empresa, e que dizem respeito ao trabalho intermitente ou teletrabalho. É considerado teletrabalho a prestação de serviços fora das dependências do empregador, fazendo uso de tecnologias de informação e de comunicação que, por sua natureza, não se constituam como trabalho externo. Para o trabalho intermitente, a nova legislação permite que o trabalhador seja contratado para trabalhar esporadicamente, recebendo apenas pelo período em que realizou o serviço (CANNAS, 2019)

Ademais, essas mudanças, configuram-se em questões de disputa entre classe trabalhadora e classe burguesa. Desse modo, analisando os pontos supracitados percebemos como a contrarreforma do trabalho realizada por Temer promoveu um aprofundamento da exploração sobre as classes trabalhadoras no Brasil, que se tornou mais vulnerável à exploração de acordo com o ideário neoliberal de priorização do lucro e entregues a altas taxas de desemprego.

A luz Silver (2005), o capital desloca a produção para países com força de trabalho em maior número, insere tecnologia na produção, buscando diminuir o número de trabalhadores ou, ainda, migra para novos nichos de mercado e setores de produção. Ao mesmo tempo que isso acontece, também migram as possibilidades de resistências e a criação de novas organizações, em suma o que ocorre é que, o deslocamento do capital atrasa a resolução das crises, no entanto, não as diminuindo, mas sim transferindo para outro setor ou lugar.

Apesar de todas as ofensivas contra as lutas da classe trabalhadora, é importante evitar conclusões como o fim do sindicalismo ou da luta de classes. Ao considerar a ideia de Silver (2005) de que para onde vai o capital, o conflito vai atrás, nos evidencia o surgimento das lutas trabalhistas em novos setores da economia, nichos e regiões. São grandes as dificuldades para os trabalhadores encontrarem formas de luta eficazes, muito em virtude da profundidade das transformações produtivas em curso, sobretudo nas

últimas décadas em que a mundialização do capital aumentou e a riqueza e o poder está cada vez mais concentrado nas mãos de poucos.

Principalmente nos anos 2000, vivenciamos a emergência de centenas de mobilizações massivas das mais diversas organizações e movimentos sociais, apesar de fragmentada, a classe trabalhadora que é feita e refeita continuamente mostra resistência frente à atual fase do capitalismo, expandindo suas temáticas desde a questão da terra, até as lutas sobre gênero, raça, questões ambientais e também melhores condições trabalho, como é o caso dos trabalhadores por demanda de aplicativo, eixo central da nossa discussão, que versaremos em itens futuros. A centralidade continua sendo a classe trabalhadora como explorada, mas só pode ser hegemônica em aliança com os mencionados setores oprimidos pela sociedade capitalista.

Os movimentos sociais segundo Dalmagro e Bahniuk (2019, p. 56) “são expressão da classe trabalhadora em seu fazer-se, uma reação mais ou menos consciente, em face da exploração e opressão capitalista na atualidade” e além disso escancaram as contradições do capitalismo, como por exemplo a luta por condições essenciais de sobrevivência e dignidade, mas por outro lado, demonstram a impossibilidade dessas condições se realizarem em sua totalidade dentro do modo de produção capitalista. Mesmo assim, algumas formas de resistência vem acontecendo a exemplo, das paralisações dos entregadores por demanda de aplicativo.

No próximo capítulo, o segundo dessa dissertação, será discutido alguns aspectos da ideologia neoliberal, seus impactos no Brasil e também como o neoliberalismo contribui para o fortalecimento da precarização e terceirização do trabalho. Ainda estudaremos a uberização como uma nova forma de controle e organização do trabalho e sua relação com o conceito de empreendedorismo.

## **CAPÍTULO 2: ALGUNS ASPECTOS SOBRE IDEOLOGIA NEOLIBERAL, SEU IMPACTO NO BRASIL E A UBERIZAÇÃO**

### **2.1 Origem do Termo Ideologia**

Nesta sessão, nos propomos a familiarizar o leitor com alguns elementos do debate sobre o conceito de ideologia, primeiramente apresentando as origens de tal conceito. O estudo sobre ideologia é importante, uma vez que, ela está sendo utilizada fortemente para passar uma falsa ideia sobre o trabalho precarizado e sobre a discussão do empreendedor de si mesmo, como se isso fosse algo positivo para os trabalhadores, quando na verdade mascara a precarização e a exploração, assuntos que serão abordados em tópicos futuros.

Feitas as primeiras considerações, partiremos para entender ideologia a partir das contribuições seminais de Karl Marx, Friederich Engels e Antônio Gramsci. Posteriormente, traremos o conceito de neoliberalismo resgatando seus marcos temporais no Brasil e os impactos para a classe trabalhadora oriundos de sua implementação.

Segundo Reis (2019), o termo ideologia foi utilizado pela primeira vez por Antoine Louis Claude Destutt de Tracy (1754-1836). Tracy além de um filósofo francês, foi um político e professor. Em sua obra, *Elementos de Ideologia*, De Tracy faz uso dessa palavra para designar sua proposta de uma ciência das ideias. Para tanto recorreu a um neologismo, ou seja, o emprego de novas palavras, juntando os radicais gregos *eidos* e *logos*, de modo que a palavra ideologia significava originalmente o estudo das ideias.

Destutt de Tracy fazia parte de um grupo, os ideólogos franceses, que eram críticos ao antigo regime e acreditavam que sua nova ciência “Reconstruiria completamente a política, a economia e a ética, partindo dos processos mais simples de sensação até as regiões mais sublimes do espírito” (EAGLETON, 1997, p. 68).

Os ideólogos foram apoiadores de Napoleão Bonaparte no golpe do 18 Brumário dando início ao período conhecido como Consulado na esperança que Napoleão fosse um liberal que avançaria os ideais da Revolução Francesa (REIS, 2019). No entanto, essa relação durou pouco tempo, ainda segundo Reis (2019), a medida que as dificuldades políticas começavam a aparecer e o império começava a ruir, Napoleão acenava cada vez mais fortemente à monarquia, assim os ideólogos passaram a criticar suas condutas e classificá-lo como restaurador do antigo regime.

O grupo de De Tracy, anteriormente base de sustentação do regime napoleônico, é alçado a posição de inimigo, a partir de então o sentido pejorativo da palavra ideologia passa a ser difundido, sobretudo, nas universidades como uma forma de fazer frente aos

ideólogos.

Chauí (2008) afirma que, em um de seus discursos Napoleão atribui todas as mazelas que aflingiam a França naquele período deveriam ser atribuídas a ideologia, logo, o sentido napoleônico ganha força, se populariza e ideologia, que inicialmente significava a ciência natural, cujo objeto de estudo era a realidade material, torna-se o inverso e, nesse caso, o apreciador da ideologia passa a ser visto como aquele que inverte a relação entre a realidade e as ideias.

Assim, traremos no ponto seguinte breves considerações dos filósofos Karl Marx e Frederich Engels acerca da noção do termo ideologia, mostrando as críticas feitas pelos filósofos, sobretudo a maneira como a ideologia era utilizada a partir de uma perspectiva da classe dominante.

### **2.1.1 A Ideologia no Pensamento de Marx e Engels**

Nos estudos de Marx e Engels, o conceito de ideologia ocupa um lugar central, a partir de tais estudos, o termo se renova e ganha um poder crítico, que apontava os limites do pensamento iluminista e da incipiente sociabilidade burguesa. Marx e Engels escreveram, por volta de 1845-1846, um grande manuscrito contendo críticas a filosofia alemã de sua época conhecidos como *Manuscritos Econômico-filosóficos e A Ideologia Alemã*.

Na obra de Marx, podemos identificar basicamente dois caminhos conceituais, em torno da questão da ideologia, o primeiro formulado em *A Ideologia Alemã*, em que a ideologia deve ser entendida por uma ótica negativa, de distorção e mistificação do conhecimento, ou seja, na dimensão de falsa consciência. O segundo caminho conceitual versa sobre um sentido positivo da ideologia, que sinalizado por Marx no Prefácio da *Contribuição à Crítica da Economia Política* de 1859, nas formas ideológicas (jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas) sob as quais os homens adquirem consciência do conflito histórico e o levam até o fim. Conforme explica Eagleton (1997, p. 16):

De modo geral, uma linhagem central - de Hegel e Marx a Georg Lukács e alguns pensadores marxistas posteriores - esteve muito preocupada com ideias de verdadeira e falsa cognição, com a ideologia como ilusão, distorção e mistificação; já uma outra tradição do pensamento, menos epistemológica que sociológica, voltou-se mais para a função das ideias na vida social do que para seu caráter real ou irreal.

Eagleton (1997, p.20) defende um julgamento mais amplo do conceito de ideologia, para o autor ideologia é “algo como uma intersecção entre sistemas de crença e poder político”, independente de confirmar ou desafiar determinada ordem social.

Na obra *A Ideologia Alemã* (2009), Marx e Engels polemizam o uso do termo ideologia, apontando-a como uma falsa consciência da realidade. Para os autores, ela é um instrumento de ocultamento da realidade utilizado pela classe dirigente para sobrepor-se às demais classes com o consentimento delas. Segundo Reis (2019), o objetivo era sustentar luta contra os jovens hegelianos. Este entendimento parte de alguns pressupostos que fazem parte da visão materialista da história de Marx e Engels

Em primeiro lugar, as formas da consciência dos homens são determinadas pelas condições materiais. Isto é, o pensamento e a construção de ideias não são processos autônomos, mas sim processos determinados pela atividade cotidiana dos seres humanos na medida em que produzem e reproduzem suas condições de vida (REIS, 2019, p. 29).

Já havia um esboço dessa perspectiva em “Crítica à filosofia do direito de Hegel” segundo Konder (2002), em que Marx polemiza o que ele considera um excessivo formalismo do pensamento hegeliano, argumentando que o resultado da atividade concreta dos homens, O Estado, era transformado na concepção hegeliana em uma chave racional para compreender o movimento humano, isto é, o produto determinava os produtores, erro inaceitável na visão marxista. De acordo com Marx, é o povo que constitui o Estado e não o inverso.

Como já visto, Marx e Engels partiram do pressuposto de que existe uma determinação social para os produtos da consciência, nesse caso, se na ideologia os homens e as circunstâncias que eles estão inseridos aparecem de forma inversa, é preciso investigar as circunstâncias econômicas, políticas e também sociais, uma vez que essas determinam o surgimento de tal inversão e isso nos leva a um segundo pressuposto da visão de história em Marx e Engels: em que existe uma divisão social que possibilita o desenvolvimento de teorias e da atividade teórica e essa divisão social é datada historicamente entre o trabalho manual e trabalho mental, portanto

A consciência pode realmente imaginar ser outra coisa diferente da consciência da práxis existente, representar algo realmente sem representar algo real – a partir de então, a consciência está em condições

de emancipar-se do mundo e lançar-se à construção da teoria, da teologia, da filosofia, da moral etc. “puras” (MARX, 2009, p. 35-36).

Desse modo, a divisão social do trabalho é o marco da origem remota da ideologia, além de ser idêntica a propriedade privada, em que uma parte se exterioriza na atividade e a outra parte nos produtos dessa. A propriedade privada introduz a fragmentação da comunidade humana e disso decorre a deturpação do pensamento, sobre essa questão Reis (2019, p.30) diz

É esta divisão na sociedade que marca a emergência de doutrinas e atividades teóricas que se consideram ‘puras’, autônomas, quando, de fato são determinadas. Ou seja, o desenvolvimento da divisão entre trabalho manual e intelectual, fundado na propriedade privada, é condição para o surgimento de ideologias de toda sorte.

Embora Marx tenha uma noção crítica e negativa de ideologia, ele acaba herdando de De Tracy e dos iluministas a crença que a ciência e a capacidade humana podem explicar o mundo. A partir dessa formulação podemos chegar a um terceiro pressuposto do pensamento de Marx, o de que as ideologias podem ser explicadas com base no estudo científico da história e da sociedade e por ele devem ser modificadas.

O arcabouço teórico marxista sobre ideologia, teve influência para outros filósofos, é o caso de Antônio Gramsci. O prefácio da obra de marxista “Crítica da Economia Política” foi a referência central de Gramsci para tratar do tema ideologia, como veremos mais detalhadamente a seguir.

### **2.1.2 O Conceito de Ideologia para Gramsci**

Antônio Gramsci (1891-1937) é um militante revolucionário, fundador do Partido Comunista Italiano na cidade de Livorno na Itália, autor multifacetado e diverso. No tocante à questão de ideologia, desenvolveu uma concepção política de ideologia, pensando-a como o espaço em que os homens tomam consciência dos conflitos sociais e travam suas lutas. O arcabouço conceitual gramsciano nos entrega vários graus de análises sobre as complexas relações existentes entre ideologias, classes sociais e a luta pela direção política, social e cultural e pelo poder político nas sociedades capitalistas.

Gramsci (2004), argumenta que é necessário haver uma separação entre as ideologias historicamente necessárias, de classe ou de frações de classes fundamentais e as ideologias arbitrárias ou desejadas

Aquelas que são historicamente necessárias organizam as massas humanas, formam o terreno sobre o qual os homens adquirem consciência de sua posição e lutam para superá-las. As arbitrárias, ao contrário, não criam nada além de movimentos individuais, ou polémicas (GRAMSCI, 2004, p. 237).

O uso estritamente negativo do conceito de ideologia foi alvo de críticas para Gramsci, criticando certos posicionamentos de marxismo vulgar, “que extraíam da discussão sobre a relação base e estrutura um determinismo exacerbado de um sobre o outro” (REIS, 2019, p. 46)

No arcabouço gramsciano, o sentido dado ao conceito de ideologia é muito mais positivo, as ideologias historicamente orgânicas possuem uma valia psicológica, logo, elas “criam o terreno onde os homens se movem, adquirem consciência da sua posição, lutam, etc.” (GRAMSCI, 2004, p. 237).

Já que não pôde conhecer “*A ideologia alemã*”, só publicada em 1932, a referência central de Gramsci para tratar do tema ideologia é o prefácio da obra de marxista “Crítica da Economia Política”. Nessa obra Marx afirma que as revoluções sociais decorrem da contradição entre as forças produtivas e as relações de produção e, também, que os homens tomam consciência daquela contradição na superestrutura. Dessa forma sendo assim, para Gramsci, a ideologia não é reflexo mecânico da base material e nem apenas “aparência e ilusão”, estuda de um ponto de vista revolucionário justamente as mediações.

Alguns autores, como Liguori (2010), notam um distanciamento entre Gramsci e Marx no entendimento do fenômeno ideológico: como não chegou a conhecer a *Ideologia Alemã*, Gramsci teria incorrido em uma contradição: “construiu uma concepção positiva da ideologia, enquanto em Marx ela é compreendida em chave negativa, como visão distorcida da realidade” (LIGUORI: 2010, p. 139)

Todavia, essa afirmação pressupõe equivocadamente a existência plena explicitada no texto de Marx de uma teoria já concluída da ideologia. Mas, como o próprio título da obra nos alude, a *Ideologia alemã* tece críticas a uma forma específica de ideologia, aquela que estava presente nos textos dos jovens hegelianos que baseados em um idealismo especulativo, invertiam as relações entre a realidade e o pensamento.

A ideologia tem um substrato material, sendo assim, não é reflexo e nem aparência. Dessa forma, Gramsci volta-se para o estudo da estrutura material que as diversas classes criam para manter e disseminar a ideologia. Em resumo, à luz de Filippini

(2012), para Gramsci, não existiria uma ideologia específica do opressor imposta ao oprimido, mas sim uma série interrompida de substratos ideológicos juntos por uma força hegemônica.

## **2.2 A Ideologia Neoliberal, o Espírito do Capitalismo e o Neoliberalismo no Brasil**

O termo neoliberalismo compreende um conjunto de significados, podendo ser tratado como uma teoria, um projeto político, um plano econômico, um momento da história ou mesmo uma ideologia. Apesar das diferenças no que diz respeito a concepção teórica, as experiências vivenciadas com a implementação do neoliberalismo são distintas nos países, uma vez que, cada país possui uma formação econômico-social<sup>14</sup> particular. Dessa maneira, consideramos oportuno explicar o termo organizando um arranjo conceitual que seja apropriado para a análise que será feita acerca do fenômeno neoliberal no Brasil, bem como seus impactos para a classe trabalhadora adiante.

O neoliberalismo é considerado uma resposta do capital à crise da acumulação dos anos 1970. Baseado nas observações de Duménil e Levy (2003), aquela década foi marcada por um processo de queda das taxas de produtividade do trabalho e também da produtividade do capital, significando a obtenção de uma quantidade menor de produtos para o mesmo estoque de capital. Esse baque por dentro do sistema representou o indicador do esgotamento do modelo keynesiano-fordista de desenvolvimento.

No fordismo o consumo era invariável e o mercado presumido, na nova configuração econômica como atenta Harvey (2006), o investimento por meio de capital fixo e a divisão do trabalho fordista se colidiram com a necessidade de uma produção com caráter mais flexível.

Duménil e Levy (2014) sustentam que a principal característica da fase neoliberal é a criação de um poderoso bloco formado pela classe capitalista e uma fração detentora de altos salários, formada sobretudo por gerentes do ramo financeiro. Enquanto para Harvey (2008) ao se debruçar sobre o objeto neoliberalismo traz pistas de como, amparada em um novo contexto histórico, a composição ideológica foi sendo forjada, estando fortemente baseado em desejos de autonomia e liberdade, essas ideias foram

---

<sup>14</sup> “Parece muito natural, por exemplo, que se comece pela renda territorial, a propriedade rural, porque se encontra ligada à terra, fonte de toda produção e vida, e à agricultura, primeira forma de p em todas as sociedades, por pouco solidificadas que se achem. E, contudo, nada mais falso do que isso. Em todas as formas de sociedade se encontra uma produção determinada, superior a todas as demais, e cuja situação aponta sua posição e influência sobre as outras. É uma iluminação universal em que atuam todas as cores, e às quais modifica em sua particularidade. É um éter especial, que determina o peso específico de todas as coisas às quais põe em relevo” (MARX, 2008,p.266).

disseminadas por diferentes agências, desde o Estado à sociedade civil, cada uma moldando seu discurso de acordo com suas necessidades particulares.

Nesse novo arranjo, a classe capitalista se fortalece enquanto a classe trabalhadora fica cada vez mais vulnerável e com suas lutas enfraquecidas. Para os trabalhadores, o enredo do senso comum vai sendo projetado via relação entre autonomia e a lógica empresarial, isto é, segundo Dias, Morais e Rodrigues (2022, p.347)

Diferentes instituições passaram a exaltar a agência do indivíduo contra a “rigidez” das estruturas sociais, associando componentes mobilizadores dos sujeitos com atributos meramente corporativos, como concorrência e competição. Envolvidos nessa teia de sentidos, que se alimenta da experiência vivida, os trabalhadores acabam por reelaborar as suas identidades e por assumir uma nova ética de “estar no mundo”.

A noção distorcida de liberdade contida no discurso neoliberal traz um grande impacto para a massa trabalhadora, já que as reformas e contrarreformas que conduziram a diminuição dos direitos sociais e trabalhistas precisaram ser justificadas por um viés que conferisse um olhar negativo a intervenção estatal e positivo ao mercado. Termos como “autonomia”, “empreendedorismo” e “independência” são utilizados de forma análoga a noção de liberdade e assemelham sucesso pessoal ao êxito profissional, ou seja, para se tornar uma pessoa bem sucedida, o indivíduo não precisa ter vínculos empregatícios formais, ao contrário, ele precisa ser um empreendedor, administrador de si mesmo, tornar-se um capital humano. Assim forma-se uma nova força de trabalho consoante às necessidades da classe dominante e do funcionamento da acumulação flexível.

A ideologia neoliberal é a expressão ideológica da hegemonia do capital financeiro sobre as demais frações do capital e contra a classe trabalhadora como afirma Perry Anderson em *Balanço do neoliberalismo* (ANDERSON,1995).

Sinteticamente, baseado em Dias, Morais e Rodrigues (2022), a composição da ideologia neoliberal abarca três eixos norteadores: o eixo ideológico primário, eixo secundário mobilizador e as identidades inseridas ao “novo” trabalhador. O quadro 1 a seguir sobre ideologia neoliberal dos autores supracitados mostra cada um desses eixos e suas características:

**Quadro 1:** Ideologia Neoliberal

Eixo Ideológico Primário	Eixo Secundário	Identidades incorporadas
	mobilizador da agência individual: associação com a cultura empresarial	pelo “novo trabalhador”
Liberdade	Flexibilização	Empreendedor
Autonomia	Competição	Parceiro
Independência	Concorrência	Colaborador
Individualização	Ambição	Trabalhador Flexível

**Fonte:** Dias, Morais e Rodrigues, (2022)

Todas essas situações favorecem o desenvolvimento do espírito capitalista, que como coloca Weber (1992), ao estudar a relação virtuosa entre ética protestante e o espírito do capitalismo como elemento base da acumulação do capital e também como uma forma de se redimir dos pecados consequentemente aproximando-se mais de Deus. Desse modo, é importante refletirmos sobre a propagação e naturalização da ideologia neoliberal, analisando sobretudo, como os enredos de sucesso possuem a capacidade de deturpar a visão das pessoas sobre o mundo social.

Na obra *O Novo Espírito do Capitalismo* os escritores Boltanski e Chiapello, a expressão “espíritos do capitalismo” busca facilitar o entendimento das condições históricas que possibilitam ao capitalismo, nos diferentes momentos históricos, ter o engajamento dos atores sociais que são necessários à sua sobrevivência enquanto modo de produção hegemônico. Para os autores,

O espírito do capitalismo é justamente o conjunto de crenças associadas à ordem capitalista que contribuem para justificar e sustentar essa ordem, legitimando os modos de ação e as disposições coerentes com ela. Essas justificações, sejam elas gerais ou práticas, locais ou globais, expressas em termos de virtude ou em termos de justiça, dão respaldo ao cumprimento de tarefas mais ou menos penosas e, de modo mais geral, à adesão a um estilo de vida, em sentido favorável à ordem capitalista. (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 42.)

Especificamente no Brasil, a implantação das políticas neoliberais foram conduzidas pelo governo Fernando Collor de Melo a partir dos anos 1990 e impactou severamente a economia nacional, com privatizações, desregulamentação do mercado de trabalho e fechamento de muitas empresas nacionais que não conseguiram se manter competitivas no mercado, e outras tiveram que migrar para regiões periféricas do país,

onde havia maiores possibilidades de isenções fiscais por parte dos governos estaduais e municipais (CORTELETTI, 2021).

A partir das forças políticas e sindicais capturadas e amarradas, o neoliberalismo pôde, a partir então, se constituir em um projeto que objetivava uma nova forma de dominação. Na contramão, o modelo neoliberal desembarcava no Brasil, enquanto no núcleo do sistema capitalista, ainda nos fins dos anos de 1990, após duas décadas de seu surgimento, o neoliberalismo segundo Antunes (2018), tornava-se impopular e os sintomas de que esse modelo não era benéfico aos trabalhadores se mostravam desde a Inglaterra, onde o *New Labour*<sup>15</sup> com seu plano de “terceira via” em 1997, derrotava o conservadorismo de Margaret Thatcher. O *New Labour* não consegue reverter nenhuma das políticas neoliberais, apenas as camuflou com um “verniz social”, o qual Antunes (2018) denominou de “social-liberalismo” sendo liberal no conteúdo e social na forma.

O processo de desestruturação do mercado de trabalho brasileiro ao longo das décadas de 1980 e 1990, causaram profundas marcas na estrutura social do país, enraizando problemas sociais e históricos. Explosão do desemprego em massa, informalização das relações de trabalho, além do surgimento de formas precárias de ocupação e da ampliação das desigualdades de rendimento entre os trabalhadores, são marcas características desse período.

Segundo Pochmann (2016), a adoção de medidas neoliberais acontece em torno ao avanço da recessão, com grande agravamento no que diz respeito a questão social. O mesmo, divide o receituário neoliberal em três tempos, o primeiro teve seu início ao final do governo Sarney (1985 – 1990), enquanto reação à aprovação da Constituição Federal de 1988, tendo sua continuação e aprofundamento no breve período de governo de Fernando Collor de Melo, que dentre outras coisas, tratou de impor de maneira violenta o receituário neoliberal, marcando a década de 1990 com uma forte tendência de flexibilização das relações de trabalho, assim, viu-se a generalização de medidas de cunho liberal da contratação dos trabalhadores por modalidades que ficavam abaixo do estabelecido pela CLT.

A ascensão de Itamar Franco na presidência da República, após o Impeachment de Fernando Collor de Melo em 1992, situou o fim do primeiro tempo do neoliberalismo no país. Com a eleição de Fernando Henrique Cardoso o neoliberalismo foi retomado,

---

<sup>15</sup> O *New Labour*, decorreu da governação de Tony Blair entre 1997 e 2007, é considerado o projeto mais emblemático desta reforma da social-democracia. (BELCHIOR E SALVADOR, 2012).

marcando o início do segundo tempo da aplicação do receituário neoliberal adotado no Brasil. Ainda de acordo com Pochmann (2016), com a estabilidade monetária alcançada pelo Plano Real e, mantida a trajetória econômica distante da recessão, o Estado sofreu alterações substanciais. Ademais da privatização, assistiu-se ao avanço da terceirização no interior do governo, a liberalização financeira e comercial, bem com as contrarreformas trabalhista e previdenciária.

O terceiro tempo do neoliberalismo instalou-se no ano de 2016, com a concretização do golpe institucional que interrompeu o governo Dilma Rousseff e, nesse caso Michel Temer assumiu a Presidência da República. Seu governo caracterizou-se pelo retorno do receituário depredador do papel do Estado, especialmente das políticas sociais. As proposições de reformas no Estado brasileiro (gasto público, previdência social, ensino médio) retomam o sentido da contração do setor público, conforme estabelecido nos dois tempos anteriores, Collor e Fernando Henrique Cardoso. Destes dois períodos de tempo, o governo Temer assemelhou-se mais à truculência da época do presidente Collor de Melo (POCHMANN, 2016).

As colocações anteriores feitas por Pochmann (2016), não mencionam os 14 anos de governo do Partido do Trabalhadores-PT, exime as contrarreformas implantadas pelo partido como por exemplo, logo no início do governo Lula a contrarreforma da previdência pública. Segundo Brito (2019), a manutenção da política econômica do segundo governo FHC, fez com que o governo Lula seguisse a cartilha neoliberal precedente, a despeito do início dos projetos sociais e do anúncio do desenvolvimentismo do Plano Plurianual- PPA 2004-2007.

O PT e Lula passaram por diversas transformações na década de 1990, quando enfim conseguiram chegar ao poder, nem o PT, nem Lula e nem o Brasil eram mais os mesmos. Durante os governos de Lula e Dilma Rousseff, sinaliza Antunes (2018), da mesma forma como Tony Blair e o *New Labour*, Lula/Dilma e o PT, mantiveram as políticas neoliberais aprovadas, inclusive a econômica e monetária. Sobre o transformismo do PT, recomendamos a leitura da tese de doutorado de Laudicéia Araújo Santana, *Transformismo e os Sistemas da Dívida Pública nas Definições Programáticas do Partido dos Trabalhadores e no Governo Lula (2003 -2010)*, defendida em 2018 no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais- PPGCS UFCG

Por sua vez, segundo Barbieri (2019), a prática política do PT no governo, pôs o partido em harmonia com o empresariado numa das dimensões mais compassivas da

conciliação de classes, do ponto de vista do capital: as condições de vida da classe trabalhadora e seus direitos trabalhistas. Ainda de acordo com Barbieri (2019), a tendência de crescimento do trabalho precário não apenas seguiu como se acentuou durante os anos 2000 no Brasil, em reciprocidade com o avanço da integração internacional das cadeias de produção.

Nos aportes de Filgueiras e Gonçalves (2007), mais especificamente no livro *Economia Política do governo Lula* acerca da estratégia econômica do primeiro governo Lula, sustentam que não apenas houve continuidade do modelo neoliberal de FHC, como também passou a ser uma adaptação regressiva e passiva da economia nacional ao sistema econômico mundial, vulnerabilidade externa foi mantida, tanto na esfera produtivo-real, quanto na monetário-financeira, comercial e tecnológica.

Nas contribuições de Singer (2012), em seu livro *Os sentidos do lulismo*, o autor afirma que existe um “reformismo forte”, em que a principal meta é superar as desigualdades, e o “reformismo fraco”, que deseja acabar com a pobreza, com o Estado conferindo especial atenção aos mais pobres. Singer (2012), percebeu que existiam duas almas petistas, a original, amparada nas defesas das reformas estruturais e o lulismo, que age em favor dos mais pobres, no entanto sem romper com a ordem estabelecida.

As políticas reformistas segundo Brito (2019, p.54), objetivam

Formas de conter, antagonizar e aplacar o neoliberalismo, circunscrevendo sua práxis política no esforço de refundação do capitalismo. Há que se acrescentar que o reformismo tem claro que tais transformações implicam intensos conflitos, mas defende que sua resolução pode e deve se dar em bases democráticas, institucionais.

O livro *A pulsão plebeia: trabalho, precariedade e rebeliões sociais*, do sociólogo Ruy Braga (2015), é uma coletânea de artigos, consiste em relacionar a precarização do trabalho com as mobilizações sociais que surgiram como resposta a um contexto de crise, no Brasil e em Portugal, principalmente, nele o autor faz críticas ao governo brasileiro, no período de hegemonia do PT. Para Braga (2015), o PT optou por dialogar com diversos segmentos sociais, todavia não deixando claro as contradições da sociedade brasileira, visando sua superação. Ao contrário, optou por chamar de “nova classe média” um setor carente de direitos e extremamente maleável em seus posicionamentos políticos.

À custa da reprodução de um regime de acumulação que insiste em precarizar o trabalho subalterno, o PT integrou no mercado de trabalho grande contingente de

trabalhadores e trabalhadoras em ocupações na base da pirâmide social, isto é, que não exigem grandes qualificações.

Braga (2015) ainda afirma que, a denominada “hegemonia lulista” se apoiou na expansão da base salarial da pirâmide ocupacional brasileira, contudo, tropeçou nas promessas de superação da pobreza e do subdesenvolvimento, duas coisas que dificilmente acontecem sem a geração de postos de trabalho mais qualificados e sem o bloqueio da rotatividade do trabalho.

No entanto, apesar de alguns problemas estruturais terem permanecido durante os governos petistas, à exemplo da terceirização, alta rotatividade da mão-de-obra, a instabilidade no mercado de trabalho, dentre outros, é importante evidenciar alguns aspectos do governo PT que o diferencia do anterior.

Primeiramente, o neoliberalismo da era Lula não foi o mesmo da Era FHC. Tanto que alguns autores definem como neodesenvolvimentismo. Houve a implantação de políticas, que resultaram em uma recuperação das atividades econômicas, com a valorização do salário mínimo articuladas a manutenção do controle inflacionário, além de propostas de investimentos na área social, o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)<sup>16</sup> é um exemplo disso. No quesito educação, as cotas nas universidades aumentaram consideravelmente, em 2002 a população negra nas universidades era de 18,9% em 2015 era de 40,8%. No ensino médio também cresceu o número de negros, entre outros aspectos.

Com a crise em 2014-2015, os problemas estruturais voltam a se agravar, os altos índices de trabalho informal, desregulamentado e desemprego voltaram a crescer, tais fatores estão relacionados, com a tendência ao estímulo a terceirização e precarização do trabalho, com as contrarreformas realizadas pelo PT e também ao golpe institucional que levou Michel Temer a presidência do Brasil em 2016.

As medidas tomadas pelo ex-presidente Michel Temer objetivavam atender aos interesses do mercado financeiro, tais medidas resultaram em vários retrocessos econômicos, políticos e sociais. No que tange especificamente aos trabalhadores, a situação agravou-se ainda mais com as alterações dos artigos da Consolidação das Leis

---

<sup>16</sup> Segundo Roberto Veras de Oliveira (2020, p. 20), o PAC visou, por meio de investimentos principalmente em infraestrutura, aumentar a produtividade das empresas, estimular investimentos privados, gerar emprego e renda e reduzir as desigualdades regionais. Foram priorizados os investimentos (públicos e privados) nos setores de energia, transporte, habitação, saneamento, recursos hídricos, além de programas de impacto social, como o “Minha Casa Minha Vida” (habitação) e o “Luz para Todos” (distribuição de energia elétrica).

Trabalhistas (CLT), após a aprovação da contrarreforma Trabalhista e a regulamentação da terceirização para todos os setores de atividades privadas e públicas.

Segundo Krein e Galvão (2018), a contrarreforma trabalhista, legitimou a precarização e as formas de contratos irregulares e exploratórios, produzindo assim uma despadronização da organização da jornada de trabalho, além de colapsar a vida social dos trabalhadores. Além disso, a contrarreforma fez avançar a remuneração como pagamento não salarial, via vales e bônus, logo, não tributáveis às empresas, atacou sistematicamente os sindicatos e outras instituições públicas da área do trabalho. O resultado de tudo isso foi sentido na pele por milhões de trabalhadores desempregados, recessão econômica e vida cada vez mais precarizada.

Ainda de acordo com Krein e Galvão (2018), existiam dois objetivos bem delineados pelo empresariado: moldar o padrão de regulação do trabalho às características do capitalismo financeirizado e entranhar ainda mais a perspectiva neoliberal nos trabalhadores e no Estado, responsabilizando os próprios indivíduos pela condição em que se encontram no mercado de trabalho.

Nesse cenário de prejuízos, que já tinha grande disposição no Brasil desde 1990 e com as condições de reprodução de suas vidas ameaçadas, a maioria dos trabalhadores são obrigados a se metamorfosear, transformando-se em trabalhadores autônomos ou empreendedores de si, seja trabalhando em diversos tipos de aplicativos, sendo consultora de marcas de cosméticos, administrando pequenas unidades produtivas domiciliares ou outras diversas formas que os garantam uma renda, inserindo-se na informalidade muito em virtude da flexibilidade da jornada de trabalho, como veremos no tópico seguinte.

### **2.3 Informalidade e Trabalho Flexível**

No presente tópico dessa dissertação faremos uma análise sobre o conceito da informalidade desde seu surgimento, o qual estava atrelada ao subdesenvolvimento, até os dias atuais em que o conceito de informalidade é ressignificado, sendo atrelado ao empreendedorismo. Ainda nesse tópico analisaremos o processo de trabalho flexível e todo seu impacto para o mercado de trabalho.

O processo de trabalho flexível que tem suas bases no modelo japonês, o toyotismo, foi tomado pela reestruturação produtiva, nos anos de 1970, como uma solução para resolver as contradições do capitalismo, além da rigidez do fordismo. Dessa forma, coloca Harvey (2006), o trabalho polivalente, multifuncional e em equipe passam

a ser características centrais nessa etapa do capitalismo financeiro, fundamentado na acumulação flexível<sup>17</sup>.

Nessa perspectiva, Corteletti (2021) nos diz que nesse processo de trabalho a produção passa a ser horizontalizada, há uma maior interação entre quem produz e quem planeja o trabalho e além disso, os trabalhadores das fábricas são ouvidos através dos circuitos de controle de qualidade (CCQs) das empresas, sendo assim, envolvidos ideologicamente.

Sobre isso, Antunes (2006) esclarece que, no toyotismo, o foco é em uma produção mais dinâmica, caracterizada pela flexibilização da produção, com trabalhadores especializados em produzir produtos variados e em pequenas quantidades. E, sobretudo, não extinguiu as mazelas relativas a produção de mercadorias, marcadas pela exploração e alienação do trabalhador.

A análise marxista aponta a alienação e exploração como fator econômico principal da sua época, entendida como a relação de contradição do trabalhador com o produto de seu trabalho e a relação do trabalhador ao ato de produção, um processo de objetivação, tornando o homem estranho ao ambiente que vive, aos outros homens e a si mesmo, assim: “A apropriação surge como alienação, e a alienação como apropriação” (MARX, 2002, p.122).

Para Alves (2000), acontece uma captura da subjetividade dos trabalhadores que passam a ser incentivados a pensar como colaboradores da empresa, surgindo neste contexto, segundo Leite e Melo (2008), a “metáfora do indivíduo enquanto empresa”, baseados nos anseios de liberdade e autonomia, incentivando os trabalhadores a tornarem-se empreendedores de si mesmos. A Pejotização é um exemplo claro dessa metáfora.

O termo Pejotização nasce da denominação Pessoa Jurídica, sendo utilizado para descrever o ato de manter os empregados através da criação de empresa pelos contratados, nesse caso deixa de existir um contrato de trabalho entre empresa e empregado e passa a ser entre empresas. Na realidade o empregador nada mais faz do que camuflar a relação de trabalho, visto que reduz os direitos do empregado, a Pejotização, portanto beneficia o empregador. Fica claro o quanto a precarização no mundo do trabalho não acontece de uma única forma, ela vai minando por dentro a garantia dos direitos, mas “por fora” se

---

<sup>17</sup>A ideia de flexibilidade é apresentada por Harvey (2006) como um momento da nova fase do capitalismo contemporâneo. Segundo o autor a acumulação flexível caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional (Harvey, 2006, p. 140)

apresenta para o conjunto da sociedade e para os próprios trabalhadores via discursos ideológicos, como algo que trará benefícios a classe trabalhadora.

O capital possui um grande poder de se multifacetar buscando sempre fugir de crises e aumentar seus lucros, no entanto, na década de 70, especificamente 1973-1979 com os dois colapsos do petróleo, o capitalismo passa por uma crise no seu modo de produção, que se expressa na crise de acumulação, consequentemente havendo uma tendência de queda na taxa de lucro. Em sua obra *O Capital*, mais especificamente no capítulo XIII denominado “A Lei Enquanto Tal”, Marx delinea o processo econômico capitalista fundamental em torno do decréscimo relativo do capital variável (aquele gasto na compra da força de trabalho) em relação ao capital constante (aquele despendido em máquinas, matérias primas e etc.) e, com isso, seu decréscimo em relação ao capital global.

De acordo com Casoni (2016), a mudança gradual na composição orgânica média do capital, é explicada pelo crescimento relativo do capital constante a partir do aumento da produtividade social do trabalho, tendo como base o contínuo desenvolvimento tecnológico que é inserido no processo de trabalho. O aumento progressivo da composição orgânica do capital social acarreta necessariamente, para Marx, a uma queda gradual na taxa de lucro geral.

Sintética e simplificada, isto quer dizer que, ao aumentar a produtividade do trabalho, com a utilização de maquinaria moderna, o trabalhador produz mais produtos em igual tempo de trabalho, ou seja, numa mesma jornada de trabalho, o operário, que antes fabricava duas peças, passa a produzir quatro peças. Desse modo, a parcela de capital variável que existe no custo de cada produto diminui em relação ao capital constante, consequentemente, mesmo que a taxa de mais-valia cresça em virtude do aumento da jornada de trabalho, a taxa de lucro deve cair sempre que a elevação do capital constante em relação com a variável aumentar mais rápido do que a taxa de mais-valor.

Contudo, como já dito, o capitalista, possui poderosa capacidade de controle diante das adversidades que se interpõem ao seu desenvolvimento. Por intermédio de artimanhas e manobras, o mesmo busca se reinventar e adaptar-se as configurações postas, mas sem solucionar questões estruturais, como bem demonstra Marx que há uma tendência e contratendência. Uma contratendência que Marx expressa é diante da Lei tendencial da queda da taxa de lucro procurar novas formas de exploração para aumentar a mais-valia relativa. Essas influências contrárias e conflitantes, que “cruzam e superam os

efeitos da lei geral”, imprimem um caráter apenas tendencial à queda da taxa de lucro. Sendo assim, Marx enumera seis tendências contrárias.

A primeira delas é o aumento do grau de exploração de trabalho por meio do prolongamento da jornada de trabalho e da intensificação do uso da força de trabalho, havendo uma apropriação do capital de uma quantidade maior de mais-valor e de mais-trabalho;

A segunda tendência contrariante diz respeito à compressão do salário abaixo do seu valor. Embora Marx dedique poucas linhas à explicação de seu funcionamento, o mesmo ratifica que essa é uma das mais relevantes causas de contenção da tendência à queda da taxa de lucro.

Como terceira tendência elencada por Marx temos o barateamento dos elementos do capital constante, isso quer dizer que a ampliação do volume material do capital constante aumenta de maneira proporcional mais do que a massa de seu valor.

A superpopulação relativa é a quarta causa contrariante, uma vez que, a criação dessa superpopulação de trabalhadores faz a concorrência pelo emprego entre os proletários aumentar pressionando sobremaneira os salários. Sendo assim, as transformações tecnológicas se aceleram e revolucionam as forças produtivas, o que explica por exemplo o uso das Tecnologia da Informação e Comunicação –TICS no mercado de trabalho, que introduz novas técnicas mais incorporadas a processos produtivos, mercadorias e produtos. Isso causa por um lado, a diminuição de grandes contingentes de trabalho vivo e por outro, amplia a superpopulação relativa, gerando massas de trabalhadores descartáveis e supérfluos para as necessidades médias de valorização do valor. A exemplo disso podemos citar o caso dos trabalhadores por demanda de aplicativos, esses trabalhadores são, como os operários fabris, trabalhadores produtivos, ou seja, produzem capital-mercadoria (valor de troca) para a venda e mais-valia, de acordo com o interesse de um grupo pequeno de acionistas, em outras palavras podemos dizer que essa forma de trabalho é o capitalismo em sua forma cristalina tendo uma minoria ociosa explorando economicamente a minoria produtiva.

A quinta tendência é o comércio exterior aparece como um dos fatores de contrapeso à tendência de queda da taxa de lucro. O alargamento das fronteiras contribui para baratear os elementos do capital constante e dos meios de reprodução da força de trabalho. Por fim, como sexta tendência temos o aumento do capital por ações, ou seja, aquele capital que proporciona juros.

Simultaneamente ao processo de aceleração da acumulação, ocorre o aumento da acumulação de valores de uso, no primeiro processo acontece à queda da taxa de lucro, já o segundo impulsiona a acumulação quanto ao valor em movimento acelerado (CASONI, 2016). É na colisão desses dois movimentos antagônicos que eclodem as crises, sobre crises Marx (1985, p.188) afirma “são sempre apenas soluções momentâneas violentas das contradições existentes, irrupções violentas que restabelecem momentaneamente o equilíbrio perturbado”.

Já para Gramsci (2007), a crise se trata sempre de um fato inerente ao modo de produção capitalista que deriva das próprias contradições entre classe trabalhadora e burguesa. Do ponto de vista metodológico, em “Cadernos do Cárcere”<sup>18</sup>, Antônio Gramsci aponta que uma crise deve ser considerada não apenas como fenômeno imediato e conjuntural, mas sim como um movimento orgânico, levando em consideração a multiplicidade dos seus componentes e nas suas dimensões globais.

Uma das abordagens mais importantes que Gramsci faz sobre a crise orgânica está na nota 216, na obra caderno do cárcere número 8 (1931-1932 Miscelânea e notas sobre filosofia III), expondo de maneira aprofundada a diferença entre a crise orgânica e crise conjuntural. De acordo com Gramsci, uma crise orgânica não abrange somente sua duração, mas também o impulso que provoca ao abalar as estruturas e superestruturas de um bloco histórico, possibilitando o surgimento de novas formas de organização social (GRAMSCI, 1999).

Gramsci afirma que a crise capitalista vivenciada no seu tempo é uma crise orgânica, e não conjuntural. A diferença entre as duas reside “pela sua amplitude e profundidade, que atingiram tal ponto que a quantidade se torna qualidade” (GRAMSCI, 1999, p. 447).

A crise orgânica é uma crise do Estado, tida como um evento relacionado com as mudanças operadas no nível da base econômica, de acordo com Gramsci (1999), suas causas não advêm das esferas moral, político ou jurídico, mas sim do plano econômico-social, robustecendo a ideia de que os fatores econômicos têm muita importância na compreensão das crises orgânicas capitalistas, não se resumindo somente a crises de hegemonia.

As crises locais em algum momento se tornam globais, por estarmos em um mundo globalizado. Os impactos podem ser visualizados não apenas pela taxa de

---

<sup>18</sup> Quaderni del carcere, 4 voll, Torino, Einaudi, 1975.

desemprego crescente, mas também pela maior incidência de empregados formais transferidos para a informalidade e aumento da parcela de desempregados por emprego precário.

As crises econômicas colaboram para a precarização das condições de trabalho e redução da produtividade e dos rendimentos salariais, atingindo, sobretudo, as classes menos favorecidas. As crises irão empurrar para a informalização parcela significativa de trabalhadores/as que antes estavam formalizados e também as juventudes que estão em idade de trabalhar. Dessa forma o movimento do capital via modificação da legislação trabalhista vai através de contrarreformas diminuir os direitos trabalhistas barateando a força de trabalho, mas também criando as condições para que novas formas de trabalho mais precarizadas, flexíveis e informais, como a uberização, passem a existir.

Lima (2020), sinaliza que ao longo do último quarto do século XX o sentido dado a informalidade foi mudando. No entanto, originalmente, este era um conceito utilizado para tentar entender o dualismo entre o trabalho formal, ou seja, aquele regulamentado e o número de trabalhadores a margem desse mercado. Nesse caso, o trabalho formal representaria o moderno, enquanto o informal representava o arcaico, relacionado a marginalidade e subdesenvolvimento. Com a implementação da ideias neoliberais muda o enfoque dos estudos e a teoria dominante passa a disseminar a narrativa que é o excesso de intervencionismo do Estado, e não sua falta, a causa da informalidade.

O que antes era visto como característica apenas de países subdesenvolvidos, passa a ser realidade também aos países centrais. O crescimento da informalidade nos países desenvolvidos é interpretado por vários ângulos, seja em consequência da reestruturação produtiva, da terceirização ou do crescimento da imigração e do desemprego (LIMA, 2020).

Nos países periféricos, o informal relaciona-se ao trabalho não padronizado, tanto por contratos de tempo parcial e autônomo se opondo ao assalariamento regular, com contratos regulares por tempo indeterminado e acesso a direitos sociais.

Essa nova informalidade se expande com o crescente uso de redes de subcontratação por todo mundo, afastando-se da ideia de subdesenvolvimento e se associando à flexibilidade e empreendedorismo, ou seja, o que outrora foi visto de forma negativa começa a ter um novo sentido, o de “empreendedorismo por necessidade” (LIMA, 2020, p. 175) e o empreendedor passa a ter conotação de possibilidade de sucesso profissional.

Sendo assim, a noção de informalidade<sup>19</sup> nas relações de trabalho é ressignificada e passa a ser vista como um caminho ao empreendedorismo na busca de maiores rendimentos, via terceirização, subcontratação que são tendências caracterizadas pela precariedade. Salienta Corteletti (2021), que nesta nova” fase do capitalismo contemporâneo as noções de trabalho são reconfiguradas e estão baseadas na acumulação flexível, corroboradas na sociedade pelos chamados empreendedores. Sobre isso, Lima (2020, p.24) afirma

A informalidade desse “empreendedor” perde sua negatividade de coisa de país pobre e passa a ser uma variante do trabalho flexível. A figura do camelô, por exemplo, passa a ser percebida como um empreendedor em potencial. Construções socioculturais são reinterpretadas como formas explicativas de “novas” situações, que de novo têm apenas uma positividade de um quadro de precariedade anterior. O empreendedorismo torna-se ideologia do capitalismo desregulado, naturalizando a individualização e autor responsabilização.

De acordo com dados da Organização Internacional do Trabalho-OIT (2018), cerca de 61% das pessoas que compõem a força de trabalho no mundo trabalham de maneira informal. Ainda segundo a pesquisa, o quantitativo de trabalhadores/as na economia informal é de cerca de 2 bilhões de pessoas. No Brasil, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE 2019, entre os anos de 2012 a 2019 cresce o número de trabalhadores sem carteira assinada e por conta própria, enquanto que o número de trabalhadores formais diminui, como exposto na tabela 1 a seguir:

**Tabela 1:** Número de Pessoas Com e Sem Carteira Assinada e de Trabalhadores Por Conta Própria

<b>ANO</b>	<b>Nº DE PESSOAS COM CARTEIRA ASSINADA (MIL PESSOAS )</b>	<b>Nº DE PESSOAS SEM CARTEIRA ASSINADA (MIL PESSOAS)</b>	<b>Nº DE TRABALHADORES POR CONTA PRÓPRIA</b>
<b>2012</b>	34.752	10.907	20.508
<b>2013</b>	35.889	10.657	21.167
<b>2014</b>	36.350	10.420	21.637
<b>2015</b>	35.268	9.975	22.790
<b>2016</b>	33.894	10.457	22.021
<b>2017</b>	33.237	11.056	23.110
<b>2018</b>	32.942	11.488	23.775

<sup>19</sup> A informalidade é entendida como a ausência de uma regulação por parte do estado, a ausência de contrato formal de trabalho com registro em carteira e a falta de estabilidade financeira (CORTELETTI, 2021).

<b>2019</b>	33.213	11.500	24.141
-------------	--------	--------	--------

Fonte: IBGE, 2019.

Em seguida, na tabela 2 apresentam-se o aumento nos números referentes às taxas de desalentados e desocupados, assim como a própria taxa de subutilização da mão de obra, considerando o mesmo período de tempo da tabela analisada anteriormente.

**Tabela 2:** Número de Desalentados, Desocupados e a Taxa de Subutilização da Mão de Obra

<b>ANO</b>	<b>TAXA DE DESOCUPAÇÃO</b>	<b>PERCENTUAL DE PESSOAS DESALENTADAS</b>	<b>TAXA COMPOSTA DE SUBUTILIZAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO</b>
<b>2012</b>	6,90%	2,00%	16,70%
<b>2013</b>	6,20%	1,70%	14,90%
<b>2014</b>	6,50%	1,60%	14,90%
<b>2015</b>	8,90%	2,60%	17,30%
<b>2016</b>	12,00%	3,60%	22,20%
<b>2017</b>	11,80%	4,00%	23,50%
<b>2018</b>	11,60%	4,30%	23,80%
<b>2019</b>	12,00%	4,40%	24,80%

Fonte: IBGE, 2019

Conceitua-se pelo IBGE, como desalentados aqueles que deixaram de procurar um emprego no mês de referência da pesquisa, mas que procuraram por emprego nos últimos seis meses anteriores; aos desocupados o Instituto não pergunta mais se o entrevistado procurou por emprego apenas na última semana, mas estende a pergunta para o último mês. Antes, quem não havia procurado por emprego na semana anterior à da pesquisa era considerado inativo, e não desempregado. Ainda segundo o IBGE, a taxa composta de subutilização da força de trabalho mede o percentual de pessoas desocupadas, subocupadas por insuficiência de horas trabalhadas e a força de trabalho potencial.

Se fizermos uma analogia comparando os dados da tabela acima com seus respectivos governos, podemos observar que a taxa de desocupação e percentual de desalentados durante o primeiro mandato do governo Dilma foi inferior quando comparadas com o início do seu segundo mandato, um dos motivos que podem ter contribuído para isso é a crise de 2015. A partir de 2016, já com Michel Temer na presidência, pós golpe institucional, essa situação se agrava e os percentuais ficam

maiores e seguem sendo aprofundados até 2019 quando já tínhamos na presidência Jair Bolsonaro.

De acordo com uma pesquisa publicada pela Rádio Agência Nacional<sup>20</sup>, em agosto de 2021 o número de desempregados no Brasil era de 14,8 milhões, representando 14,7% da população economicamente ativa. Mas esse índice era ainda maior entre os mais jovens, na faixa etária de 14 a 17 anos, 46% estão em busca de trabalho, e de 18 a 24 anos o desemprego atinge 31% das pessoas.

E nesse contexto de crise do assalariamento, aprofundamento das desigualdades, aumento do desemprego e da informalidade, exposto nas tabelas acima, vemos uma nova forma de organização, e controle do trabalho se tornar um fenômeno social de grandes proporções, o trabalho mediado por plataformas digitais ou simplesmente, uberização do trabalho, tema central da presente pesquisa que será assunto do próximo tópico.

## **2.4 Uberização e Precarização do Trabalho**

Para Corteletti (2021), o trabalho é condição fundante da formação de identidades coletivas no capitalismo, bem como da sobrevivência, tendo o assalariamento como a forma básica das relações capital-trabalho. No entanto, as transformações nas relações de trabalho das últimas décadas são acompanhadas da chamada flexibilidade dos contratos de trabalho, como exemplos temos: a uberização do trabalho, trabalho temporário, subcontratação, terceirização, teletrabalho, dentre outras formas que possuem como características o desemprego, a informalidade e a precarização ou precariedade<sup>21</sup> dessas relações.

A expansão da tecnologia juntamente com o processo de globalização iniciado no século XX e a difusão do neoliberalismo fortalecem o capitalismo que, fornece mudanças nas relações de trabalho, uma vez que, as atividades exercidas anteriormente por vários trabalhadores passaram a ser exercidas por máquinas, diminuindo a quantidade de proletários necessários para realizar determinadas funções (SANTANA, 2021), assim sendo, o primeiro reflexo disso é o desemprego. Essa massa trabalhadora excedente e sem emprego, Karl Marx classifica como exército industrial de reserva, o autor destaca em sua análise que

---

<sup>20</sup> <https://agenciabrasil.etc.com.br/radioagencia-nacional/economia/audio/2021-08/pesquisa-aponta-que-os-jovens-sao-os-mais-afetados-pelo-desemprego> Acessado em 19 de fevereiro 2023.

<sup>21</sup> Para Alves (2007), O conceito de precariedade refere-se a uma condição inerente ao trabalho assalariado. Para Leite (2008) a precarização deve ser entendida como um processo de perda de direitos.

[...] população trabalhadora excedente é um produto necessário da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza com base capitalista, essa superpopulação se converte, em contrapartida, em alavanca da acumulação capitalista, e até mesmo numa condição de existência do modo de produção capitalista. Ela constitui um exército industrial de reserva disponível, que pertence ao capital de maneira tão absoluta como se ele o tivesse criado por sua própria conta. Ela fornece a suas necessidades variáveis de valorização o material humano sempre pronto para ser explorado, independentemente dos limites do verdadeiro aumento populacional (MARX, 2013, p. 707).

O alcance do capitalismo em um nível global foi acompanhado também de exploração e rarefação das desigualdades. Paradoxalmente, a expansão econômica e o avanço tecnológico permitem uma interação maior entre países no mundo globalizado nos âmbitos social, econômico, político, por outro lado, promove novas formas de concentração de capital, flexibilidade das relações de trabalho e separação de classes, tanto no nível entre nações, como entre empresas e trabalhadores.

Com isso, a própria dinâmica do trabalho muda e novas formas de produção, de prestação de serviço e troca de “mercadorias” acabam surgindo. Como exemplo dessa novas formas de controle e organização do trabalho, que é tendência no século XXI e vista por muitos como modernidade, temos a uberização. O trabalho uberizado ou plataformizado está cada vez mais intrínseco a nossa realidade, de acordo com Renan Kalil (2020), pode ser entendido como um ecossistema de atores e instituições, cujos atores são os trabalhadores, e as instituições são as grandes detentoras do lucro, caracterizado por plataformas digitais, baseado no uso e extração de dados. É importante ressaltar que para esse tipo de trabalho plataformizado existem várias denominações exemplos: uberização, capitalismo de plataforma, economia de compartilhamento, economia colaborativa, economia virtual, *gig economy*, dentre outras.

O trabalho uberizado se utiliza da lógica do empreendedorismo para se esquivar do tratamento jurídico de trabalhadores autônomos, amparados em discursos do tipo “decida a hora e o quanto vai trabalhar e receber”. Dessa forma, esse tipo de organização do trabalho vem ocupando cada vez mais fortemente espaço no nosso tecido social e nos debates acadêmico, jurídico e econômico, principalmente por se tratar de um fenômeno global, mas que se manifesta de diferentes formas, de acordo com as especificidades de

cada país. Na presente pesquisa, serão analisadas as particularidades da formação econômico-social brasileira.<sup>22</sup>

Considerada como uma espécie de “porta de entrada”, a uberização faz uso de propagandas atraentes, promessas de autonomia e um trabalho inovador. No entanto, Antunes e Filgueiras (2020); alertam para a necessidade de se contrapor ao discurso retórico empresarial acerca desse trabalho, visto que a narrativa capitalista maquia a realidade, que conforme Kalil (2019), é a invisibilidade dos trabalhadores, tendo em vista que, a noção de autonomia e de liberdade encobre questões importantes, como as altas jornadas de trabalho, ausência de folgas remuneradas, de seguro-desemprego e de atendimento a acidentes.

Não bastasse toda essa precarização, o aumento nos preços dos combustíveis força os trabalhadores de aplicativos a desistirem, muitas vezes da sua única fonte de sobrevivência. A despeito disso, Santana (2021) coloca que:

Os aplicativos de serviços surgiram como uma nova oportunidade de acumulação de renda através do trabalho informal até então sem precedentes, por não estar até então regulamentada pelas legislações existentes, precarizando ainda mais as condições trabalhistas e se oferecendo como uma alternativa para os proletários desesperados pelo desemprego (SANTANA, 2021, p. 17).

O sociólogo Moda (2022), estuda os impactos destas plataformas digitais nas condições de trabalho e a organização política dos trabalhadores a elas subordinados, em entrevista concedida a revista “Outras Palavras<sup>23</sup>”; aponta um alastramento do trabalho precário em plataformas, que avançam sobre novas categorias profissionais. Segundo Moda (2022), o setor de trabalho doméstico e o setor de beleza, são os dois próximos alvos de uma ampla plataformização do trabalho, ambos já organizados de maneira semelhante aos trabalhos uberizados, com muitos clientes, e com a atuação de corporações consolidadas em outros países e que vem crescendo no Brasil. Embora esse fenômeno da uberização seja mundial, ele se manifesta de diferentes formas em cada país.

---

<sup>22</sup> “Parece muito natural, por exemplo, que se comece pela renda territorial, a propriedade rural, porque se encontra ligada à terra, fonte de toda produção e vida, e à agricultura, primeira forma de produção em todas as sociedades, por pouco solidificadas que se achem. E, contudo, nada mais falso do que isso. Em todas as formas de sociedade se encontra uma produção determinada, superior a todas as demais, e cuja situação aponta sua posição e sua influência sobre as outras. É uma iluminação universal em que atuam todas as cores, e às quais modifica em sua particularidade. É um éter especial, que determina o peso específico de todas as coisas às quais põe em relevo.” (MARX, 2008, P. 266).

<sup>23</sup> <https://outraspalavras.net/trabalhoeprecariado/uberizados-no-brasil-quemsao-como-resistem/>. Acessado em: 10 de fevereiro de 2023.

No Brasil, o crescimento do setor de serviços por aplicativo de acordo com Cannas (2019); cresceu pela situação que o país enfrenta com relação ao aumento da taxa do desemprego, de 12,4% resultando em aproximadamente 13,1 milhões de pessoas em 2019, enquanto países como Estados Unidos da América (EUA), a taxa do último trimestre de 2019 foi de 2,8% e no Reino Unido, de 3,9% no mesmo período (ÍNDICE, 2019). Não significa dizer que o setor de serviços por aplicativo não tenha conquistado espaço nesses países, mas outros fatores possivelmente podem ter contribuído para isso.

Vale destaque um aspecto importante nos EUA, segundo Cannas (2019) quase a totalidade é de brasileiros natos, contando com os mais diversos perfis de trabalhadores, desde os mais jovens buscando seu primeiro trabalho remunerado, até pessoas que buscam complementar a renda, mas também aqueles que, sem nenhuma perspectiva de ingressar no mercado formal, veem na Uber uma alternativa fácil de obter rendimentos

Existem diversos tipos de aplicativos, *uber eats*, *rappi*, *Ifood*, *99food*, *uber*, *loggi*, que foram fundados entre 2009 e 2015, estão presentes nas principais cidades brasileiras e vêm ganhando notoriedade no mercado de trabalho, essas “empresas-aplicativo”, termo utilizado por Abílio (2017), atuam basicamente em duas frentes transporte privado de pessoas e entrega de mercadorias. Os motoristas uberizados são, em sua maioria, homens, entre 20 e 50 anos, desempregados, que já passaram por diversas outras atividades profissionais, inclusive na informalidade. Enquanto que os entregadores possuem um perfil tipicamente juvenil e periférico e estão se inserindo pela primeira vez no mercado de trabalho (MODA, 2022).

Nos últimos anos o cenário de cidades brasileiras passou a contar com a figura dos entregadores ciclistas e motociclistas por aplicativo, mais conhecidos como *bikeboys* e *motoboys*, respectivamente. O debate acerca de medidas econômicas para garantir proteção social à população vulnerável, chama a atenção para esses trabalhadores com a prerrogativa de que somente agora precisam de um resguardo social. Contudo, a verdade é que esses trabalhadores já enfrentavam em seu cotidiano condições precárias de trabalho para garantir sua sobrevivência, sem direitos trabalhistas e proteção social e se antes da crise sanitária de COVID-19 que assolou o mundo em 2020, algumas categorias de trabalhadores se mostravam invisíveis para a sociedade, hoje pode ser que não seja a mesma realidade.

Os danos provocados pela uberização perpassam as esferas econômica e social, alude-se também, um possível prejuízo existencial à vida do trabalhador, uma vez que, as

longas e exaustivas jornadas de trabalho, o impossibilita de se relacionar em sociedade ou até mesmo de construir um projeto de vida. Ao viver basicamente em função do trabalho, não possui tempo livre suficiente para estudar, para cuidar da família, pra lazer, entretenimento, ou qualquer outra atividade que dá sentido à realização profissional ou pessoal do trabalhador.

No filme *Você Não Estava Aqui* de Ken Loach e Kris Hitchen, fica muito explícito o quanto as altas jornadas de trabalho afetam não apenas quem a faz, mas todo o ceio familiar. O filme mostra a vida de uma família britânica em situação precária após a crise financeira de 2008, o homem decide trabalhar com entregas, enquanto sua esposa luta para manter a profissão de cuidadora, no entanto, o trabalho informal não traz a recompensa prometida, e aos poucos os membros da família passam a ser jogados uns contra os outros.

O cineasta inglês Ken Loach é conhecido por tratar sobre a temática da precarização em seus filmes, além de *Você não estava aqui*, Loach ainda dirigiu *Eu, Daniel Blake*, que faz uma crítica à precarização dos serviços públicos, à perda de emprego e de direitos sociais na globalização, por meio da história desses dois personagens. Eles enfrentam graves problemas de sobrevivência, de trabalho e de atendimento em assistência social, bem como no filme *Pão e Rosas*. Este último conta a história de uma organização sindical de trabalhadores terceirizados do setor de limpeza nos Estados Unidos. Narrando de forma precisa o espaço de uma precarização extrema do trabalho e apresenta elementos graves de rompimento do tecido social, em contexto muito aproximado ao proposto pela reforma trabalhista no Brasil.

Do cinema ao carnaval, o assunto da precarização do trabalho esteve presente no carnaval carioca de 2023. Conforme imagem 1, mostrando que a escola de samba Beija Flor de Nilópolis do Rio de Janeiro entrou na avenida com o enredo “Brava Gente! O Grito dos excluídos no Bicentenário da Independência”, uma das alas da escola trazia uma faixa dizendo “Contra a Precarização do Trabalho”, parte do samba enredo dizia “Eu vim cobrar igualdade, quero liberdade de expressão, é rua pela vida, é a vida do irmão, baixada em ato de rebelião”

**Imagem 1:** Escola de Samba Beija Flor de Nilópolis Repudiando a Precarização do Trabalho



**Fonte:** Retirada do Instagram, 2023- perfil @trabalhadoresdeappsemcena

Essa imagem foi retirada de uma conta de *instagram* @trabalhadoresdeappsemcena<sup>24</sup>. Esse perfil conta com mais de dois mil seguidores, foi criado por Daniele Barbosa, professora de direito do trabalho e é um espaço de resistência aos apagamentos das vidas das trabalhadoras e trabalhadores.

A promoção da precarização do trabalho, encontra no Estado brasileiro um terreno bastante fértil, uma vez instituída a Lei n. 13.467/2017, mais conhecida como reforma trabalhista, que alterou inúmeros artigos da CLT e dentre outros elementos, criou o contrato de trabalho intermitente, nesse o trabalhador é um empregado formalizado que, contudo, é angariado ao trabalho de acordo com o que determina o empregador e já não conta com qualquer garantia sobre sua remuneração que agora pode, de maneira legal, ser

<sup>24</sup> Link retirado do Instagram:

<https://www.instagram.com/trabalhadoresdeappsemcena/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D>. Acessado em 22 de fevereiro de 2023.

inferior a um salário mínimo, nem sobre a extensão e a distribuição da jornada de trabalho (ABÍLIO, 2020).

Nesse sentido, é imperativo exaltar nesse cenário, a atualidade do pensamento de Marx e Engels a respeito do poder que a ideologia dominante possui, reproduzindo o pensamento neoliberal, via disseminação de exemplos empreendedores de sucesso, remetendo a ideia de que o sucesso depende do esforço e meritocracia individual, naturalizando segundo Corteletti (2021, p. 20) “um pensamento de que todos/as podem seguir o mesmo exemplo, desenvolver a criatividade, se dar bem no mercado e enriquecer. No entanto, existe um abismo entre o discurso e a realidade concreta vivenciada cotidianamente. No próximo ponto discutiremos sobre a ideologia do empreendedorismo e como essa impacta na formação da juventudes.

## **2.5 Empreendedorismo e Juventudes**

De maneira geral o empreendedorismo relaciona-se a iniciativa de implementar novos negócios ou realizar mudanças organizacionais no interior de negócios que já existem. Para Abílio e Sabino (2019), linguisticamente empreendedorismo define-se por “caráter, faculdade ou realização de empreendedor ou empreendedorista. Empreendedorista, por sua vez, para Ferreira (2010), é aquele com capacidade de desenvolver novos empreendimentos, novas empresas. Sob a ótica jurídica, Diniz (2005) pontua que, empreendedor é um termo do direito empresarial que define aquele que toma a seu cargo uma empresa.

O debate sobre o conceito de empreendedorismo não é algo novo, datado do final do século XV, segundo Reis (2019). Todavia, o que é relativamente novo e abre discussões nas mais diversas esferas é a forma como esse conceito vem sendo disseminado na sociedade vinculado à sucesso profissional. Desta forma vem sendo criado um novo perfil de trabalhador, o trabalhador empreendedor.

Como já visto, a sociedade capitalista está dividida em classes sociais antagônicas e à medida que ocorre a acumulação ampliada de capital, aumenta também sua composição orgânica, o que implica em uma menor necessidade de trabalhadores. O movimento descrito gera uma população excedente em relação as necessidades do capital. Esse processo foi intensificado a partir das transformações produtivas vivenciadas na década de 1970, em virtude da acelerada transformação tecnológica e de sua incorporação no processo produtivo.

Castro (2013) e Betoni (2014), assinalam que a reestruturação produtiva resultou em níveis elevados de desemprego estrutural<sup>25</sup>, sobretudo juvenil. Os jovens, juntamente com mulheres e negros são as maiores vítimas das metamorfoses ocorridas no mercado de trabalho, tendo os altos índices de desemprego e as piores ocupações. Compartilhando da mesma visão desses autores, Reis (2019), aponta que como consequência dos processos citados, temos uma superpopulação em sua maioria jovens, que encontra na informalidade um meio habitual de sobrevivência.

Nesse sentido, a ideologia do empreendedorismo busca enquadrar os trabalhadores/empreendedores a morfologia atual do mercado, maquiando a divisão da sociedade em classes baseada num discurso irreal de que todos podem ser donos de negócios e portanto, obter êxito profissional. Essa ideologia claramente pertence e representa os interesses da classe dominante como se fosse o interesse da sociedade como um todo e, feito isso, acaba naturalizando o desemprego e diversas formas de precarização do trabalho. Seu florescimento durante a década de 1990 não é coincidência, visto que se liga de maneira umbilical às mudanças econômicas e também culturais daquela década, a despeito disso, Reis (2019) afirma:

O empreendedorismo aparece como a maneira pelo qual o capital disputa o sentido dado aos processos de reestruturação produtiva e acumulação flexível, e suas consequências sociais. Nega-se discursivamente a existência de classes sociais, mediante o argumento fictício de que todos podem ser empresários, basta ter a atitude e os comportamentos corretos. A ideologia do empreendedorismo dificulta desta forma, a emergência da consciência de classes das populações dominadas, inculcando valores que os levam a se identificar as classes dominantes (REIS, 2019 p. 63)

Os trabalhadores jovens, apesar de não serem o único grupo social para o qual a ideologia do empreendedorismo é direcionada, aparecem em destaque com relação a outras faixas etárias. Ainda à luz de Reis (2019), muito em virtude de seu potencial contestatório que historicamente ficou evidenciado em tempos de crises sociais. Desde a década de 1960, particularmente com os fenômenos da contracultura, a juventude passa a ser vinculada a rebeldia, bem como com a fração da classe que tem poder de contestar a ordem e impulsionar de mudanças sociais.

---

<sup>25</sup> Em oposição ao desemprego sazonal, vinculado aos ciclos produtivos, o desemprego estrutural se refere a um movimento de cronificação da situação de desocupação. (REIS, 2019).

Castro (2013) e Betoni (2014) argumentam que os processos educativos em torno do empreendedorismo são diversos, no entanto, convergem em um ponto específico: o não reconhecimento do caráter estrutural do desemprego, intrínseco a sociedade capitalista.

A dissertação de Adriano Mohn e Souza (2006), cujo título é: *Jovens e a Educação Empreendedora: que discurso é esse?* foi apresentada na Universidade Católica de Goiás e defendido em 2006, teve como eixo central a análise da ideologia do empreendedorismo e o seu direcionamento para os trabalhadores jovens. Em sua dissertação, Souza (2006) argumenta que durante os anos de 1990 a Organização das Nações Unidas - ONU e a Organização Internacional do Trabalho - OIT criaram várias medidas buscando alcançar o emprego dos jovens. A investigação dessas organizações chegou à conclusão de que como consequência da globalização econômica, tornaram-se raras as oportunidades de emprego para os jovens. As poucas que ainda existem, no geral são caracterizadas por serem em tempo parcial, temporário e precárias.

O autor identificou que a solução apresentada pelos Organismos Multilaterais-OM no início da década era de que os trabalhadores precisavam desenvolver “habilidades de comunicação, solução de problemas, trabalho em equipe e liderança” (SOUZA, 2006, p. 124), nesse sentido a crise do desemprego juvenil é apresentada não como uma questão relacionada as dinâmicas do capitalismo, mas sim como um problema educacional.

A ideologia do empreendedorismo, para o Souza (2006), tem o jovem como peça chave. O autor identifica que o discurso de empreendedorismo é proposto como uma solução para os trabalhadores e para o Estado se ajustarem as novas exigências do mercado em razão da implementação das políticas neoliberais. Mas, na verdade essa disseminação de trabalhador empreendedor transfere a responsabilidade da empregabilidade para o próprio trabalhador. Sobre isso Reis (2019, p. 80) discute que

O discurso do empreendedorismo juvenil se associa a uma visão conservadora de protagonismo juvenil, vinculada a noção de empoderamento. Esse termo, difundido por Organismos Multilaterais, significa o crescimento da força política, social ou econômica de indivíduos. Empoderar-se implica na participação e integração social, assim como na assunção de deveres e acesso a direitos. Para as OM, os jovens devem assumir sua condição de protagonistas no combate à pobreza, atuando como agentes de transformação e desenvolvimento econômico.

Portanto, a difusão do conceito de empreendedorismo, como já visto, tem viés político e é reconfigurado como receita salvacionista para o desemprego, objetivando formar novos agentes, trabalhadores autônomos, colaboradores e “donos de si”, ajustados as demandas do capital. De acordo com a análise de Cunha (2007), em sua dissertação *Desemprego e Precarização do Trabalho na Prática do Empreendedorismo: Histórias de Vida de Empreendedores*, pode-se concluir que os empreendedores são tanto do sexo feminino, quanto masculino, desempregados, subempregados e uma ressalva importante que a autora faz é que independentemente do nível de formação profissional, são empurrados para a abertura de negócios próprios em virtude, sobretudo do desemprego.

A autora ainda identifica uma duplicidade relacionada ao nível educacional, em que aqueles com pouca qualificação, o empreendedorismo aparece como uma forma de geração de renda, mesmo que submetidos ao trabalho precário, informal; já para os mais qualificados empreender significa ser mais livre e ter mais autonomia no trabalho.

Outrossim, após todo esse escopo teórico acerca da ideologia do empreendedorismo, entendemos que esse aparece como uma forma de adaptação e, principalmente de conformação para uma situação laboral extremamente precária, havendo uma naturalização da exploração, ou seja, o empreendedorismo como uma nova forma dos discursos de reformulação do trabalho, traz consigo o reverso de uma realidade de precarização e da degradação das condições de trabalho e dos direitos trabalhistas. Essa narrativa do empreendedor de si, tem servido como uma arma política, principalmente para corresponder à evidente degradação dos níveis de rendimento. No mais, a partir da aplicação direta da ideia do empreendedorismo, podemos ver o espectro das novas formas de crescentes níveis de exploração.

Por conseguinte, dando continuidade ao presente estudo, no próximo capítulo será investigada a fração de trabalhadores jovens, especificamente os entregadores sob demanda de aplicativo, analisando variáveis como idade, escolaridade, raça, gênero, bem como questões relacionadas as condições de trabalho, as formas de resistência e ações coletivas dessa categoria, além da relação fetichizada de parte desses entregadores com o empreendedorismo.

## CAPÍTULO 3 - CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREGADORES POR DEMANDA DE APLICATIVO

### 3.1 Perfil dos Trabalhadores Sob Demanda de Aplicativos: Idade, Gênero, Escolaridade, Raça

Esse tópico se propõe a fazer uma caracterização dos entregadores sob demanda de aplicativos, traçando seu perfil baseado em dados desde sua idade, até seu grau de escolaridade. No Brasil, aproximadamente 1,5 milhões de pessoas trabalham com transporte de passageiro e entrega de mercadorias, de acordo com dados divulgados em maio de 2022, pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada- IPEA. Esses trabalhadores estão inseridos na chamada *gig economy*, termo utilizado para caracterizar as relações laborais entre funcionários e empresas que contratam mão de obra para realizar serviços esporádicos e sem vínculo empregatício, sobretudo via aplicativos.

Notadamente, a partir de 2020 houve uma maior proliferação da categoria; em virtude da crise pandêmica de COVID-19, que passou a ser essencial em um momento no qual parte da população precisou parar suas atividades básicas externas para mitigar a propagação do vírus, tentando evitar o colapso do sistema de saúde. O serviço de *delivery* passou a ser a alternativa mais utilizada como forma de continuidade de parcela do comércio.

Esse tipo de serviço, conforme Abílio e Sabino (2019), ratifica o poder das empresas-aplicativo em gerar ocupações novas, organizadas por novos meios. Por se apresentar como uma alternativa para geração de renda, as empresas-aplicativo surfam na gravidade do desemprego juvenil, nesse sentido, dados divulgados pelo IBGE (2021), que se referem ao 1º trimestre de 2021, apontam uma taxa de desemprego de 46,3% entre a população mais jovem.

Um estudo inédito realizado em São Paulo, especificamente nos seguintes bairros: Tatuapé, Santa Cecília, Paulista, Pinheiros, Santana e Itaim Bibi, no ano de 2019 pela Associação Brasileira do Setor de Bicicleta - Aliança *Bike*, fez um levantamento quantitativo com rigor sobre o tema, que possibilitou traçar um perfil sociodemográfico dos entregadores, diagnosticar as principais condições de trabalho em termos de rendimentos e jornada de trabalho e mapear a relação com bicicletas e mobilidade urbana.

O estudo levou em consideração algumas variáveis como, idade, escolaridade, cor ou raça, além de apontamentos sobre os investimentos e gastos com bicicleta e outros

equipamentos, quilometragem percorrida, tempo de experiência na profissão, horas e dias trabalhados por semana, e ganhos mensais.

Duas fortes motivações fizeram a Aliança Bike realizar esse estudo: a primeira motivação foi o crescimento considerável da quantidade de entregadores. Para se ter uma ideia da dimensão da questão, segundo a Aliança Bike (2019), na ciclovia da Avenida Brigadeiro Faria Lima, em São Paulo (eixo cicloviário de maior uso em todo o país), os ciclistas com bolsas térmicas eram 2% dos 4.840 ciclistas contados em 2018, e, passaram a ser 7% dos 6.377 em 2019. Em números absolutos, passou de 73 em 2018 para 467 em 2019, um aumento de 5,4 vezes em um ano.

Uma outra motivação para a realização da pesquisa seria o fato do baixo conhecimento do fenômeno em um contexto dinâmico e incerto de precarização das condições de trabalho. Inúmeras reportagens alertavam para um problema de jovens trabalhando longas jornadas para ganhar muito pouco, contudo faltavam dados para qualificar o debate.

Mas, quem são os entregadores? Conforme os dados extraídos do estudo da Aliança *Bike* (2019), os entregadores são homens adultos jovens. Das 270 entrevistas, apenas 3 foram feitas com mulheres. Nesse sentido, da amostra, 99% são homens e por este motivo não é feito recorte de gênero. Os entregadores ciclistas têm em média 24 anos, 50% possuem até 22 anos, sendo que, o mais jovem tinha 16 anos, enquanto o mais velho 59 anos. Neste aspecto, não é incomum verificar menores de idade prestando tais serviços.

Referente a escolaridade, 40% têm até o ensino fundamental completo, 53% têm até o ensino médio completo, 4% têm até o nível superior e 1% pós-graduação, um detalhe é que apenas 16% afirmaram ainda estudar. Em relação à cor ou raça, 71% se declararam negros (sendo 44% pardos e 27% pretos), 26% brancos, 2% amarelos e 1% indígenas.

As três mulheres afirmaram ter ensino médio completo, duas se declararam brancas, sendo uma de 21 e outra de 40 anos, a outra de 42 anos se declarou como parda. No tocante ao gênero, uma reportagem da revista EXAME, publicada em outubro de 2019 registrou no Brasil a marca de 600 mil motoristas, total majoritariamente composto por homens, a pesquisa mostrou que apenas 6% dos 600.000 motoristas da Uber no Brasil são mulheres.

Ao longo da história trabalhos informais e precários foram sempre direcionados às mulheres, e ainda assim em menor quantidade quando comparado com homens, uma

vez que, às mulheres cabia como prioridade os afazeres de casa e cuidado com a família, ou seja, o seu trabalho reprodutivo e não pago.

Referente a relação dos entregadores com outros empregos, 86% dizem não ter outro emprego, 9% têm emprego fixo e 5% têm trabalho esporádico, popularmente conhecido como bico. Das 39 pessoas que têm outros empregos, 3% ou em números absolutos 8 pessoas, trabalham também fazendo entregas para restaurantes, fora de aplicativos.

E esses sintomas do subemprego e da vulnerabilidade econômica são mais sentidos pela classe mais pobre. Muitos jovens, especialmente negros e com baixa escolaridade, estão subordinados a essas novas formas de trabalho impostas pelas empresas-aplicativo. Esse tipo de entrega por bicicleta; evidencia a degradação contemporânea do trabalho, além dos desafios para a resistência e compreensão frente a essa nova configuração de organização do trabalho (ABÍLIO, 2019).

A presença de tantos rostos pretos em condições de trabalho informais maçantes assinalam para o grande e crescente problema do racismo e também da desigualdade social. Sobretudo, com o início da quarentena que vivemos em virtude da pandemia de COVID-19, muitos de empregos informais foram perdidos e, com o aumento da demanda de serviços de *delivery*, várias pessoas viram no cargo de entregador uma boa alternativa para substituição de cargos informais que já exerciam ou como uma forma de obter renda extra.

Em relação a investimentos e gastos com a bicicleta, apenas 5% responderam que não realizaram nenhum investimento para iniciar a prestação de serviços; enquanto que 27% gastaram com conserto ou manutenção; 31% compraram uma bicicleta; 59% alteraram o plano de dados do celular; e 67% precisaram comprar a mochila térmica que armazena os produtos a serem entregues, ainda 16% dos entrevistados alegaram ter realizado despesas em relação a acessórios para bicicleta, como exemplo: lanternas de iluminação, capacete, capa de chuva, etc.

No que tange à quilometragem percorrida diariamente pelos entregadores, o estudo dividiu a metodologia em duas análises, 1- distância entre residência e região de trabalho; e 2- quilômetros pedalados em entregas. No primeiro caso, a média é de 10,3km; no segundo, estimou-se uma média de 40km. Portanto, é possível afirmar que a média semanal percorrida ultrapassa os 300km, já que a pesquisa apurou que 57% dos

entrevistados trabalham todos os dias da semana, 24% seis dias por semana e 11% cinco dias.

O estudo da Aliança *bike* também analisou há quanto tempo esses entregadores faziam esse trabalho e sua relação com a bicicleta. Observou-se que 37% dos trabalhadores faziam entregas há menos de 3 meses, 28% entre 3 e 6 meses, 22% entre 6 meses e 1 ano, 11% entre 1 e 2 anos, e 2% mais de 2 anos. Obtendo, portanto, que 65% atuavam no setor há menos de 6 meses. Em relação ao uso da bicicleta, foi diagnosticado que existem dois extremos: dos 270 entrevistados, 49% não usava a bicicleta, já 37% utilizam há mais de 5 anos. Uma hipótese apresentada pelo estudo é que grande parte dos entregadores não foram impactados pelas políticas públicas de implantação de ciclovias nos últimos anos em São Paulo, além disso, foram potencializados de maneira negativa pela concentração desta rede no quadrante sudoeste da cidade.

O que torna ainda mais complexa a discussão e desumana a realidade é saber que essa juventude não possuindo meio de transporte, tem a possibilidade de alugar bicicletas através de aplicativos de instituições financeiras. É importante observarmos que em plena era informacional há o retorno de atividades braçais que é o caso dos entregadores de bicicletas. Nesse quesito, a Aliança *bike* analisou a partir de 38 entrevistas realizadas com quem estava com bicicletas compartilhadas no momento do uso ou aguardando chamado ao lado de estações do sistema Itaú.

Em relação aos planos de empréstimos, cerca de 32 entrevistados afirmaram possuir planos do “Bike Itaú-TemBici<sup>26</sup>”, dos entrevistados, 26 têm plano mensal de R\$20,00. Apenas 4 afirmaram usar bicicletas “Yellow”, pagando R\$ 1,00 a cada quinze minutos, e 2 disseram não ter plano nenhum. Em resposta as motivações de fazer uso da bicicleta compartilhada, os principais motivos foram: “É mais barato do que comprar e manter uma própria”, seguindo de “Ainda não possuo recursos para adquirir uma bicicleta própria”.

Recentemente, circulou uma imagem nas rede sociais de um jovem *bikeboy*, carregando nas costas uma caixa, entregando comida de um restaurante que não é onde ele trabalha, para alguém que pediu por um aplicativo milionário que, por sua vez, não o reconhece como empregado, em cima da bicicleta alugada de um banco também milionário e que não é onde ele trabalha, ou seja, a interação entre o arcaico e o moderno,

---

<sup>26</sup> O Bike Itaú é um sistema de compartilhamento de bicicletas públicas que é operado pela tembici e patrocinado pelo Itaú.

entre o passado e o futuro estão cada vez mais intrínsecos e sendo naturalizados em nossa realidade.

**Figura 1:** Bikeboy que viralizou nas redes sociais:



**Fonte:** Figura Retirada do Google, 2022

Ainda de acordo com os dados obtidos pela Aliança Bike, agora em relação a dedicação dos entregadores aos aplicativos, verificou-se que para 59% se motivaram a usar a bicicleta e fazer entregas em virtude de estar desempregados, seguidos por 14% que gostam de andar de bicicleta e 11% dizem que é um trabalho para se fazer nas horas vagas. Renda extra foi motivação para 4% dos entrevistados.

Em relação as vantagens da entrega por bicicleta, respostas como: flexibilidade de horário, não ter patrão e ser um emprego sem processo seletivo foram obtidas, conforme explícito no gráfico 1 abaixo.

**Gráfico 1:** Principal Vantagem de Fazer Entregas Usando Bicicleta e Aplicativos



**Fonte:** Aliança Bike, 2019

Nessa perspectiva, é inegável que a condição do trabalhador uberizado é extremamente precária, como enfatiza Abílio (2020), esses trabalhadores estão disponíveis para o trabalho, mas é utilizado de forma inconstante e variável, isto é, é um trabalhador sob demanda, remunerado estritamente pelo tempo em que efetivamente produz, numa jornada de trabalho que já nem é preestabelecida, sendo utilizado e gerenciado de acordo com a demanda, assim, ainda que o trabalhador esteja à disposição da empresa, parte de sua jornada não é reconhecida como tempo de trabalho, além de ser apropriada pelo dono da empresa como excedente.

Desse modo, é preciso desconstruir criticamente a ideia de que trabalhadores uberizados estejam se tornando empreendedores ou autônomos, contrariar o que dissemina o poderoso discurso capitalista, que para Corteletti (2021) é fortalecido e difundido também por instituições como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), e, sobretudo pela mídia, ambos responsáveis por conduzir ideologias dominantes no sistema de valores passados para a sociedade, incentivando pensamentos voltados para iniciativas individuais de emprego e renda.

Além disso, é necessário e imprescindível refletir sobre a força da ideologia neoliberal, que naturaliza na sociedade o pensamento de que é muito melhor e mais rentável ser dono do seu próprio tempo e negócio, do que ser um funcionário que cumpre as normas e horários, cujo trabalho só enriquece o patrão.

O tópico seguinte, quando analisaremos a jornada de trabalho e a renda dos entregadores de aplicativos, nos permitirá dissecar um dos aspectos mais relevantes do processo de precarização das relações de trabalho observadas nas atividades relacionadas às plataformas digitais.

### **3.2 Condições de Trabalho dos Entregadores sob Demanda de Aplicativo**

Antes de entrarmos na discussão sobre as condições de trabalho dos entregadores, sobretudo suas altas jornadas e seus baixos rendimentos, buscaremos trazer alguns antecedentes históricos, mostrando o quanto a luta pela diminuição da jornada de trabalho é antiga e como essa questão foi tratada por Karl Marx e Paul Lafargue.

A jornada de trabalho na concepção de Marx (2013), era dividida em duas partes: o tempo de trabalho socialmente necessário e a mais-valia, ou seja, o trabalhador produz mercadorias em um tempo além do que deveria para corresponder à sua remuneração.

Outro ponto apresentado pelo revolucionário alemão é que não se consegue marcar o momento temporal em que termina o trabalho necessário e dá início ao trabalho excedente, brotando uma confusão em sua mensuração. Essa premissa sobre a jornada de trabalho, produzida pelo capitalista, esconde do trabalhador a realidade sobre o trabalho necessário por ele realizado, assim para Marx “a regulamentação da jornada de trabalho se apresenta na história da produção capitalista, como luta pela limitação da jornada de trabalho, um embate que se trava entre a classe capitalista e a classe trabalhadora” (MARX, 2013, p. 273)

Nesse sentido, a luta pela redução da jornada de trabalho é um direito dos trabalhadores, que têm parte de sua força de trabalho roubada pelo capital, sendo esta a base da construção da riqueza na sociedade capitalista. E além disso, aparece como um instrumento importante na construção de uma sociedade em que homens e mulheres possam dedicar seu tempo livre para atividades de lazer.

Na obra *O Direito à Preguiça*, de Paul Lafargue, lançada em 1880, mas publicada pela primeira vez em 1883, a discussão sobre reduzir a jornada de trabalho toma grande repercussão. Na visão do referido autor, o trabalho é causa da degeneração intelectual dos trabalhadores e também de sua deformação do caráter orgânico. Lafargue (1983), revela o sentido mais atroz do trabalho ocultado pelo discurso burguês, quando afirma que, sob o modo de produção capitalista, o trabalho simbolizaria a negação do tempo livre aos operários, sugando os seus demais instintos e desenvolvendo o que o autor chama de “uma estranha loucura”, que seria o amor pelo trabalho, atribuído pelos donos dos meios de produção e tendo a benção da Igreja. O trabalho é importante para reprodução do ser social, contudo, como é utilizado no capitalismo é sinônimo de alienação, sofrimento e desumanização

Com a introdução de novas tecnologias, através da utilização de máquinas sofisticadas no capitalismo do final do século XIX, aliada à abundância de matérias-primas, houve uma substituição do homem pelas máquinas, o que resultou no desemprego tecnológico alastrando-se e sendo tendência por diversos países.

Quando fazemos um mergulho na história e analisamos situações dos séculos passados, percebemos o quanto essas situações não ficaram no passado, pelo contrário estão bem presentes e intrínsecas ao nosso contexto atual. A situação do trabalho hoje mostra que apesar da elevada quantidade de horas as quais os trabalhadores são submetidos em sua jornada de trabalho, o crescente desemprego, resultado da utilização

de tecnologias que poupam força de trabalho, obrigaria estes trabalhadores a aumentarem ainda mais seu tempo de trabalho via realização de horas extras, buscando por um lado compensar a pouca utilização de trabalhadores e por outro devido aos baixos salários.

O mercado de trabalho cada vez mais informatizado e robotizado é uma tendência crescente que impacta de forma decisiva a vida dos trabalhadores, que com poucas oportunidades aceitam empregos precários, marcados pela informalidade, altas jornadas e baixos salários.

Posto isso, podemos dizer que os entregadores por demanda de aplicativos fazem parte dessa fração de trabalhadores que estão inseridos nesse mercado que ao mesmo tempo que está tecnológico e informatizado, fornece condições precárias de trabalho. O completo estudo da Aliança *Bike*, além das variáveis já anteriormente mencionadas, também verificou a quantidade de horas trabalhadas por dia e a média dos rendimentos mensais dos entregadores. A quantidade de horas à disposição dos aplicativos é um dos pontos essenciais do debate sobre as condições da atividade dos entregadores.

A maioria dos entregadores, cerca de 57% trabalha 7 dias por semana, seguido pela que trabalham 6 dias somando um percentual de 24% e outros 8% que trabalham de 2 a 4 dias por semana. No geral, a média de horas a disposição do aplicativo é de mais de 9 horas por dia. O aumento da jornada de trabalho acarreta na subutilização dos trabalhadores, esses passam a ter vínculos com jornadas e remuneração menores que suas necessidades.

Dito isso, em relação a remuneração, em média, ciclistas entregadores ganham R\$ 936 por mês, o motivo pelo qual os trabalhadores dedicam tantas horas aos aplicativos, explica-se pela baixa remuneração ganha por eles, como pode ser visto na tabela 3 a seguir:

**Tabela 3:** Faixa de Horas Trabalhadas e Rendimento Mensal

QUANTIDADE DE HORAS TRABALHADAS POR DIA	QUANTIDADE DE ENTREGADORES	MÉDIA DE RENDIMENTOS MENSAIS
<b>Até 5 horas</b>	<b>19</b>	<b>R\$ 466,20</b>
<b>De 6 a 8 horas</b>	<b>78</b>	<b>R\$ 752,90</b>
<b>De 9 a 12 horas</b>	<b>132</b>	<b>R\$ 1.105,80</b>
<b>Mais de 12 horas</b>	<b>15</b>	<b>R\$ 995,30</b>
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>244*</b>	<b>R\$ 936,00</b>
<b>26 entrevistados não responderam o rendimento mensal</b>		

Fonte: Aliança Bike, 2019

A partir dos dados acima conclui-se que, para aumentar seus ganhos, os trabalhadores se submetem a longas jornadas de trabalho, sem, todavia, ter a garantia de que terão remuneração superior ao próprio salário-mínimo, já que a média salarial dos que trabalharam mais de 12 horas diárias ficou em R\$995,30 e o salário-mínimo em 2019, ano que foi realizado o estudo era de R\$998,00.

Nesse quesito é importante frisar que, trabalhadores por demanda de aplicativo ganham apenas o referente pelas entregas realizadas e não pelo tempo total que ficam disponíveis à plataforma. Nesse sentido, os entregadores presentes na linha “Mais de 12 horas”, na verdade estiveram logados à plataforma por todo esse tempo, mas não necessariamente fizeram entregas por mais de 12 horas, logo, por esse motivo seus rendimentos foram inferiores aos que entregadores da linha “De 9 a 12 horas”.

Em suma, os entregadores ficam longas horas à disposição dos aplicativos. Segundo a Aliança Bike (2019), esses trabalhadores fazem em torno 9 entregas por dia, sendo que 50% fazem até 8 entregas. Porém, ainda há um grupo pequeno que sinalizou fazer 15 entregas por dia. Mas, no geral, as respostas sobre essa questão estiveram concentradas entre 7 e 10 entregas por dia.

Abílio e Sabino (2019), faz uma ressalva importante sobre a remuneração, mostrando que um determinado percentual dos valores obtidos com as entregas ou viagens realizadas será destinado a remunerar a própria plataforma digital. Observando assim, que o trabalhador não mantém consigo o valor inteiro que arrecada com as viagens ou entregas. Sobre isso, Abílio; Sabino (2019, p.121), pontuam.

Verifica-se, portanto, uma completa inversão da alteridade, uma vez que os riscos do negócio são amplamente assumidos pelos trabalhadores, que devem providenciar desde o meio de transporte ao equipamento necessário para armazenamento do produto a ser entregue, que, na maioria das vezes, estampa a própria marca da empresa para a qual presta serviços. Ou seja, além de tudo, o trabalhador realiza um trabalho não pago de fomento da marca.

Além das altas jornadas e baixas remunerações, os entregadores relataram os problemas específicos do seu dia a dia. Um total de 40% alega que o principal problema é a falta de segurança no trânsito, em seguida 30% afirmam a falta de infraestrutura adequada, falta de segurança pública com um percentual de 19% e falta de sinalização 4%. Esses são problemas indissociáveis da atividade exercida pelos entregadores, isto é, são problemas reais, rotineiros e palpáveis. Fica claro o quanto a falta de proteção e

regulamentação permite ao empregador transferir os custos do trabalho para o trabalhador. Além disso, o empregador ainda se exime das responsabilidades com a jornada de trabalho, segurança e as condições de saúde.

Portanto, a narrativa de que o trabalhador por aplicativos é um empreendedor de si, cai por terra facilmente quando verificadas as condições de trabalho e as novas formas de gestão e controle do trabalho praticadas pelas empresas-aplicativo. Ao vender a ilusão de trabalho autônomo, inovador e sem patrão, os aplicativos camuflam a realidade e submetem os trabalhadores ao pior dos patrões, o mercado, os nivela independente do grau de instrução, burla proteções trabalhistas e situações de assalariamento, ampliando os processos de informalização, premissas que casam com o ideário neoliberal, que como falaria Marx, em suas reflexões “lança parte dos trabalhadores de volta a um trabalho bárbaro e faz de outra parte máquinas” (MARX, 2010, p. 82).

As variáveis jornada de trabalho e rendimentos ajudam a ratificar o quanto o processo de erosão do trabalho assalariado aumentou nas últimas décadas, configurando uma das questões centrais para aquilo que se convencionou chamar de uberização/plataformização do trabalho. A diminuição da jornada e o aumento da taxa repassada pelas empresas são pontos que sempre estão presentes nas pautas de reivindicação dos entregadores.

Em um contexto econômico onde a população pobre e negra se concentra nos empregos informais e de baixa formação exigida, a ofensiva e a negação de direitos para certas camadas trabalhadoras é um ataque além de classista, racista. Nesse sentido, as lutas de resistência e ações coletivas dos entregadores representa não só a luta dessa categoria, mas de toda população mais vulnerável que continua tendo seus direitos negados e suas necessidades negligenciadas.

As lutas de resistências dos trabalhadores de plataformas digitais reverbera nacional e internacionalmente e são compostas de braços e mãos de pessoas que já conhecem o peso de suas obrigações, que já conhecem a subjugação de um sistema cada vez mais individualista.

Apoiar a luta dessa camada representa a união necessária para que a classe trabalhadora tenha voz cada vez mais latente. E é nessa perspectiva que no próximo tópico abordaremos a luta dos trabalhadores sob demanda de aplicativo ao redor do mundo buscando a regulação do seu trabalho, enfatizando sobretudo, o Breque dos *apps* no Brasil.

### 3.3 Formas de Resistência e Ações coletivas na Atualidade

As lutas de resistência corroboram para a composição de condições políticas e históricas determinantes na busca de novas demandas sociais em sistemas de proteção social nos estados capitalistas, como bem proferiu Nicolás Del Caño, membro da Câmara de deputados da Nação Argentina desde 2021, em sua entrevista ao jornal Esquerda Diário da Argentina em 2019 “a classe trabalhadora, mesmo em sua fragmentação, se espalhou por todo o planeta e move todas as alavancas da economia. A juventude faz parte desse exército de escravos que pode transformar tudo”.

Del Caño (2019) que faz parte do Partido de Trabajadores Socialistas (PTS) integrante de Frente de Izquierda y de los Trabajadores – Unidad (FIT-U), em seu livro *Rebelde o Precarizada: vida y futuro de la juventude em tempos de FMI. De los 90 a la era Macri*, fala que temos muitos exemplos pelo mundo de juventudes rebeldes e precarizadas e mesmo precarizada protagoniza lutas muito importantes.

A juventude, não é só receptora passiva das políticas neoliberais e da precarização, sendo justamente esse seu potencial explosivo que pode permitir alguma mudança em sua situação. Constatando os fatos, a força de trabalho mais barata e precarizada no mercado é a jovem, mas também, esses mesmos jovens fazem parte da classe trabalhadora que tem uma potencialidade explosiva de transformação quando se pensa em um projeto revolucionário.

Na última década temos presenciado, com certa periodicidade a ocupação das ruas e dos espaços públicos por jovens, seja por questões ligadas a estatização do ensino universitário e à resistência à privatização da educação pública do nível médio e fundamental como foi o caso do Chile, seja pela bandeira da democratização das instituições e por melhores condições de educação, exemplo do México ou por uma variedade de pautas relacionadas a direitos, transporte, liberdade de expressão, moradia popular, vemos os jovens que tomam ruas, ocupam prédios públicos e universidades e reivindicam seus direitos.

No que tange os trabalhadores por demanda de aplicativos, apesar dos problemas e suas respectivas resoluções serem diferentes a depender das características existentes em cada mercado de trabalho, as conquistas ao redor do mundo representam uma oportunidade para entregadores e motoristas dos demais países conseguirem algum avanço no reconhecimento dos seus direitos, ou ao menos servem e combustível para essa massa trabalhadora mostrar seu potencial de resistir e reivindicar.

Neste sentido, merece destaque a aprovação da lei “AB-5”, no estado norte-americano da Califórnia (*CALIFORNIA LEGISLATIVE INFORMATION*, 2019). De acordo com essa lei, as empresas da *gig economy* tem por obrigatoriedade registrar seus prestadores de serviço como empregados, lhes proporcionado direitos como salário-mínimo, seguro-desemprego, feriados remunerados, assistência médica, indenização por danos sofridos no trabalho, sindicalização (ABÍLIO; SABINO 2019). Essa conquista é fruto de intensas lutas, reivindicações e greves, exigindo melhores condições de trabalho.

Ainda no âmbito internacional, outra conquista que merece destaque, conforme Moda (2022), é a aprovação da *Ley Rider* no Estado Espanhol, onde tal lei passou a reconhecer o vínculo empregatício entre os entregadores e as empresas, além de determinar que as corporações divulguem instruções e as regras dos algoritmos que servem de base para a organização dos processos de trabalho.

Outros países europeus a exemplo de França, Reino Unido e Suíça, o reconhecimento do vínculo de emprego entre trabalhadores e empresas de aplicativos são também conquistas da luta que melhoram as condições de um trabalho que continua sendo precarizado e podem inspirar lutas pelas mudanças das relações trabalhistas no mundo. Além disso, no final de 2021, como colocam Filgueiras e Sanz (2020), a Comissão Europeia deu alguns direcionamentos de como os países da União Europeia devem tratar esses trabalhadores, recomendando pela existência de vínculo empregatício nesta relação de trabalho.

Todas essas vitórias ao redor do mundo, mesmo que parciais, só foram possíveis graças ao potencial explosivo dos trabalhadores, ou seja, a força desses que mesmo fragilizados e fragmentados conseguem mostrar coragem de resistir e reivindicar. De acordo com estudo sobre as condições de trabalho dos entregadores de aplicativos de Recife e Brasília, realizado pela Central Única dos Trabalhadores – CUT em 2021, no ano de 2016, em Nova York, os motorista da Uber criaram a *Alles*, uma associação solidária que lutava por melhores condições de trabalho depois que o preço das viagens despencou em 15%. Ainda na cidade de Nova York, um coletivo de entregadores criou o movimento “*Los Deliveristas Unidos*”, que ganhou adesão rapidamente de milhares de seguidores nas redes sociais e estabeleceu manifestações pela regulamentação da profissão.

Os entregadores da *Instacart*, aplicativo americano de entregas, promoveu uma greve no auge da pandemia de Covid-19 em 2020, exigindo que a empresa fornecesse

mecanismos de proteção e financeiros contra a doença, Equipamentos de Proteção Individual (EPI), além de gorjeta padrão e um aumento do valor e da duração da licença remunerada paga aos trabalhadores que foram infectados pelo coronavírus (CUT, 2021). Esse movimento grevista se alastrou e atingiu os trabalhadores dos galpões de entrega da Amazon. Além disso, a partir da greve da *Instacard* houve a criação do Gig Workers Collective, que dentre outras coisas, orientava e fornecia suporte aos trabalhadores de plataformas e apoiava outros trabalhadores em seus esforços organizativos.

No Reino Unido existe o *Independent Workers Union Of Great Britain – IWGB*, que traduzindo para o português significa: Sindicato dos trabalhadores independentes da Grã Bretanha, um dos novos sindicatos mais conhecidos criados com o objetivo de organizar trabalhadores que estão na informalidade, representando assim não apenas entregadores de aplicativos, mas também terceirizados, imigrantes com contratos atípicos e baixa renda. Esse sindicato conforme expõe a CUT(2021), foi criado em 2012 por latinos e latinas que trabalhavam no setor de limpeza, hoje a pauta principal do IWGB é lutar contra a pobreza e a vulnerabilidade no trabalho.

Em consonância com as vitórias no âmbito internacional, na Itália os sindicatos criaram espaços de representação para trabalhadores com baixa remuneração e poucos direitos, dando oportunidade para abertura de um espaço de luta pelo reconhecimento dos direitos trabalhistas. Segundo um estudo sobre a regulação espanhola do trabalho, realizado em 2021 pela Fundação Getúlio Vargas-FGV, foi alcançado em 2020 um processo de diálogo social adotado pelas autoridades espanholas que buscavam a elaboração do primeiro marco europeu para a regulação do trabalho em plataformas digitais, a *Ley Rider*, aprovada após grande pressão dos trabalhadores e dos sindicatos.

Vale uma ressalva na lei espanhola, pois parte dos trabalhadores de aplicativos se mostraram contrários a sua aprovação. Os entregadores convocaram manifestações e contaram com o apoio das plataformas de entrega. De acordo com Lara (2021), o estopim dessas manifestações seria o fato de que parte dos trabalhadores queriam continuar sendo autônomos, outrossim, alguns entregadores não se sentiram pelos sindicatos que participaram do diálogo social.

O processo de luta pelos direitos dos entregadores de aplicativos não esteve presente apenas em países europeus e nos Estados Unidos da América. Na América Latina, podemos citar como exemplos da Argentina e do México. Em 2018 na Argentina, entregadores se mobilizaram em busca do aumento das tarifas, isso resultou na criação de

uma associação e de u aplicativo próprio de entrega. Já no México, o coletivo *Ni Un Repatidor* conseguiu abrir diálogo com algumas plataformas e o Estado por direitos básico como salário mínimo (CUT, 2021).

As conquistas alcançadas nos países citados anteriormente, abrem precedentes importantes para sua organização em escala global. No Brasil por exemplo, como será visto de maneira mais aprofundada no próximo tópico, tivemos o breque dos *apps*, apagões e a formação de associações e cooperativas. Para Moda (2022), são vitórias ainda parciais dos trabalhadores, uma vez que, as ações ainda não garantem a totalidade dos direitos trabalhistas sequer existentes nos países aos trabalhadores plataformizados e, sobretudo, são medidas que estão vinculadas a categorias profissionais específicas, não abarcando a plataformização do trabalho, em geral como uma lógica de organização produtiva que estende-se para as mais diversas profissões.

De todo modo, as lutas e as vitórias devem ser comemoradas, especialmente quando consideramos que as disputas em torno das leis trabalhistas nos últimos anos foram marcadas pela remoção de direitos, mas tendo clareza com seus limites. O avanço nas legislações e no entendimento sobre essa relação de trabalho estão enraizados aos processos de lutas travados pelos trabalhadores, sendo crescente as articulações e as ações coletivas desempenhadas por estes.

A Organização Internacional do Trabalho -OIT e demais organismos internacionais vêm prestando apoio em defesa dos trabalhadores plataformizados, entendendo a urgência da regulamentação da profissão e dos vínculos trabalhistas (CUT,2021). No próximo tópico veremos a maior manifestação de entregadores de aplicativos e seus desdobramentos, o Breque dos *apps*, que ocorreu no Brasil em 2020.

### **3.3.1 O Breque dos Apps e Seus Desdobramentos**

Se há alguns anos havia uma atenção maior em relação aos motoristas da Uber e de outras empresas de transporte por aplicativos, com a crise sanitária de Covid-19, a atenção se voltou para os entregadores que trabalham condições limites de precarização.

Como resposta a condições extremamente precárias de trabalho, em 2020 no Brasil, plena pandemia, um grupo de trabalhadores foi às ruas em todo o país para denunciar suas condições de trabalho. Assim, no dia primeiro de julho de 2020, os entregadores realizaram o primeiro “Breque dos *apps*”, que tinha como objetivo paralisar os aplicativos de *delivery* por um dia, na tentativa de trazer à tona suas demandas e

reivindicações. Por meio de postagens na rede social *Instagram* e vídeos no *YouTube*, os entregadores divulgaram as pautas mobilizadas com o uso da *hashtag* #ApoioBrequeDosApps, chamando a atenção de jornalistas e movimentos de esquerda, que ajudaram na divulgação da causa.

O breque se popularizou e fez figura nacional a algumas de suas lideranças como “Galo”. A partir disso, surge o movimento Entregadores Antifascistas, tendo Paulo Lima, mais conhecido como Galo antifascista sua principal liderança. Galo ficou conhecido após viralizar um vídeo seu denunciando as dificuldades de trabalhar para os aplicativos e isso acabou ajudando a impulsionar as reivindicações nas redes sociais. Dias depois aconteceu o segundo Breque, no dia 25 de julho de 2020.

O ‘breque dos apps’ reuniu na pauta de suas reivindicações algum tipo de proteção social, direito à alimentação, reajuste das taxas pagas pelas empresas, equipamento de proteção individual, entre outras questões que tratavam de condições mínimas de trabalho. No tocante a equipamentos de proteção, ressalta-se que o cenário de aumento das mortes de motociclistas e ciclistas, de acordo com o diário do transporte (2021), os óbitos de motofretistas (incluindo motoristas de aplicativo) representam 16% do total de motociclista mortos em 2020, em 2019 essa proporção foi de 12%, já o número de mortes de ciclistas também aumentou passando de 31 em 2019 para 37 em 2020, alta de 19,35%.

De forma tardia; o Brasil sancionou o Projeto de Lei 1665/2020, de autoria do deputado federal Ivan Valente (PSOL-SP), que prevê diversas garantias aos uberizados na pandemia. Mesmo provisória, representou uma conquista na conjuntura do trabalho precário no país. Moda (2022) coloca que foi a primeira legislação nacional aprovada em benefício dos trabalhadores plataformizados, no entanto é restrita aos entregadores por aplicativo e a pandemia.

O projeto de lei previu que as empresas do setor de entregas por aplicativo devem, durante o estado de calamidade pública em virtude da pandemia de COVID-19: garantir a distribuição de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) aos trabalhadores, assegurar o acesso à água potável, alimentação e espaço seguro para descanso entre as entregas, contratar seguro aos entregadores contra acidentes e por doença contagiosa, cobrir assistência financeira aos trabalhadores afastados em razão de acidente ou por suspeita de contaminação pelo coronavírus, e por fim, garantir que os restaurantes cadastrados nas empresas permitam o uso do banheiro pelos entregadores (MODA,

2022). O projeto foi votado apenas no final de 2021, quase dois anos após os primeiros casos de covid-19 no país.

De acordo com a pesquisa: ‘Levantamento sobre o trabalho dos entregadores por aplicativos no Brasil’, realizada pelo Núcleo de Estudos Conjunturais, da Faculdade de Economia, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), os traços em comum verificados entre esses manifestantes, além de trabalharem em plataformas de entrega, eram as características sociodemográficas, sendo eles majoritariamente jovens, entre 18 e 30 anos, e negros.

A pesquisa ainda revelou que quase um terço (30,1%) começou a trabalhar com entrega de aplicativos durante a pandemia de Covid-19, 76,7% têm a atividade de entrega como sua ocupação principal e 70,5% trabalham seis ou sete dias por semana, destes, 68,5% têm uma jornada de nove ou mais horas por dia. Além disso, o estudo ainda mostrou que durante a pandemia, 47,9% dos entrevistados tiveram seus rendimentos menores do que o salário-mínimo.

Apesar da entrada no mercado de trabalho sempre ter sido um desafio para os jovens, as oportunidades que já não eram favoráveis antes mesmo da pandemia, atualmente se agravam e estão cada dia mais precarizadas.

Na pesquisa “Juventude e trabalho: qual foi o impacto da crise na renda dos jovens? E nos nem-nem?”, divulgada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) em novembro de 2019, via dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), percebeu que quem mais perdeu renda nos últimos cinco anos foram os mais jovens, essa perda foi cinco e sete vezes mais forte entre jovens de 20 a 24 anos e entre os jovens adolescentes, respectivamente.

O descontentamento em torno da situação dos prestadores de serviço por aplicativo, notadamente o elo mais frágil dessa relação e a necessidade de regulamentar e proteger a classe, atingem as grandes cidades brasileiras, esse descontentamento foi além das carreatas e paralisações, em algumas cidades do país existem instâncias formais de representação como associações e sindicato de motoristas que anseiam por mais segurança e condições mais dignas de trabalho. As maiores associações de motoristas conseguem canalizar algum diálogo com as empresas, o que não necessariamente significa que suas reivindicações são consentidas. Todavia, eles conseguem apresentar as suas principais demandas.

Segundo Cannas (2019), em Porto Alegre existem duas entidades de representação dos motoristas de aplicativos. A Associação Liga dos Motoristas de Aplicativo (ALMA) e a Apoio aos Motoristas Por Aplicativos (AMPA), as duas organizações foram constituídas pelos próprios motoristas, não possui sede física, apenas páginas no Facebook, onde é disponibilizado informações de suas principais atividades, como reuniões com vereadores e outros gestores municipais de Porto Alegre

Também identificamos via *facebook* a Associação dos Motoristas de Aplicativo de São Paulo (AMASP), sua missão é reunir, prestar apoio, orientar os motoristas e incentivar o mutualismo entre os associados.

E por sua vez, no estado da Bahia, existe a Associação dos motoristas particulares e de aplicativos do estado da Bahia (AMPABA) possui página própria organizada na internet e Estatuto Social registrado (CANNAS, 2019). A AMPABA nasceu

Da necessidade de regulamentar, proteger e defender os motoristas particulares e de aplicativos associados, bem como sempre buscar que a população tenha serviços adicionais de transporte de qualidade. Desde sua fundação em 2016 tem se comprometido com a missão de organizar, educar e orientar seus associados. Somos guiados por um único objetivo: fazer a nossa parte em tornar o trabalho de transporte de passageiros melhor para todos. Nos esforçamos para construir relacionamentos produtivos e benéficos em todas as nossas atividades. Um dos nossos maiores pontos fortes é a demonstração de apoio que os membros associados exibem através do seu envolvimento contínuo em nossas campanhas (ASSOCIAÇÃO, 2019).

Para Braga (2015), as lutas, os protestos foram e continuam sendo marcantes nos contextos nacional e internacional, as mobilizações sociais são a força motriz dos trabalhadores que surgem como resposta a um contexto de crise que sempre tem maior incidência nestes, sobretudo os mais precarizados. Fruto de agudas contradições sociais, o “preariado global” como denomina o autor, é a fração da classe trabalhadora extremamente precarizada, principalmente nas periferias do sistema capitalista. E essa precarização do trabalho fica muito nítida nas condições de trabalho dos entregadores de aplicativos, como já exposto, mas um outro setor extremamente precarizado e que abarca um grande contingente de jovens é o setor de *telemarketing*. Na condição de terceirizados, os operadores de *telemarketing* mantêm instáveis relações de trabalho, marcadas pela subcontratação, alta rotatividade, baixos salários e desrespeito à questão da saúde.

Entre 2008 e 2012, o setor de *telemarketing* no Brasil, ramo extremamente precarizado, aumentou consideravelmente também, mas por outro lado, simultaneamente

crece o número de trabalhadores sindicalizados, as greves e paralisações, além de iniciativas integradas com outros grupos sociais, segundo Braga (2015), que enxerga no protagonismo dos trabalhadores precários a centralidade de suas motivações.

No entanto, a atuação isolada dos trabalhadores, por si só, não possui poder de alterar de maneira substancial as condições de trabalho para isso é preciso transformar lutas econômicas em lutas políticas. Tendo que ter em consideração que um país como o Brasil envereda pelo caminho da informalização e do notável esvaziamento das regulações trabalhistas e que histórica e estruturalmente tem um mercado de trabalho marcado pela alta rotatividade no emprego, dispersão salarial.

As empresas-aplicativo sempre buscam dar uma contrarresposta, em nível global, a esse movimento de reivindicação de direitos trabalhistas por parte de seus trabalhadores, nesse sentido todas elas contam com um reforçado setor de relações governamentais, formado por advogados que constantemente fazem *lobby*, isto é, fazem *pressão* nas casas legislativas, visando a não aprovação de projetos de leis que vão de encontro com seus interesses. Sobre isso, Moda (2022), coloca que:

As empresas do setor buscam diferentes formas de cooptação das reivindicações dos trabalhadores: durante as disputas em torno da “Ley Rider” espanhola, por exemplo, a Deliveroo incentivava, através de bônus e promoções, a filiação dos entregadores numa associação contrária à regulação do trabalho, buscando com isso demonstrar que os próprios trabalhadores não queriam o reconhecimento do vínculo empregatício. Outro exemplo interessante ocorreu no Brasil, ano passado, com a realização do “Fórum dos Entregadores”, uma reunião organizada pelo iFood com entregadores escolhidos pela empresa para debater os problemas da categoria, tentando com isso *melhorar* alguns dos aspectos existentes no serviço sem atacar o principal problema apontado pelos entregadores no Breque dos Apps: as baixas taxas pagas pelas empresas (MODA, 2022).

Sendo assim, as plataformas digitais agem em dois sentidos que dificultam a luta dos trabalhadores e a regulamentação das atividades via aplicativos, por um lado pressionam os legisladores e, por outro, disputam ideologicamente a força de trabalho, ao ameaça-la de que “é melhor ter emprego do que direitos”, tornando a luta contra a distopia do despotismo algorítmico cada dia mais longa e dura.

Desde o “Breque dos Apps” no Brasil, existem vários projetos tramitam na Câmara Federal sobre o tema da plataformização do trabalho, porém, em sua maioria eles falham, segundo Moda (2022), em três pontos: restringem-se ao período pandêmico; não combatem à lógica de funcionamento desta modalidade de trabalho, ou seja, não encaram

o avanço e a captura do mercado de trabalho pelas corporações de tecnologia como a raiz do problema e ainda são restritos a uma ou a outra categoria profissional.

Durante o governo de Jair Bolsonaro no Brasil (2018-2022), houve a tentativa de uma nova contrarreforma trabalhista através do Grupo de Altos Estudos sobre o Trabalho (GAET). O objetivo era caso aprovada, que ela impediria que o Judiciário reconheça o vínculo empregatício, bem como os direitos dos uberizados, pois seria concretizado que a relação entre eles e as empresas é apenas de prestação de serviço, aprofundando a retirada de direitos realizados com a “contrarreforma” de 2017. Esse retrocesso, teria como objetivo trazer ainda mais dificuldades as novas mobilizações pelos trabalhadores, mas não tem forma de evitar futuras lutas.

Já no início de 2023, sob comando de Luiz Inácio Lula da Silva de volta a presidência do Brasil, os entregadores de aplicativos já articulam grande mobilização que foi levantada de forma unilateral por galo e demais dirigentes. Segundo informações de Mônica Bergamo<sup>27</sup>, colunista da Folha de São Paulo, os trabalhadores por demanda de aplicativos iriam realizar um novo *breque*, como ficou conhecida a greve da categoria, em 25 de janeiro.

Segundo a matéria publicada em 3 de janeiro de 2023, a mobilização geral ocorreria em grandes centros comerciais, postos de coleta e escritórios dos aplicativos, como *Ifood*. O chamado para a mobilização foi realizado pela recém criada Aliança dos Entregadores de Aplicativo – AEA, cujo lema é “Parem de nos Matar”, aludindo aos riscos enfrentados pelos motociclistas que correm contra o tempo para dar conta de um grande número de entregas em jornadas de trabalho que superam doze horas seguidas.

A AEA emitiu uma carta direcionada ao governo federal, centrais sindicais e empresas de entregas por aplicativos explicando sua pauta de reivindicações, nos principais questionamentos estão: reajuste das taxas; fim da entrega dupla e tripla e apólice de seguro, dentre outros, conforme ANEXO A.

Porém, também de acordo com a Folha de São Paulo, no último dia 17 de janeiro, após o presidente Lula afirmar que regulação de *apps* é prioridade, os *motoboys* suspenderam a paralisação e terão rodadas de reuniões com o governo federal buscando avanços consistentes para a classe.

---

<sup>27</sup> Mônica Bergamo é uma jornalista brasileira. Atua como colunista do jornal Folha de São Paulo e da rádio BandNews FM.

Compreender o fenômeno da uberização em sua profundidade, tornando imprescindível, principalmente em um país historicamente marcado por relações empregatícias precarizadas, pela informalidade, baixos rendimentos e altas jornadas. A construção de um projeto que avance na consolidação dos direitos dos trabalhadores uberizados é essencial, seja por meio da luta e do conflito dos atores sociais envolvidos, ou pelo fortalecimento das instituições públicas de fiscalização e estabilização das relações de trabalho, além de uma maior atuação dos sindicatos. É preciso que o trabalhador se reconheça como tal, se veja dentro de uma luta sindical, fortalecendo assim o conjunto da classe trabalhadora.

No próximo tópico, veremos relatos por meio de postagens e vídeos do *Youtube* e *Instagram* de entregadores mostrando suas realidades, sobretudo durante a pandemia da Covid-19. Veremos também o alcance do Breque dos *apps* e de que forma ele foi interpretado pelos entregadores.

### 3.3.2 Narrativas nas Redes: O Breque Nas Mídias Sociais - Youtube e Instagram

Para realizar a discussão desse tópico, a princípio levou-se em consideração depoimentos de 3 entregadores-*influencers*<sup>28</sup> são eles: Jeef Fernandes, canal Ticoloko Motoca e o canal Entregador de lanches<sup>29</sup>, que mostravam seu dia a dia no início da quarentena. Posteriormente, após a eclosão do Breque dos *apps* analisou-se os vídeos e postagens em apoio ao movimento e toda influência de Paulo Galo.

Após início da quarentena, no final de março de 2020, vídeos que retratavam a situação dos entregadores de *delivery* foram postados pelos próprios entregadores. O vídeo: POR QUE NÃO FICAMOS EM CASA? TRABALHANDO DURANTE A PANDEMIA<sup>30</sup>, foi publicado pelo entregador Jeff Fernandes, um jovem natural de Recife, que entrou no mercado plataformizado buscando “fazer dinheiro” enquanto estudava para concurso público. No vídeo Jeff explica os cuidados básicos que os entregadores precisam ter durante a pandemia. Em outra parte do vídeo é mostrado a praça de alimentação de um shopping completamente deserta mostrada na imagem 2,

---

<sup>28</sup> Essa expressão é utilizada por Desgranges e Ribeiro (2021), para designar os entregadores que produzem conteúdo para as redes sociais com dicas de trabalho para outros entregadores.

<sup>29</sup> O canal de Jeff Fernandes conta com 134 mil inscritos, o de Ticoloko motoca tem 5,67 mil inscritos e o canal entregador de lanches possui 37,2 mil inscritos. (Youtube, 2023).

<sup>30</sup> Link de vídeo do youtube: [https://www.youtube.com/watch?v=PyG\\_mQ0NpI8](https://www.youtube.com/watch?v=PyG_mQ0NpI8). Acesso em 23 de fevereiro.

enquanto o jovem se direciona pra uma lanchonete que se encontra com as luzes acesas. Depois o vídeo muda mostrando Jeff já na rua com o pedido em mãos. O vídeo de Jeff Fernandes foi publicado em 30 de março de 2020 e conta com 10.541 mil visualizações, de acordo com dados retirados do Youtube em fevereiro de 2023.

**Imagem 2:** Praça de Alimentação de um Shopping Deserta Durante a Quarentena



**Fonte:** Canal do Youtube, de Jeff Fernandes, 2020

Um outro entregador, o Ticoloko Motoca também fez um vídeo para o Youtube –IFOOD! FUNDO DE 1 MILHÃO P/ AJUDAR ENTREGADORES<sup>31</sup>, mostrando as ruas vazias em São Paulo. No vídeo, Ticoloko expõe que mesmo sendo o único da família que possui remuneração, defende a quarentena e diz que prefere ter sua saúde em boa condição. No vídeo, o entregador ainda faz um apelo aos colegas de profissão, pedindo para que as manifestações sejam feitas seguindo os protocolos do Ministério da Saúde, segundo imagem 3 a seguir.

<sup>31</sup> Link de vídeo do youtube acessado em 10 de fevereiro de 2023: [IFOOD!! FUNDO DE 1 MILHAO P/ AJUDAR ENTREGADORES - YouTube](#). Acesso em: 13 de fevereiro de 2023. Diante a pandemia, a iFood disponibilizou um Fundo Solidário de 1 milhão de reais para dar suporte aos entregadores que precisaram ficar de quarentena ao testar positivo para covid-19, e para os entregadores que configuravam grupo de risco e precisariam ficar em casa, sem poder trabalhar, criou o Fundo de Proteção, também no valor de 1 milhão de reais (IFOOD, 2020).

**Imagem 3:** Ticoloko Aconselhando que os Entregadores Sigam as Recomendações do Ministério da Saúde



IFOOD!! FUNDO DE 1 MILHAO P/ AJUDAR ENTREGADORES 😞😞



Ticoloko Mot...  
5,67 mil inscritos

Seja membro

Inscriver-se

👍 146



🔗 Compartilhar



**Fonte:** Canal do Youtube de Ticoloko Motoca, 2020

Em outro vídeo postado no youtube: FUI PRA RUA EM PLENA EPIDEMIA, o Ticoloko explica que ainda não tinha voltado a trabalhar nos aplicativos de entrega, que tinha saído de casa apenas para comprar remédio para a mãe. No decorrer do vídeo Tico se mostra insatisfeito com a parceria fechada entre a Prefeitura de São Paulo e alguns aplicativos como *Ifood*, *Loggi*, *Uber eats* e *Rappi*. Esses aplicativos comprometeram-se em realizar entregas de produtos distribuídos pela prefeitura.

Tico se portava contrário a qualquer envolvimento dos entregadores com sindicato ou associações. Segundo Abílio (2019), inserido em um contexto de enfraquecimento das instâncias coletivas, é normal a descrença na ação sindical, soma-se a isso a narrativa do autogerenciamento de si no trabalho. Assim como Tico, outros entregadores também se contrapunham a relação com o sindicato e com as demais organizações, é o caso de Márcio Juvino, dono do canal “Entregador de Lanches”.

Em vídeo postado no youtube em janeiro de 2020, “PROCESSO IFOOD X MTP SINDICATO/ EU ESTAVA LÁ!!<sup>32</sup>”, Márcio expôs que foi testemunha do aplicativo

<sup>32</sup> Link de vídeo do youtube: [PROCESSO IFOOD X MTP SINDICATO/ EU ESTAVA LÁ!! - YouTube](#). Acesso em 20 de fevereiro de 2023.

Ifood conta o ministério do trabalho, afirmando que não gostaria de sua liberdade e autonomia de trabalhar a hora que pode e dar. No discurso proferido por Márcio, ele dizia:

Né, então tem coisa que o sindicato quer tomar frente mas na realidade não é o que a rua pede, então, por eu acreditar nisso, por acreditar que não vai funcionar eu fui defender o pessoal do iFood, fui defender o que eu acredito, né, fui defender o que eu acho mais correto, fui defender o que a maioria quer, que não é ficar preso em aplicativo não, certo manos? Eu garanto pra vocês, se a intenção do sindicato fosse a melhoria pra categoria, se a intenção do sindicato fosse essa, eles teriam que ver o lado de quem tá na rua, sai pra rua mano, sai pra rua, vem trocar ideia com os cara na rua, entendeu? Que que os cara quer? Não é assim mano, a forma que foi feito foi muito, no meu ponto de vista, foi muito por interesse próprio. Na realidade o sindicato não tem, ele não tem aquela... aquela coisa de querer realmente ajudar o trabalhador, pelo menos nessa ação é o que eu vejo, é mais interesse próprio. Então sai pra rua, que que os cara quer? Os caras quer uma taxa justa, uma taxa mínima, é um tempo de espera... Por que que o sindicato não briga por isso? Por que que quer brigar por CLT, sendo que é uma coisa que ninguém quer, né? (ENTREGADOR DE LANCHES, 2020, youtube, on-line)

A postura de Márcio Juvino, não é um caso isolado. De acordo com uma matéria publicada pela EXAME em julho de 2020, baseado em uma pesquisa do Ibope, em um universo de um mil entregadores brasileiros, cadastrados em plataformas como *Ifood*, *Uber eats* e *Rappi*, 70% deles prefere um modelo de trabalho flexível, em vez de ter carteira assinada. Ainda com base na matéria da Exame, o presidente do Sindicato dos motoboys de São Paulo, Gil Almeida, as respostas contrárias à CLT na pesquisa se devem à falta de informação dos entregadores sobre quais seriam os reais direitos deles nesse tipo de modelo de trabalho.

Para Gil Almeida, muitos entregadores rechaçam o vínculo com a CLT, pois perderiam a liberdade de fazer seu horário e trabalhar para mais de uma empresa. Contudo, Gil afirma que na prática, esses entregadores acabam trabalhando mais. O presidente do Sindicato ainda informou que é de interesse das empresas evitar o vínculo formado por uma carteira assinada, uma vez que, configuraria responsabilidade com o trabalhador.

Assim como a matéria publicada pela EXAME, uma pesquisa sobre as condições de trabalho dos entregadores de aplicativos, realizada em julho de 2020 pela Universidade Federal da Bahia –UFBA e publicada pela Remir Trabalho, coletou informações de 103 entregadores, sendo 72 motociclistas e 31 *bikeboys* das cinco regiões do Brasil, contemplando 38 cidades e 19 Estados.

O estudo da Universidade baiana mostrou que apesar da brutal precarização presente no trabalho uberizado, um pouco mais da metade dos entregadores 54,4% afirma não querer vínculo de carteira assinada. Desses, mais de 80% apontam como razão de não quererem formalização de seu contrato: a piora dos rendimentos e, sobretudo, a perda da liberdade e flexibilidade que a CLT provocaria.

A propaganda pesada e constante das empresas distorce a realidade sobre a CLT e corrompe a avaliação dos próprios trabalhadores, no caso particular dos entregadores pesa o discurso do empreendedorismo, das jornadas flexíveis e também de mais liberdade para gerir suas atividades. A realidade é que esse discurso empresarial maquia uma realidade em que os entregadores trabalham mais, com menor poder de decisão e dominados por ordens do mercado, às vezes expressas, outras veladas.

Mas, apesar de toda essa negativa dos entregadores, se colocando contra os vínculos Celetistas e mostrando sua descrença na ação sindical, segundo Desgranges e Ribeiro (2021), a latente precarização do serviço por aplicativo, se agrava ainda mais pela falta de suporte das empresas frente a pandemia e pela brusca diminuição no valor pago pelas entregas, fazendo eclodir o primeiro Breque dos *apps*.

Quando acontece no dia primeiro de julho de 2020 o Breque, na tentativa de trazer à tona suas demandas e reivindicações, os entregadores através de postagens via Instagram e também de vídeos no youtube divulgaram suas pautas e mostraram seus principais anseios. O perfil do instagram @tretanotrampo, que conta atualmente com 20,8 mil seguidores, foi um dos principais meios de divulgação da greve dos aplicativos, por meio de posts e também da *hashtags* #apoiobrequedosapps, como explícito na imagem 4.

#### Imagem 4: Greve dos Entregadores de Aplicativos no Rio de Janeiro



Curtido por **ellenmoraisd** e outras pessoas  
**tretanotrampo** RIO DE JANEIRO E ATIBAIA  
 AMANHECERAM BRECADAS 🍅🍅🍅

A greve de Paulínia e Jundiaí agora seguiu pra Atibaia e chegou no estado no Rio, paralisando Niterói e São Gonçalo, e já crescendo pra outras regiões. Os entregadores reivindicam o aumento das taxas, o fim das coletas duplas e dos bloqueios indevidos.

**Fonte:** Retirada do instagram @tretanotrampo, 2020

Os entregadores também estavam pedindo apoio dos consumidores, uma vez que, a participação desses seria de fundamental importância para que houvesse uma paralisação de fato dos *apps*. Nesse sentido, o perfil @tretanotrampo espalhou postagens com instruções para os clientes que desejavam ajudar os entregadores e apoiar o breque. Nas postagens era pedido que os consumidores divulgassem o Breque, imprimindo panfletos e compartilhando as *hashtags* #Brequedosapps e #ApoioBrequedosApps.

Vários de vídeos foram publicados no Youtube em apoio ao Breque e aos entregadores. O canal do movimento “Por uma Escola Popular”- o MEP SINASEFE<sup>33</sup>, mostrou por meio de um vídeo todo seu apoio ao Breque, mostrando a importância de toda a classe trabalhadora apoiar o movimento e os trabalhadores e o quanto a solidariedade de classe é necessária.

No canal do Youtube “Jornalistas Livres”, foi publicado em 2 de julho de 2020 o vídeo SENSÇÃO MÁGICA – BREQUE DOS APPS<sup>34</sup>, no qual Paulo Galo, líder do

<sup>33</sup> Link de vídeo retirado do Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=7PgcdNeJXt8>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2023.

<sup>34</sup> Link de vídeo retirado do Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=g756zsVmLu0&t=69s>. Acesso em 21 de fevereiro de 2023.

movimento “Entregadores Antifascistas”, relata: "A sensação foi mágica. A sensação de ver aquele pessoal todo ali, a expressão dos companheiros e companheiras, um olhando pro outro com autoestima, tá ligado?"(GALO, 2020, Jornalistas Livres, online).

Ainda nesse mesmo vídeo, Galo descreve os receios de muitos de seus companheiros em aderir à campanha do Breque dificultando de certa forma sua convocação e como a manifestação foi percebida pelos entregadores. Em um primeiro momento, segundo Galo, muitos entregadores tinham medo de serem bloqueados das plataformas por participarem do Breque, a Ifood inclusive, já havia sido denunciada por rastrear os entregadores que prestaram apoio a paralisação.

Posteriormente a falta de compreensão sobre o significado da palavra Fascismo e também a repulsa pela CLT e pelos sindicatos fez muitos trabalhadores recuarem. Porém a manifestação, como o próprio Galo relata, abriu caminho para mais diálogo entre os trabalhadores, que mesmo mostrando-se resistentes a ideia de vínculos empregatícios formais, buscaram maior compreensão sobre a proposta dos Entregadores Antifascistas.

O Breque dos *apps* proporciona a Paulo Lima, o Galo de briga, uma grande visibilidade na mídia, participando de programas e de debates, inclusive com acadêmicos, como é o caso da *live* de lançamento da obra “UBERIZAÇÃO, INDÚSTRIA DIGITAL E TRABALHO<sup>35</sup> 4.0” publicado dia 14 de outubro de 2020, no canal no TV Boitempo, com mais de 60 mil *views*. A obra é uma coletânea de artigos que desbrava os temas do trabalho digital, da uberização e plataformação do trabalho e do fenômeno da Indústria 4.0 e suas consequências para o universo laborativo e para a vida dos trabalhadores e trabalhadoras. Na *live* de lançamento participaram além de Galo, o sociólogo da Unicamp Ricardo Antunes, organizador do livro e a socióloga Luci Praun.

Durante o programa Resenha Trabalhista<sup>36</sup>, transmitido pelo Youtube em junho de 2021, o procurador Rodrigo Carelli pergunta a Galo se os entregadores têm consciência dos instrumentos de controle utilizados pelas plataformas, a fala de Galo ratifica o que ele já afirmou em dezenas de entrevistas concedidas na imprensa, ele diz:

Ainda há quem ache que a gente faz nossos próprios horários, quem faz nossos próprios horários é nossa dívida. Para pagar minhas dívidas, eu vou trabalhar até 16h, se for preciso. O capitalismo não existe sem dívida. O moço de 31 anos, que comprou uma moto para fazer o trabalho e ainda estava pagando as prestações quando foi bloqueado dos aplicativos, afirma que trabalhadores por aplicativos são descartáveis...

<sup>35</sup> Link retirado do Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=C8g3cn0F4pY>. Acesso em 21 de fevereiro de 2023.

<sup>36</sup> Link retirado do Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=u0ifxhL1LZg>. Acesso em 23 de fevereiro de 2023.

continua Galo Não se engane, a revolução industrial suprimiu os empregos, a uberização vai suprimir direitos (GALO,2021, Youtube, On-line).

Fica evidente a diferença de postura entre Galo e os entregadores-*influencers*. Esses últimos possuem um perfil que se utiliza de um léxico típico de blogueiro, já que produz conteúdo de trabalho destinado a outros entregadores, Paulo Galo apesar de ter bastante espaço nas redes sociais, não possui esse perfil, uma vez que, seus conteúdos tem maior conotação política.

Usando de toda sua visibilidade e influência, Galo e os Entregadores antifascistas lideraram em 2021 novas manifestações denominadas de apagões, pedindo um dia sem entrega. Essa mobilização foi toda organizada e praticada via redes sociais, pedindo que os clientes das plataformas deixassem de fazer pedidos pelos aplicativos apenas por um dia. Ainda segundo a CUT(2021), a *hashtag* #ApagãoDosApps ficou em segundo lugar nos *trending topics* do *Twitter*.

Por conseguinte, mesmo com resistências, desconhecimentos e um contexto de descrença na ação sindical, situação semelhante ao que vimos anteriormente no tocante a lei espanhola, a *Ley Rider*, em que os trabalhadores de fato incorporam as narrativas de autonomia e empreendedor de si, o Breque conseguiu grande alcance e repercussão nas redes sociais.

Foram centenas de vídeos no *Youtube*, postagens no *Instagram*, bem como, criação de canais e contas buscando a organização e a ampla divulgação do movimento. Além disso, foram centenas de curtidas e de visualizações, apontando para o sucesso da paralisação, visto que, uma das formas de mensuração de engajamento nas plataformas é feito por meio do acompanhamento, das curtidas e *Views*. Sobre o que representou o Breque a CUT relata (2021, p. 43)

Um resultado importante dos breques foi ampliar o debate na sociedade sobre a exploração e a precarização do trabalho, iluminando as contradições do discurso de empreendedorismo a que recorrem as plataformas digitais. Nesse sentido, a mobilização jogou luzes sobre a necessidade de garantir direitos básicos de entregadores e entregadoras, levando à discussão sobre as afrontas à dignidade a que são submetidos estes trabalhadores, um debate que ganhou a mídia com os breques.

Por outro lado, apesar da manifestação ter aberto espaço no Congresso para a formulação e negociação de projetos de regulamentação de direitos para a categoria, é importante frisar que, a mobilização não teve tanto avanço no que diz respeito a ampliação

desses direitos e garantias de melhores condições de trabalho além do fornecimento de frascos de álcool em gel no período pandêmico.

Um ponto importante que pode ser considerado um empecilho para um maior avanço da paralisação além da não aceitação dos vínculos empregatícios regulares por parte de alguns trabalhadores, é a conjuntura política do Brasil no período. Tínhamos um governo com práticas totalmente neoliberais, sem diálogo e que atacava constantemente a classe trabalhadora, aprofundando retrocessos e disseminando discursos não condizentes com a realidade.

Ademais, um caminho possível para manifestações futuras, é considerar a construção de movimento/s com maior unidade, uma vez que, todos os trabalhadores plataformizados exigem melhores condições de trabalho, todavia, partem de pressupostos distintos, uns vendo com bons olhos e como necessário o vínculo com a CLT, enquanto outros se manifestam contrariamente a essa relação, alegando perda de autonomia e liberdade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O progresso técnico advindo da criação de novas tecnologias tem sua importância para o desenvolvimento econômico, além de carregar mudanças culturais e sociais significativas para a sociedade. No entanto, a história nos mostra que, muitas vezes, a inovação tecnológica é acompanhada de desemprego e exploração indigna do trabalho humano. O desenvolvimento tecnológico não é neutro, portanto suas direções e objetivos possuem sentidos políticos.

No atual contexto de massificação da uberização, verifica-se que tudo parece ser passageiro, nesse sentido, inovações, trabalho, empreendedorismo e instituições precisam sempre receber novos conceitos, no intuito de atrair cada vez mais consumidores. À medida que as plataformas digitais avançam no conhecimento tecnológico, aumentam os serviços oferecidos, proporcionando a contratação de trabalhadores além das possibilidades atualmente já disseminadas e isso nos mostra que a ameaça de mercantilização do trabalho humano está cada vez mais intrínseca a nossa realidade.

Neste sentido, o trabalho oferecido pelas plataformas digitais não possui a menor relação com empreendedorismo, pois além de não serem detentores dos meios de produção e não possuírem qualquer influência na gestão negócios, os trabalhadores estão submetidos a péssimas condições de trabalho, sem nenhuma proteção social do Estado.

O Estado, por sua vez, completamente dentro da orientação econômica neoliberal, em que direitos são transformados em custos econômicos, exime-se dos seus deveres constitucionais e não garante o mínimo de proteção, respeito e valorização social aos trabalhadores, estes que inseridos em um brutal excedente de mão de obra, atraído pela demanda e movido pela necessidade.

A contrarreforma trabalhista aprovada em 2017, foi apresentada pelo presidente da época Michel Temer como uma resposta liberal de superação da crise, do desemprego e aumento da competitividade, por meio do rebaixamento dos custos do trabalho. Essa reforma se insere na dinâmica global do capitalismo financeirizado e das cadeias globais de valor que reprime economias e Estados nacionais, buscando mais rentabilidade, menores salários, esgotamento de direitos trabalhistas e sociais.

Com a aprovação da contrarreforma verificou-se um aprofundamento da crise, ampliação da informalidade e manutenção dos altos níveis de desemprego. Além da regulamentação da terceirização, configurando um cenário propício para o aumento da pejetização do mercado de trabalho no Brasil. O contrato de trabalho intermitente passa

a ganhar mais importância após a reforma trabalhista, sobretudo em ocupações com prevalência de jovens trabalhadores, no setor de serviços e no comércio.

Nessa dissertação, no primeiro capítulo fizemos um resumo do desenvolvimento das fases do capitalismo e as transformações das relações de trabalho, destacando os significados da categoria trabalho, a visão marxista sobre essa categoria e também as formas de resistência da classe trabalhadora.

No segundo capítulo, por sua vez, evidenciamos aspectos sobre a ideologia neoliberal, seu impacto no Brasil e as transformações no mercado de trabalho a partir da inserção de tecnologias no processo produtivo, acarretando na denominada Uberização do trabalho. Nesse contexto, a uberização emerge como uma porta de entrada para que trabalhadores, especialmente os jovens se insiram, mesmo que precariamente no mercado de trabalho, fortemente marcado pela informalidade, terceirização, dispersão salarial e reiterado descumprimento aos direitos trabalhistas mínimos.

Enfim, verificou-se no terceiro capítulo, como resposta ao problema colocado nessa dissertação, que esses jovens são em sua maioria homens, negros, de classe social baixa, com pouca escolaridade, que têm longas jornadas de trabalho e ganham efetivamente pelo tempo que produz lucro para a empresa, isto é, mesmo estando disponível ao aplicativo por 15h, o entregador só ganhará pela quantidade de entrega que tenha feito, pois ele é um trabalhador sob demanda.

Durante a pandemia, notou-se um aumento do número de entregadores e redução da remuneração média que recebem, apesar da intensificação da jornada de trabalho desses profissionais, que se destacaram na manutenção de atividades essenciais, principalmente em tempos de isolamento social e crise econômica.

Os entregadores por demanda de aplicativos, além de não terem acesso a uma série de direitos e benefícios, não são abrangidos pela Seguridade Social em caso de acidente de trabalho ou doença, logo aumentando sua vulnerabilidade. Em acidentes de trânsito, por exemplo, corriqueiro entre esses profissionais, que se expõem a riscos durante todo o período em que exercem atividades laborais, são eles próprios que arcam com o custo integral do prejuízo material. As condições de trabalho impostas pelas empresas que se utilizam dessa mão de obra ampliam e aprofundam ainda mais a precarização do mercado de trabalho brasileiro.

Podemos notar também, a partir das reflexões desenvolvidas nessa dissertação, que o esgarçamento das contradições estruturais do capitalismo tem levado à emergência,

em caráter supranacional, como nos casos já mencionados do Brasil, Estados Unidos, Reino Unido, Itália, Argentina, de manifestações grevistas, com participação da força de trabalho jovem, apesar de toda fragmentação e fragilidade que a atinge, bem como de organizações e coletivos de trabalhadores em um sentido mais vasto. A partir da análise dos movimentos estudados, em especial o Breque dos *Apps*, ocorrido no Brasil em 2020 durante a pandemia de Covid-19, podemos resgatar nosso objetivo geral lançado na introdução. De fato estamos testemunhando um potencial explosivo dos jovens e a pandemia parece ter sido o motor social que fortaleceu a tendência de articulações coletivas dos trabalhadores que prestam serviço de entrega para plataformas digitais. Embora os trabalhadores sigam sendo submetidos a condições de precarização extrema, eles vêm assumindo protagonismo, desempenhando papel importante nos movimentos sociais, assumindo postos de liderança em protestos mundo afora, organizando manifestações e ocupando o espaço público com demandas sociais, políticas, econômicas e culturais.

O Breque dos *apps* foi a maior mobilização grevista organizada pelos próprios trabalhadores, sobretudo os de aplicativos de alimentação, como do *iFood*, *Loggi*, *Uber Eats* e *Rappi*. A mobilização chegou ao auge nas paralisações nacionais dos dias 01/07 e 25/07 de 2020.

Se tornou um acontecimento notável pelo lugar que ocupou no contexto político da crise sanitária, por ter suscitado interpretações da atualidade da ação coletiva de classe em regimes de trabalho da chamada uberização, e também por ter tido como base a mobilização digital através de mídias sociais. Enquanto no instagram se destacava o perfil @tretanotrampo com postagens e divulgações das pautas dos entregadores, no youtube os vídeos com participação de Paulo Lima, mais conhecido como Galo Antifascista, ganhava cada vez mais espaço e notoriedade. A recepção e circulação da pauta de reivindicações nas redes sociais foi massiva.

Dentre os principais anseios da categoria estavam: aumento do valor por km rodado; aumento do valor da taxa mínima de entrega; fim dos bloqueios indevidos; reativação dos cadastros que foram indevidamente bloqueados e auxílio pandemia (EPIs e auxílio caso ficassem doentes).

Entretanto, há divergências de interesses entre os próprios entregadores, embora todos batalhem por melhorias em suas condições de trabalho. Enquanto uns defendem uma pauta específica, a melhoria imediata nas condições de trabalho e a não vinculação

com sindicatos ou com a CLT. Outros, como é o caso dos integrantes do movimento Entregadores Antifascistas, entendem que esses aplicativos são instrumentos de exploração que acontece dentro da lógica do sistema capitalista. Nesse sentido, para Galo e os antifascistas o que está em pauta é também uma disputa ideológica.

Seja como for, nessa pesquisa ficou claro que mesmo os movimentos de julho de 2020 não paralisando totalmente os *Apps*, não tendo tanto avanço no que diz respeito a ampliação desses direitos e garantias de melhores e também mesmo evidenciando a falta de unidade dentro da própria categoria, eles colocaram a luta dos trabalhadores em destaque, mobilizaram a opinião pública, conquistaram alguns avanços mesmo inseridos em um contexto político de sucessivos ataques a classe trabalhadora e aprofundamento de retrocessos. Pela própria pressão dos trabalhadores, na Câmara dos Deputados, há projetos de lei em tramitação que tratam exatamente dos direitos desses profissionais, no entanto ainda de forma parcial.

No Estado do Rio de Janeiro, o Movimento dos Entregadores Antifascista criou o “Despatronados”, uma página na web que se apresenta como feita “por entregadores/as organizados em uma alternativa de trabalho mais justa”. Por meio dela, o cliente pode se conectar diretamente a uma rede de entregadores.

Colocamos como uma possível proposta para pesquisas futuras: a análise da uberização e os desafios da organização coletiva dos entregadores. Considerando que o fortalecimento da integração das organizações pode contribuir para o desenvolvimento de entidades de representação e organização supranacional. Esse caminho representa uma estratégia de fundamental importância na resistência da classe trabalhadora, uma vez que, as plataformas digitais atuam no caminho da internacionalização crescente da acumulação capitalista.

## REFERÊNCIAS

- ABILIO, L. C. **Uberização do trabalho: A subsunção real da viração**. Blog da Boitempo, 2017. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2017/02/22/uberizacao-do-trabalho-subsuncao-real-da-viracao/> Acessado em: 2 de maio de 2022.
- ABÍLIO, L.C. **Desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho**. Novos estudos. Cebrap. São Paulo. set/dez. 2020. Novos estudos. CEBRAP, São Paulo , v. 39, n. 3, p. 579-597, set. 2020 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002020000300579&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002020000300579&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 31 jan. 2021. Epub 15-Jan-2021.
- ABÍLIO,L.C; SABINO, A.M. **Uberização: o empreendedorismo como novo nome para a exploração**. Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano, Campinas, v. 2, n. 2, p. 109-135, 2019.
- ABILIO, L. **Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado**. Revista Perspectivas, vol. 18, n. 03, p. 41-51, 2019.
- ALENCAR,B. **Conceito de Psicologia Industrial**. Publicado pela equipe Editorial de Conceitos, em jan., 2017, São Paulo, Brasil. Disponível em <https://conceitos.com/psicologia-industrial/>, Acessado em 2 de junho de 2022.
- ALVES, G. **Dimensões da reestruturação produtiva: Ensaio de sociologia do trabalho**. São Paulo: Práxis. 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2016000200007#:~:text=Para%20Alves%20\(2007\)%2C%20h%C3%A1,reposi%C3%A7%C3%A3o%20e%20atualiza%C3%A7%C3%A3o%20do%20primeiro](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2016000200007#:~:text=Para%20Alves%20(2007)%2C%20h%C3%A1,reposi%C3%A7%C3%A3o%20e%20atualiza%C3%A7%C3%A3o%20do%20primeiro). Acessado em: 13 de julho de 2022.
- ALVES, G. **O novo (e precário) mundo do trabalho: Reestruturação produtiva e crise do capitalismo**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2000.
- ANDERSON, P.; Balanço do neoliberalismo In SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9-23.
- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.
- ANTHONY, P. D. **The ideology of work**. London : Tavistock Publications, 1977.
- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- ANTUNES, Ricardo. 1988. **A rebeldia do trabalho**. Campinas: Editora da Unicamp; Ensaio.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 3.ed. São Paulo: Boitempo, 2000.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre a metamorfose e a centralidade do mundo do trabalho**. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

ANTUNES, R.; FILGUEIRAS, V. **Plataformas Digitais, Uberização do trabalho e Regulação no Capitalismo Contemporâneo**. *Contracampo*, Niterói, v.39, n. 1, p. 27-43, abr/jul. 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO SETOR DE BICICLETAS – ALIANÇA BIKE. Pesquisa de perfil dos entregadores ciclistas de aplicativo, 2019. Disponível em: [https://aliancabike.org.br/wp-content/uploads/2020/04/relatorio\\_s2.pdf](https://aliancabike.org.br/wp-content/uploads/2020/04/relatorio_s2.pdf). Acessado em: 17 Julho. 2022.

ASSOCIAÇÃO liga dos motoristas de aplicativo. **Facebook: @AlmaRS2018**. [2018]. Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/AlmaRS2018/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/AlmaRS2018/about/?ref=page_internal). Acesso em: 20 maio 2022.

ASSOCIAÇÃO dos motoristas de aplicativo de São Paulo. **Facebook: @amasmotoristas**. Disponível em: <https://www.facebook.com/amasmotoristas/>. Acesso em: 15 maio 2022.

ASSOCIAÇÃO dos **motoristas particulares e de aplicativos do estado da Bahia**. Disponível em : <https://www.ampaba.com.br/ampaba>. Acesso em: 29 maio 2022.

BARBIERI, A.A.P. **Fim de Ciclo do Governo Pós-Neoliberal no Brasil o PT, O Estado e o Golpe Institucional**. Dissertação de mestrado. Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/29437/1/Fimciclogoverno\\_Barbieri\\_2019.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/29437/1/Fimciclogoverno_Barbieri_2019.pdf). Acessado em: 26 de outubro de 2022.

BELCHIOR, A.M; SALVADOR, L. F. C. **A Terceira Via do New Labour: o fim da dicotomia esquerda-direita ou uma visão alternativa sobre o ideário político-ideológico?** Livro: A dicotomia política esquerda-direita : a problemática da sua validade e atualidade. Direcção: Vítor Correia. Editor: Fonte da Palavra. 2012.

BETONI, C.S. **O Espírito dos Donos: empreendedorismo como projeto de adaptação da juventude**. Dissertação – UFSC, CFH. Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2014. 244f. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/128719>. Acessado em: 15 de dezembro de 2022.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Eve. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BORGES, L.O. **As Concepções do Trabalho: um Estudo de Análise de Conteúdo de Dois Periódicos de Circulação Nacional**. RAC, v. 3, n. 3, Set./Dez. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/cpQKTgFDHjshGRNzszNH7df/?lang=pt>. Acessado em: 01 de junho de 2022.

BRAGA, R. **A Pulsão Plebeia: Trabalho, Precariedade e Rebeliões Sociais**. Editora Alameda Editorial; 1ª edição, 2015.

BRITO, E.M. **Desenganos do “(neo)desenvolvimentismo” em Suape: metamorfoses sociais no município de Cabo de Santo Agostinho**. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/16542/3/EDUARDO%20MARTINS%20DE%20BRITO%20-%20TESE%20PPGCS%20CH%202019.pdf>. Acessado em: 22 de novembro de 2022.

CANNAS, F.R. **Movimentos de Resistência do Trabalhador Uberizado**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Temporalis*, Brasília (DF), ano 20, n. 39, p. 132-145, jan./jun. 2020. | ISSN 2238-1856. Submetido em: 22/7/2019. Aceito em: 4/11/2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22422/temporalis.2020v20n39p132-145>. Acessado em: 21 de junho de 2022.

CARVALHO, C.A. **A Metamorfose do Sistema Capitalista e as Leis do Movimento do Capital**. Centro de Pesquisas Econômicas da Amazônia – CEPEC. V. 2 N. 7 Julho de 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/cepec/article/view/6862/5399>. Acessado em: 15 de junho de 2022.

CASONI, G. **A queda tendencial da taxa de lucro e as crises do capitalismo**. Esquerda online, 2016. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2016/12/27/a-queda-tendencial-da-taxa-de-lucro-e-as-crisis-do-capitalismo/#:~:text=De%20acordo%20com%20Marx%2C%20essa,produ%20A7%20e%20reprodu%20do%20sistema>. Acessado em: 10 de setembro de 2022.

CASTRO, C. A. **Crítica à razão empreendedora: a função ideológica do empreendedorismo no capitalismo contemporâneo**. Sociologia E Direito – UFF. 2013. Disponível em: <https://vlex.com.mx/vid/critica-razao-empreendedora-funcao-638194593#:~:text=SOBRE%20A%20FUN%20IDEOL%20GICA%20DO,partir%20dos%20quais%20tem%20sido>. Acessado em: 13 de janeiro de 2023.

Central Única dos Trabalhadores-CUT. **Condições de Trabalho, Direitos e Diálogo Social Para Trabalhadoras e Trabalhadores do Setor de Entrega Por Aplicativo em Brasília e Recife**. Secretaria de Relações Internacionais e Instituto Observatório Social : São Paulo : Central Única dos Trabalhadores, 2021.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.  
COGGIOLA, O. **Os inícios das organizações dos trabalhadores**. Revista Aurora, v. 3, n. 2, 2010.

CORTELETTI, R.F. **Empreendedorismo e Trabalho Flexível na Produção têxtil de Jardim de Piranhas-RN. Configuração do desenvolvimento, Trabalho e Ação coletiva.** AnnaBlume trabalho- 2021.

CUNHA, F.S.R. **Desemprego e Precarização do Trabalho na Prática do Empreendedorismo: Histórias de vida de Empreendedores.** Sociologia Política – UFSC. 2007. Mestrado. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/103185>. Acessado em: 3 de janeiro de 2023.

DALMAGRO, S.L; BAHNIUK.C. **A Classe Trabalhadora e Suas Lutas no Capitalismo Cnotemporâneo: Sínteses do Debate Marxista.** v.17, nº 34, set-dez (2019). Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/38135>. Acessado em: 8 de janeiro de 2023.

DAYRELL, J. **Um olhar sobre a juventude.** In: \_\_\_\_ (Org). **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p.21-44.

DEL CAÑO, N. : **“A juventude é a mais precarizada mas é parte da nova classe trabalhadora que pode transformar tudo”.** ESQUERDA DIÁRIO. PTS ARGENTINA. 2019. Disponível em: [https://www.esquerdadiario.com.br/Nicolas-del-Cano-A-juventude-e-a-mais-precarizada-mas-e-parte-da-nova-classe-trabalhadora-que-pode?utm\\_source=newsletter&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=Newsletter](https://www.esquerdadiario.com.br/Nicolas-del-Cano-A-juventude-e-a-mais-precarizada-mas-e-parte-da-nova-classe-trabalhadora-que-pode?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=Newsletter). Acessado em: 31 de julho de 2022.

DEL CAÑO, N. **Rebelde o precarizada. Vida y Futuro de la juventude em tempos de FMI. De los noventa a la era Macri.** 1ª Edição em Argentina. Editorial Paidós SAICF. 2019.

Desgranges. N; Ribeiro. W. **Narrativas em Rede: O Breque dos Apps e as Novas Formas de Manifestação de Trabalhadores em Plataformas Digital.** Revista Movimentação, Dourados, MS, V.8, nº.14, jan./jun. 2021 - ISSN 2358-9205. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/movimentacao/article/view/15024>. Acessado em: 19 de fevereiro de 2023.

DIÁRIO DE TRANSPORTE: **Cresce Número de Mortos nos trânsito em São Paulo em ano de pandemia, com 809 pessoas que perderam a vida.** 2021. Disponível em: <https://diariodotransporte.com.br/2021/05/27/cresce-numero-de-mortos-no-transito-de-sao-paulo-em-ano-de-pandemia-com-809-pessoas-que-perderam-a-vida/>. Acessado em: 25 de julho de 2022.

DIAS.V.T; MORAIS.P; RODRIGUES.I.C.P. **Neoliberalismo, Ideologia Neoliberal e Regressão de Direitos: Análise de Cinco Peças Publicitárias Sobre a Reforma Trabalhista Divulgadas Pelo Governo Temer no Microblog Twitter.** Dossiê - Migrações: corpo, gênero e sexualidade - v. 10 n. 19, jan-jun, 2022. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Ambivalencias/article/view/17400>. Acessado em: 29 de dezembro de 2022.

DINIZ, M. H. **Dicionário jurídico**, volume 2. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

DUMENIL. G; LEVY.D. **Superação da Crise, Ameaças de Crises e Novo Capitalismo**. In: CHESNAIS, F. et. al. (orgs.). Uma nova fase do capitalismo? Ed. Xama, São Paulo, 2003.

DUMENIL. G; LEVY. D. **A Crise do Neoliberalismo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

EAGLETON, T. **Ideologia. Uma introdução**. Tradução Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.

EAGLETON, T. **O que é ideologia?** In: EAGLETON, T. Ideologia: uma introdução. São Paulo: Boitempo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997. p. 15-40.  
Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/wVGTjr8gbDLb8fNGgWBjCjSB/?lang=pt>.  
Acessado em: 7 de janeiro de 2023.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004. Tradução de Leandro Konde.

EXAME, 2019. **Uber lança programa para atrair motoristas mulheres, hoje apenas 6%**. Disponível em: <https://exame.com/negocios/uber-lanca-programa-para-atrair-motoristas-mulheres-hoje-apenas-6/>. Acessado em: 15 de janeiro de 2023.

EXAME, 2020. **Ibope Aponta que Entregadores de Apps não Querem Carteira Assinada**. Disponível em: <https://exame.com/negocios/pesquisa-indica-que-entregadores-nao-querem-carteira-assinada-sera/>. Acessado em: 23 de fevereiro de 2023.

FERREIRA, A.B.H. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. BAIRD. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, H.D.B. **Assédio moral nas relações de trabalho**. Campinas: Russel, 2014.

FOLHA DE SÃO PAULO, 2023. Mobilização de Entregadores de Aplicativos. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2023/01/motoboys-suspendem-paralisacao-apos-governo-lula-dizer-que-regulacao-de-apps-e-prioridade.shtml>. Acessado em: 19 de janeiro de 2023.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS- FGV. **Juventude e trabalho: qual foi o impacto da crise na renda dos jovens? E nos nem-nem?** 2019. Disponível em: <https://cps.fgv.br/juventude-trabalho#:~:text=De%20maneira%20geral%20entre%20os,por%20hora%20Fano%20de%20estudo>. Acessado em: 30 de julho de 2022.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS- FGV. **Regulação Espanhola do Trabalho em Plataformas Digitais: Diálogo Social e Governança Algorítmica em foco.** Versão 1.0, de 10 de junho de 2021. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/30827>. Acessado em: 21 de fevereiro de 2023.

FILGUEIRAS,L; GONÇALVES,R. **A economia política do governo Lula.** Editora contratempo, Rio de Janeiro, 2007.

FILGUEIRAS, V; SANZ.A.R. **Brasil e Espanha: Duas respostas à uberização.** Outras palavras. Publicado em setembro de 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/trabalhoeprecariado/brasil-e-espanha-duas-respostas-a-uberizacao/> Acessado em 21 de nov de 2021.

FILIPPINI, M. **Trascienza e senso comune. Dell'ideologia in Gramsci. In: Scienza & Política**, vol. XXV, n° 47, 2012, pp. 99. Disponível em: [Guarda Tra scienza e senso comune. Dell'ideologia in Gramsci \(unibo.it\)](#). Acessado em: 6 de janeiro de 2023.

FERNADES,F. **Tradução “Contribuição à crítica da economia política”** Trad. Florestan Fernandes 2.ed. São Paulo. Editora Expressão popular, 2008.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos.** Edições Loyola, 1997.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere: introdução ao estudo da filosofia; a filosofia de Benedetto Croce.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere.** Vol. 1. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere: temas de cultura e ação católica; americanismo e fordismo.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.

HARVEY,D. **Condição Pós-Moderna. “Do Fordismo à Acumulação Flexível”.** São Paulo, Edições Loyola, 2006.

HARVEY. D. **O neoliberalismo: história e implicações.** São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna.** 22º Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

HOBOLD, F. **Neoliberalismo e Trabalho: A Flexibilização Dos Direitos Trabalhistas.** Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Direito. Florianópolis, abril de 2002. Acessado em: 01 de outubro de 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/82629>.

I FOOD anuncia novo fundo solidário com foco nos grupos de risco do Covid-19. Mercado & Consumo, Notícias, 31 mar. 2020. Disponível em: <https://mercadoeconsumo.com.br/31/03/2020/noticias-varejo/food-anuncia-novo->

[fundo-solidario-com-foco-nos-grupos-de-risco-do-covid-19/](#). Acessado em: 21 de fevereiro de 2023.

**ÍNDICE. Desemprego nos EUA caiu para 3,8% em fevereiro. UOL, Economia, 8 mar. 2019.** Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/efe/2019/03/08/indice-dedesemprego-nos-eua-caiu-para-38-em-fevereiro.htm>. Acesso em: 8 DE JULHO DE 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. **Indicadores IBGE Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Primeiro Trimestre de 2021.** Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2021/05/pnad-trimestral-27mai2021.pdf>. Acessado em: 31 de julho de 2022.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/26741-desemprego-cai-para-11-9-na-media-de-2019-informalidade-e-a-maior-em-4-anos>. Acessado em: 10 de outubro de 2022.

IPEA,2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-05/ipea-brasil-tem-15-milhao-de-motoristas-e-entregadores-de-produtos>. Acessado em: 10 de janeiro de 2023.

KALIL, B.R. **Capitalismo de Plataforma e Direito do Trabalho: Crowdwork e Trabalho Sob Demanda Por Meio de Aplicativos.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo- Faculdade de Direito, 2019.

KALIL, B.R. **A regulação do Trabalho Via Plataformas Digitais.** São Paulo: Blucher, 2020. 308 p.

KONDER, Leandro. **A questão da Ideologia.** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KREIN, J. D; GALVÃO. **A Contrarreforma Trabalhista e a Fragilização das Instituições Públicas do Trabalho.** Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região, n. 53, 2018. Disponível em: [https://juslaboris.tst.jus.br/bitstream/handle/20.500.12178/182350/2018\\_galvao\\_andreia\\_contrarref\\_trabalhista.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://juslaboris.tst.jus.br/bitstream/handle/20.500.12178/182350/2018_galvao_andreia_contrarref_trabalhista.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acessado em: 17 de fevereiro de 2023.

LAFARGUE, Paul. **O Direito à Preguiça.** São Paulo: Kairós Livraria e Editora, 1983. 109 p.

LARA,D. **Centenares de repartidores proautónomos se manifiestan contra la ‘ley rider’ alentados porlas plataformas.** EL PAÍS, 2021.DIsponível em: <https://elpais.com/economia/2021-03-03/centenares-de-repartidores-proautonomos-se-manifiestan-contr-la-ley-rider-alentados-por-las-plataformas.html>. Acessado em: 21 de fevereiro de 2023.

- LEITE, E.S; MELO, N. M. **Uma noção de empresário: a naturalização do empreendedor**. Revista Sociologia Política, 16, 31: 35-47, 2008.
- LENIN, V.I. **Imperialismo, Etapa Superior do Capitalismo**. Edição Eletrônica (e-book) com apresentação de Plínio de Arruda Sampaio Júnior. Campinas Brasil. 2011.
- LESSA, S. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Cortez, 2009. Disponível em: [https://www.sergiolessa.com/CapLivro08/mrx\\_lkcs\\_classes\\_2008.pdf](https://www.sergiolessa.com/CapLivro08/mrx_lkcs_classes_2008.pdf). Acessado em: 10 de setembro de 2022.
- LIGUORI, G.. “**Ideologia**”. In: FROSINI, Fabio e LIGUORI, Guido (orgs.). *Le parole de Gramsci* (Roma: Carocci, 2010).
- LIMA, R. Mercado de trabalho : **o capital humano e a teoria da segmentação**. Pesquisa e Planejamento Econômico, v. 10, n. 1, p. 217-272, 1980
- LIMA, J. C. **Empreendedorismo, informalidade e terceirização na produção de confecções: Experiências no nordeste brasileiro, in. J. C. Lima (Org). O trabalho em territórios periféricos: estudos em três setores produtivos**. São Paulo, Anablume. 2020.
- LUNA, J. C.; LUIZ. B.N. **Contribuições Marxistas para Compreender as Relações de Trabalho na Sociedade Brasileira**. Revista Expedições, Morrinhos/GO, v. 9, n. 3, mai./ago. 2018 – ISSN 2179-6386. Disponível em: [https://www.revista.ueg.br/index.php/revista\\_geth/article/view/7801](https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/view/7801). Acessado em: 07 de setembro de 2022.
- MARX, K. *La Guerre Civile en France, 1871 (A COMUNA DE PARIS)*. Edições Enfrentamento. 1963. 92 Páginas.
- MARX, K. **Carta a Annenkov. In: Obras escolhidas, Tomo I**. Lisboa: Edições Avante!, 1982.
- MARX, K. ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. Trad. Pietro Nasseti. 2.ed. São Paulo. Editora Afiliada, 2008.
- MARX, K. **O Capital**. 2 ed. São Paulo: Nova Cultura, 1985. (Os Economistas).
- MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2002. 198p.
- MARX.K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- MARX, K. **Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844**. Tradução Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo,2010.
- MARX, K. **O capital: crítica da economia política, livro 1: o processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MASTER JURIS. Disponível em: <https://masterjuris.com.br/como-e-definido-o-trabalho-analogo-a-escravidao/>. Acessado em 22 de novembro de 2021.

MATTOS, M. B. **Movimento, mobilização e ação coletiva**. Disponível em: <https://blog.esquerdaonline.com/?p=8055>. Acessado em: 9 de janeiro de 2023.

MENDES.A.S.F; OLIVEIRA.D.S. **Movimentos Sociais e Tics: Um Caminho Usado Pelo Movimento Negro No Brasil**. Anais do III Congresso Internacional e V Congresso Nacional de Movimentos Sociais e Educação/ISSN: 2525-4588 CATEGORIA: COMUNICAÇÃO ORAL, 2021. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/cicnmse/article/view/10111>. Acessado em: 14 de janeiro de 2023.

MÉSZÁROS, István. **Beyond capital – Towards a theory of transition**. Merlin Press, Londres, 1995

MILIBAND, R. **Análise de classes**. In: GIDDENS, A. e TURNER, J. Teoria social hoje. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

MODA, F. **Uberizados no Brasil: quem são; como resistem**. Outras Palavras, 2022. Disponível em: <https://outraspalavras.net/trabalhoeprecariado/uberizados-no-brasil-quemsao-como-resistem/>. Acessado em: 12 de agosto de 2022.

NÚCLEO de ESTUDOS CONJUNTURAIS da FACULDADE de ECONOMIA, da UNIVERSIDADE FEDERAL da BAHIA (UFBA). **Levantamento sobre o trabalho dos entregadores por aplicativos no Brasil. 2020**. Disponível em: <http://abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relato%CC%81rio-de-Levantamento-sobre-Entregadores-por-Applicativos-no-Brasil.pdf>. Acessado em: 20 de julho de 2022.

Organização Internacional do Trabalho- OIT. **Perspectivas Sociales y del Empleo en el Mundo: Avance global sobre las tendencias del empleo femenino 2018 Oficina Internacional del Trabajo – Ginebra**: OIT, 2018. Disponível em: [Perspectivas Sociales y del Empleo en el Mundo – Avance global sobre las tendencias del empleo femenino 2018 \(ilo.org\)](https://www.ilo.org/public/pt/employment/2018/08/01/avance-global-sobre-las-tendencias-del-empleo-femenino-2018-ilo.org). acessado em 21 de dezembro de 2022.

OLIVEIRA, C. A.B. **Considerações sobre a formação do capitalismo. Dissertação de mestrado em filosofia e ciências humanas**. Campinas, Unicamp, 1977.

POCHMANN,M. **Os Três Tempos do Neoliberalismo no Brasil: Collor, FHC e Temer**. Rede Brasil Atual 2016. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/blogs/blog-na-rede/2016/12/neoliberalismo-em-tres-tempos-no-brasil-7265/> .Acessado em: 10 de setembro, de 2022.

RÁDIO AGÊNCIA NACIONAL. **Os jovens são os mais afetados pelo desemprego**. Publicado em agosto de 2021. Brasília. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/economia/audio/2021-08/pesquisa-aponta-que-os-jovens-sao-os-mais-afetados-pelo-desemprego>. Acessado em: Acessado em 19 de nov de 2021.

REIS.L.H.F. **Juventude LTDA.: A ideologia do empreendedorismo na formação dos jovens do século XXI.** Florianópolis. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/211371>. Acessado em: 13 de janeiro de 2023.

REMIR Trabalho. **Os Entregadores e o Falso Dilema da CLT.** Disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/remir/index.php/blog/197-os-entregadores-e-o-falso-dilema-da-clt>. Acessado em: 24 de fevereiro de 2023.

SAGÁRIO.M.C; JÚNIOR.M.C.P.G. **Os Trabalhadores na sociedade Contemporânea: Entre o Chrónos e o Kairós.** 2010. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/estadoepoder/7snep/docs/037.pdf>. Acessado em: 10 de janeiro de 2023.

SALIMON, M.I; SIQUEIRA, M.V.S. **Ideologia gerencialista e subjetividade do trabalhador no terceiro setor.** Brasília, Distrito Federal, Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Administração, Brasil. Recursos Humanos & Organizacionais • Rev. Adm. (São Paulo) 48 (4) • Dez 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rausp/a/j3nKPmsCqnzH9zNG4Lx7qwm/?lang=pt#>. Acessado em: 15 de junho de 2022.

SANTANA,M.A. **Classe Trabalhadora, Confronto Político e Democracia: O Ciclo de Greves do ABC Paulista e os Desafios do Sindicalismo Atual.** Lua Nova, São Paulo, 104: 19-65, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/f77DLNRZ6wnwtgcsfpnyFMr/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 15 de fevereiro de 2023.

SANTANA, M.S. **Tecnologia, Trabalho e Neoliberalismo: A uberização e os direitos dos trabalhadores de aplicativo no Brasil.** Paripiranga. 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/14884/1/Tecnologia%2C%20trabalho%20e%20neoliberalismo%20-%20a%20uberiza%C3%A7%C3%A3o%20e%20os%20direitos%20dos%20trabalhadores%20de%20aplicativo%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 19 de nov de 2021.

SECRETARIA GERAL- **BRASIL 2017- Subchefia para Assuntos Jurídicos.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/113467.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113467.htm). Acessado em: 22 de novembro de 2021.

SILVA, N; TOLFO, S.R. **Psicologia organizacional.** Universidade Federal de Santa Catarina Pró-Reitoria de Ensino de Graduação Departamento de Ensino de Graduação a Distância Centro Socioeconômico Departamento de Ciências da Administração. 3ª edição. 2014. Disponível em: [http://arquivos.eadadm.ufsc.br/EaDADM/UAB3\\_2013-2/Modulo\\_3/Psicologia%20Organizacional/material\\_didatico/Psicologia\\_3ed.pdf](http://arquivos.eadadm.ufsc.br/EaDADM/UAB3_2013-2/Modulo_3/Psicologia%20Organizacional/material_didatico/Psicologia_3ed.pdf). Acessado em: 10 de junho de 2022.

SILVER, B. **Forças do trabalho: movimentos de trabalhadores e globalização desde 1870.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

SINGER, André. **Os sentidos do lulismo. Reforma gradual e pacto conservador.** Companhia das Letras. Editora Schwarcz S.A. São Paulo, 2012.

SISTEMA IBGE DE RECUPERAÇÃO AUTOMÁTICA – SIDRA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral - PNADC/T. IBGE, 2019.**

Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pnadct/tabelas>. Acessado em: 17 de setembro de 2022.

SOUZA. A. M. **Jovens e Educação Empreendedora: Que Discurso é Esse?**

Educação UCG 2006 Mestrado. Disponível em:

<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/1163>. Acessado em: 6 de janeiro de 2023

TEIXEIRA, D.L.P.; SOUZA, M.C.A.F. **Organização do processo de trabalho na evolução do capitalismo.** Rev. Adm. Empr. Rio de Janeiro, 25 (4):65-72. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/6JVy5BfzcBL9C64MW5NfQ8G/?lang=pt>

Acessado em: 4 de setembro de 2022.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria: ou um planetário de erros.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3 v.

VENDRAMINI, C; TIRIBA, L. **Classe, cultura e experiência na obra de E. P. Thompson: contribuições para a pesquisa em educação.** HISTEDBR On-line, Campinas, nº 55, p. 54- 72, 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640461>.

Acessado em: 27 de dezembro de 2023.

VERAS DE O. R. **Bases produtivas e padrões de trabalho no Nordeste nas últimas décadas.** No prelo. 2020.

VIANNA, N. **Os Movimentos Sociais durante o Capitalismo Oligopolista Transnacional.** Revista “Café com Sociologia”, Vol.3, Nº3. set./dez. de 2014.

Disponível em:

<https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/349#:~:text=O%20nosso%20objetivo%20%C3%A9%20analisar,emerg%C3%Aancia%20do%20aparecimento%20de%20um>. Acessado em: 15 de junho de 2022.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** Editora: Martin Claret; 1ª edição. 1992.

**REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS:**

Jeff Fernandes. POR QUE NÃO FICAMOS EM CASA? | TRABALHANDO DURANTE A PANDEMIA. 2020. Disponível em: [POR QUE NÃO FICAMOS EM CASA? | TRABALHANDO DURANTE A PANDEMIA - YouTube](#). Acessado em: 21 de fevereiro de 2023.

Entregador de Lanches. PROCESSO IFOOD X MTP SINDICATO/ EU ESTAVA LÁ!!. 2020. Disponível em: [PROCESSO IFOOD X MTP SINDICATO/ EU ESTAVA LÁ!! - YouTube](#). Acessado em: 21 de fevereiro de 2023.

Jornalista livres. Fala de Paulo Galo- SENSACÃO MÁGICA – BREQUE DOS APPS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g756zsVmLu0&t=64s>. Acessado em: 21 de fevereiro de 2023.

MEP-SINASEFE. MEP SINASEFE manifesta apoio ao breque dos Apps! Paralisação Nacional dia 01/07!. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7PgcdNeJXt8>. Acessado em: 21 de fevereiro de 2023.

RESENHA TRABALHISTA. Pelo que lutam os entregadores e o que temos com isso?. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u0ifxhL1LZg>. Acessado em: 24 de fevereiro de 2023.

Ticoloko Motoka. IFOOD!! FUNDO DE 1 MILHAO P/ AJUDAR ENTREGADORES. 2020. Disponível em: [IFOOD!! FUNDO DE 1 MILHAO P/ AJUDAR ENTREGADORES □□ - YouTube](#). Acessado em: 20 de fevereiro de 2023.

Ticoloko Motoka. FUI PRA RUA EM PLENA EPIDEMIA!. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uFGKSAikHC0>. Acessado em: 21 de fevereiro de 2023.

Treta no Trampo. Perfil. Disponível em: [Treta \(@tretanotrampo\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acessado em: 20 de fevereiro de 2023.

Trabalhadores de Apps em Cena. Perfil de Intagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/trabalhadoresdeappsemcena/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D>. Acessado em 23 de fevereiro de 2023.

TV Boitempo. Uberização, Indústria Digital e Trabalho 4.0, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C8g3cn0F4pY>. Acessado em: 22 de fevereiro de 2023.

## ANEXO A: Carta da Aliança do Entregadores de Aplicativos para o Governo Federal, Centrais Sindicais e Empresas de Aplicativos

### ALIANÇA DOS ENTREGADORES DE APLICATIVOS

*Carta Aberta destinada ao Governo Federal, Centrais Sindicais e Ifood e demais aplicativos de transporte delivery.*

Diante da falta de representatividade da nossa categoria, que embora represente a maior parte dos entregadores, não somos efetivamente representados pelas centrais sindicais, tampouco há espaço para diálogo e compreensão das nossas demandas. Diante da ausência de diálogo da nossa categoria com o Poder Público e com a IFOOD e demais aplicativos de entrega, formamos a **ALIANÇA DOS ENTREGADORES DE APLICATIVOS (AEA)**, composta por lideranças de Brasília/DF, Porto Alegre/RS, Rio de Janeiro/RJ e São Paulo/SP.

Exigimos nossa participação ativamente de todos os projetos e discussões relativas ao nosso ofício e queremos melhores condições de trabalho, bem como respeito e valorização dos profissionais que exercem esta atividade essencial para toda a sociedade.

Também exigimos melhores condições na atuação junto ao Ifood e demais aplicativos, a criação de um fundo social para a proteção do trabalhador e um canal direto e permanente de diálogo com os aplicativos visando sempre a busca por melhores condições na relação entre os trabalhadores e aplicativos.

Diante do atual cenário, em que buscamos diálogo e efetivamente participar das discussões que atingem diretamente nosso ganha pão e o sustento de milhares de famílias, faremos uma grande paralisação no dia 25 de janeiro de 2023. Tendo como foco os principais centros comerciais do Brasil e sedes dos escritórios do Ifood e demais aplicativos de transporte.

Nossas reivindicações são as seguintes:

- (i) **Reajuste da taxa de entrega;**
- (ii) **Fim da entrega dupla e tripla;**
- (iii) **Volta do plano de bike para R\$ 9,90**
- (iv) **Apólice de seguro**

8 de novembro de 2022.

<b>JR FREITAS</b>	Motoboy e entregador a 18 anos na profissão (SP)
<b>ABEL SANTOS</b>	Vice-Presidente da ATAMDF (DF)
<b>JEAN CLEZAR</b>	Associação dos Cicloentregadores ( Porto Alegre/RS)
<b>LUIZ CORRÊA</b>	Presidente do SINDIMOBIL (RJ)
<b>RALF MT</b>	Diretor do SINDIMOBIL e Youtuber Influencer (RJ)
<b>APOIO :</b>	TRETA NO TRAMPO

**Fonte:** Aliança dos Entregadores de Aplicativos